

when you fall
in love with a

villain

you also turn
into one

TOXIC

NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

NICOLE BLANCHARD

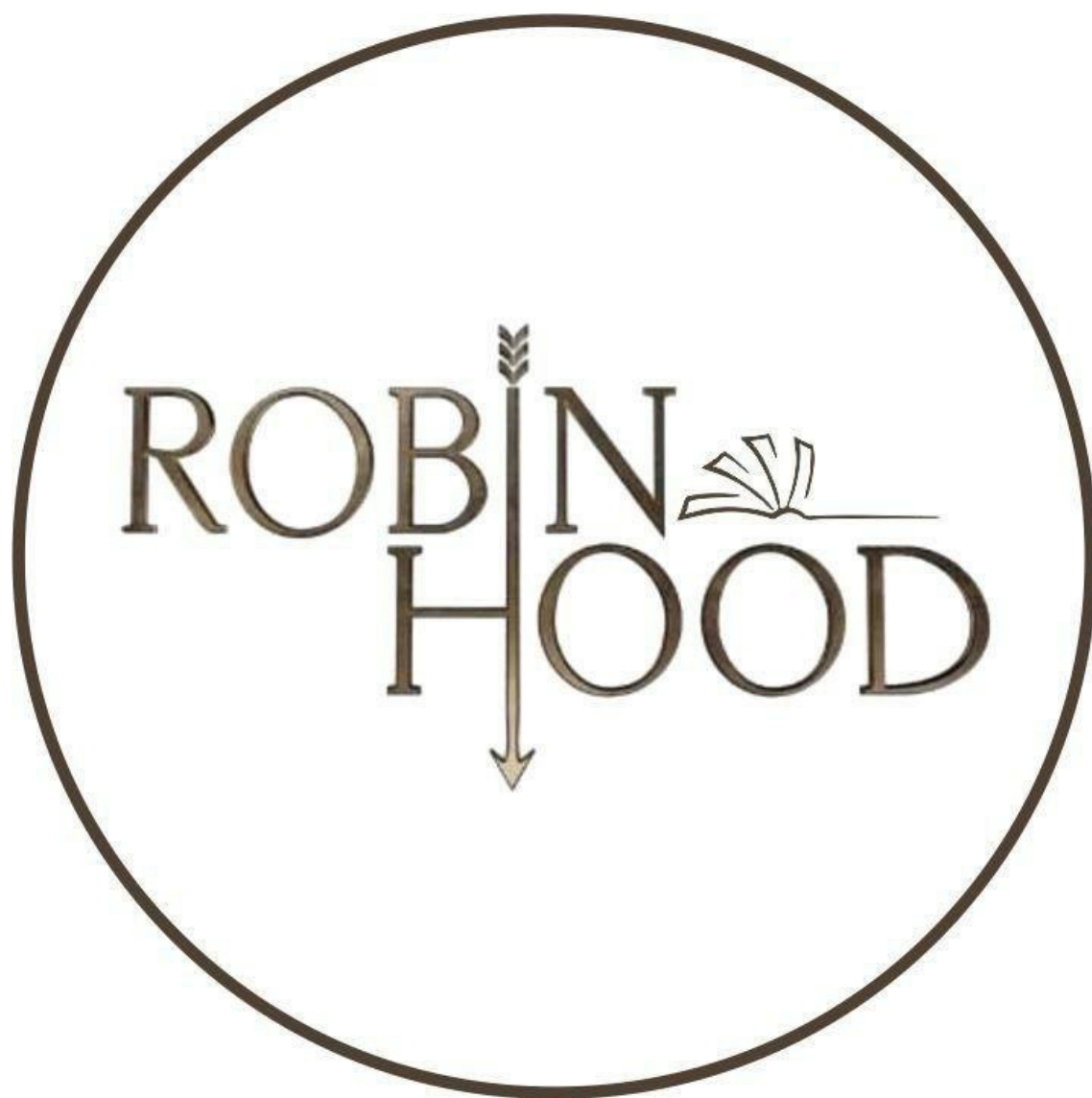
VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

TOXIC

NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

NICOLE BLANCHARD



SINOPSE

King era apenas mais um paciente. Um criminoso. Eu nem tinha certeza de que esse era seu nome verdadeiro.

Como enfermeira da prisão, eu conhecia as regras: fazer meu trabalho, não me envolver e nunca deixar um prisioneiro me irritar.

Eu quebrei as três.

Minha paixão, minha obsessão, meu vício. Arrisquei minha vida inteira para que pudéssemos ficar juntos.

Achei que ajudá-lo a escapar da prisão seria a parte mais difícil.

Acontece que quando você se apaixona por um vilão, você também se transforma em um.

Para todas as boas garotas com um lado sombrio.

CAPÍTULO UM

Há manhãs em que acordo sem saber ou me importar que dia da semana seja. Às vezes, passo longos períodos de tempo sem nunca verificar a data. Prefiro-o dessa maneira.

Há menos chance de eu ter a esperança de uma vida melhor se todo o nada se misturar.

Acima de mim, meu marido trabalha meu corpo com movimentos praticados que eu própria reconheço e respondo, mesmo que apenas por hábito. Sua cabeça cuidadosamente se inclina para o lado para que ele não tenha que me olhar nos olhos. Como ele me disse inúmeras vezes “Foder não precisa ser pessoal para ser eficaz.” De alguma forma, ele ensinou meu corpo a acreditar nele. Tocou e afinou tão bem quanto um músico afina um instrumento. Ele me dobra e me molda ao seu gosto, eu o deixo até que eu não seja nada mais do que uma coisa que ele programa para seu prazer – sua rainha do pornô/robô sexual da vida real. É uma maravilha que algo tão maltratado ainda possa responder à causa de sua negligência.

O arranhão suave de seu corte de cabelo raspado esfrega o lado do meu rosto em carne viva. É uma irritação da qual não ousa me afastar. O cheiro de sexo, almíscar e lubrificante, enche meu nariz, então eu mudo para gemer da minha boca. Ele gosta quando eu faço barulho, mesmo que seja mais para seu benefício do que qualquer reação real a qualquer coisa que ele esteja fazendo entre minhas pernas.

Os dedos machucam a pele dos meus pulsos com a mesma facilidade com que podem esmagar a delicada carne de um pêsego. Dedos que antes eram motivo de deleite, mas agora causam nada além de devastação. Os movimentos de Vic aceleram com o meu grito estrangulado até que ele entra em mim em um ritmo implacável. Eu levanto meus quadris no mesmo ritmo dele, mesmo que seja apenas para dar vida a uma faísca garantida para queimar o nada que minha existência se tornou. Qualquer coisa para esquecer.

Cada impulso de seu pau mistura prazer e dor até que eu não saiba

diferenciar um do outro. Até que eles se misturem na escuridão insondável que eu conheço e amo. Eu o alcanço, ansiando que ele me envolva em seu conforto sombrio.

Seus grunhidos me puxam na outra direção, de volta à realidade. O prazer desaparece com cada uma de suas exalações afiadas no meu ouvido, a ponta afiada do esquecimento embotada para um lembrete irritante. Uma coceira para sair ilesa. Eu quero rosnar para ele e arranhá-lo, mas eu torço meus punhos na colcha em vez disso e fecho meus olhos até que a umidade vaza dos cantos e desce pelo meu rosto para molhar minha franha. Ao nosso lado na mesa de cabeceira, um alarme soa, mentalmente conto os longos minutos até que ele termine e eu possa desligá-lo.

Com seus braços uma gaiola implacável em volta de mim, ele endurece em cima de mim e geme. A promessa de esquecimento se desvanece, levando consigo a feliz sensação de nada. O bipe perfura a prometida neblina de alívio e a realidade abre caminho de volta. O suor grudando em nossos torsos me lembra de como me sinto suja, mas sei que é melhor não me mexer, é melhor esperar até que ele saia de cima de mim.

Quando ele o fizer, eu vou rolar para o meu lado da cama, fazer barulhos apreciativos quando ele perguntar se estava tudo bem para mim, então eu vou tomar banho e me preparar para mais um dia. Repito as listas de tarefas em minha mente até que ele alavanca seu peso em uma mão antes de jogá-lo para o lado com outro grunhido. Eu solto uma respiração aliviada e me cubro com um lençol. Há muito tempo perdi a capacidade de sentir vergonha no que diz respeito a ele, mas há uma parte de mim - no fundo - que sempre precisa correr e se esconder.

Ele cai de costas com um gemido satisfeito e bate em seu estômago com uma mão carnuda. — Você precisa de um banho. — diz ele. — Você parece uma merda.

Outra de suas escavações não tão sutis. Eu engulo minha resposta raivosa e digo a ele que vou. Sua atenção se volta para o cheiro de café no andar de baixo. Quando ele se balança para fora da cama, minha respiração e batimentos cardíacos voltam ao normal, já estou contando os segundos até que eu possa seguir em frente com o meu dia, mesmo que eu tenha que

começar tudo de novo, amanhã de manhã.

Ele caminha até a cadeira da escrivaninha, pega seu roupão e o joga sobre os ombros. Sem outra palavra ou um olhar para trás ou mesmo uma demonstração de preocupação pelo fato de eu não ter terminado, ele sai do quarto e desaparece no corredor. Depois de alguns segundos, ouço os sons de armários se abrindo, seguidos pelo clique de sua xícara de café no balcão, em seguida, o som de salpicos de líquido.

Eu empurro o desconforto para o fundo da minha mente – como faço com todo o resto – e vou tomar um banho. A água quente não lava muito além do suor grudado na minha pele. Eu nunca entendi as pessoas que pensavam que os chuveiros poderiam torná-los limpos. Eu me sinto tão suja ao sair deles quanto ao entrar. Há algumas coisas que água e sabão simplesmente não podem lavar.

Eu visto um uniforme simples de jaleco cinza, seco meu cabelo longo e escuro até que fique liso, depois o prendo para trás em um coque severo na minha nuca. Eu só coloco corretivo nas manchas de lavanda abaixo dos meus olhos e passo rímel nos meus cílios – mais por hábito do que qualquer preocupação real com minha aparência física. Menos é melhor. A última coisa que preciso é chamar atenção para mim. De Vic ou de qualquer outra pessoa. Eu me tornei muito habilidosa em me misturar ao fundo.

Com uma respiração firme, viro as costas para o espelho e me junto a ele na cozinha. Ele está sentado à mesa com o jornal aberto à sua frente, a xícara de café em seu cotovelo, o vapor saindo de cima. É uma manhã típica. Quase pitoresca. O maldito sonho americano. Tudo o que está faltando são as crianças de dois vírgula cinco¹ e o golden retriever.

Encho uma garrafa térmica com café e pego uma banana como algo para encher meu estômago entorpecido. — Tenha um bom dia no trabalho. — digo a sua cabeça baixa enquanto passo por ele até a porta.

Ele me para com uma mão no meu braço e inclina sua bochecha para mim. Eu o abençoo com um beijo, ele diz — Vejo você no jantar. — A ameaça subjacente do que acontecerá se eu me atrasar pesa entre nós. O jantar deve ser servido pontualmente às seis de um menu aprovado. A falta

de autonomia não importa. Há muito tempo perdi a capacidade de apreciar a comida que como, é apenas um dos aspectos da minha vida que ele controla.

Dispensando-me, ele se volta para seu jornal, empurro a porta lateral que leva à nossa garagem coberta. É fevereiro em Upper Michigan, o frio penetra pela minha jaqueta com dedos gelados e penetrantes. Na pressa de sair de casa e do meu marido, esqueci-me de pegar as luvas. Voltar é impensável, então destranco o carro com os dedos dormentes e resolvo lidar com isso.

O percurso para o trabalho é um processo árduo. As estradas estão escorregadias por causa da neve da noite anterior — está muito cedo para os varredores, mas não tenho tempo de esperar que eles abram o caminho. A camada de gelo sob o pó fresco se quebra quando chego ao portão para mostrar minha identificação.

O oficial de plantão, Ernie, coloca a cabeça para fora da janela antiga, suas bochechas vermelhas em chamas. Apesar de suas sobrelanceiras brancas e espessas, não posso perder sua avaliação.

Sem uma palavra, entrego meu crachá. Qualquer bom dia amigável que eu planejei murcha enquanto os olhos de Ernie se demoram no V do meu uniforme descoberto pelo meu casaco aberto. Quando ele finalmente se afasta, eu espero enquanto ele digitaliza no computador. Eu quero estalar com ele e dizer-lhe para manter os olhos para si mesmo, mas não o faço. Ele vai passar o resto do dia aqui no frio, digo a mim mesma. Seu sofrimento é um conforto. Eu nem sempre costumava ser tão fria, enquanto espero, a irritação que reprimi por perder a dormência agradável esta manhã volta mil vezes. Só que desta vez é dirigido a Ernie. Minha complacência em seu olhar descarado me lembra do que Vic me transformou, quero descarregar minha raiva em Ernie agarrando seu pescoço e batendo seu rosto no batente da janela.

O surto de raiva me choca, pulo quando Ernie se inclina para frente com meu crachá. — Ei, calma. — diz ele como se eu fosse um cavalo assustado que ele pudesse acalmar. — Deve estar nervosa por causa do grande dia.

Eu me certifico de levar minha identidade entre dois dedos para não ter que tocá-lo novamente. Minha concentração é tão absoluta que leva alguns longos segundos de silêncio para eu perceber que ele está esperando pela minha resposta.

— Por que isso? — Eu pergunto, sabendo que há olhos em mim, mesmo agora, que reportarão ao meu marido, que, como diretor de Blackthorne, não deve ser contrariado. Apesar dos meus sentimentos, devo bancar a esposa obediente e ter uma conversa agradável, porque qualquer funcionário que encontrar tem o potencial de transmitir minhas ações de volta ao Vic.

Ernie faz uma careta. — Recém-chegados. — diz ele lentamente. — Você não ouviu? Um deles deveria ser uma verdadeira obra de arte.

Pálpebras fechando por um segundo com a memória da conversa da noite passada com meu marido, eu me lembro dele mencionando que eu deveria ter cuidado extra hoje. Aparentemente, um dos novos presos é de alto risco. Ele deveria ser se justificasse tal advertência.

— Deve ser o próprio presidente. — lembro-me de dizer.

Ernie bufa. — Tenho certeza que ele pensa que é. Tome cuidado agora. Não gostaria de um desses criminosos agredindo esse seu lindo rosto.

O riso borbulha no meu peito e quase se liberta. Por um momento, ele ameaça me ultrapassar, mas eu o sufoco e aceno para um Ernie perplexo enquanto estaciono meu carro no estacionamento.

A corrida rápida do meu carro até a entrada leva uma eternidade. Nesse ínterim, perco toda a sensação ao sul de minhas rótulas, as pontas dos meus dedos e nariz formigam com o calor entorpecente. Quando entro no escritório úmido da frente, sonho acordada com praias de areia, bebidas de coco e multidões grandes o suficiente para me perder.

Não importa o quanto eu pense sobre isso, no entanto. Uma pequena parte da minha mente sabe que essas paredes da prisão são minha realidade. Eu empurro pela entrada principal de funcionários, tiro meus sapatos confortáveis e os entrego junto com minha lancheira para o oficial que opera o detector de metais. Ele acena com a cabeça bom dia, mas não

me envolve em conversas inúteis. Seus olhos mal registram minha presença.

Uma vez que eu tenho meus sapatos de volta, eu recupero minhas chaves para o médico da sala de controle. O oficial de plantão faz uma pausa antes de entregá-las.

Aprendi que é melhor esperar pequenas jogadas de poder como essa, então olho para o homem de meia-idade barrigudo até que ele fale. — Você tem um paciente esta manhã.

— Oh? — Eu digo sem inflexão, embora desperte minha curiosidade que eu não estou no trabalho há dez minutos e já alguém está esperando por tratamento. — Quem é esse?

O oficial recua, sei que deveria ter continuado em movimento. Não é como se eu não fosse descobrir quem é o paciente em alguns minutos. Olho para as portas, insinuando que gostaria que ele me deixasse passar, ele cede sem responder minha pergunta. O corredor interno está tão silencioso quanto uma tumba pela primeira vez. O silêncio é tão incomum que fico olhando para trás, esperando que alguém salte de uma das portas.

A caminhada até o consultório médico é longa, estou tão nervosa que nem olho para cima quando destranco a porta. Meus olhos estão em meus pés enquanto coloco meu almoço na geladeira no pequeno escritório que eles têm para as enfermeiras de plantão. Eu me viro para pegar os prontuários dos pacientes durante a noite e quase suspiro quando percebo que não sou a única pessoa na sala.

Abro a boca para gritar ou questionar sua presença, mas algo me impede. Sem dizer uma palavra, o homem sentado na mesa de exames à minha frente consegue fazer o que meu marido levou dois anos para aprender: como me calar com apenas um olhar.

O cabelo da minha nuca se arrepia quando meu corpo reconhece um predador em seu meio. A camada de músculo sob a minha pele se contrai, preparando-se para a fuga mesmo quando dou um passo para mais perto do prisioneiro na minha frente. Os outros oficiais e enfermeiras estão na enfermaria, que fica perto, mas ao mesmo tempo a uma eternidade de distância. Não há nada que impeça esse homem de me machucar. Leva

apenas um olhar para ele, para saber que está inteiramente dentro de suas capacidades, caso sirva aos seus meios. Músculos tensos, que são muito grandes para o uniforme padrão da prisão, esticam-se contra os limites do topo. Cordas de tinta serpenteiam em torno de seu antebraço direito e seu bíceps esquerdo.

Minha garganta balança reflexivamente enquanto meus olhos piscam para os dele. Ele não me provoca, mas seu sorriso fala mais alto do que palavras.

CAPÍTULO DOIS

Sou enfermeira no Instituto Correcional Blackthorne há cinco anos, então lidar com detentos, dos dóceis aos mortais, não é novidade. Nenhum dos truques do ofício que aprendi funciona para acalmar meu pânico quando ele dirige toda a força de sua atenção para mim.

— Eles disseram para você esperar aqui pelo seu exame de recebimento? — Eu pergunto, fico grata quando minha voz não trai meus nervos repentinos.

Ele levanta um ombro, o material de seu macacão manchado de sangue farfalhando na sala de exames.

Mesmo que os sinos de alerta estejam soando na minha cabeça, dou passos cuidadosos para frente até chegar ao final da mesa de exame onde ele está empoleirado. A maioria dos homens que vêm aqui para se cuidarem sabem que não devem mexer com a equipe, mas sempre há a chance de que hoje seja o dia em que um deles mude de ideia. Então, quando eu alcanço a prancheta pendurada em um clipe na ponta da cama que contém as informações dele, faço isso com um olho nele. Algo me diz que seria uma má ideia virar as costas para ele.

Depois de alguns passos cuidadosos para trás para permitir algum espaço muito necessário, arrisco uma olhada em seu gráfico. Não há nenhum nome nele, apenas seu número de preso, que transforma minhas entranhas em gelo e lava qualquer dúvida que eu possa ter sobre o quão perigoso ele é.

Provavelmente é o sangue.

Muitos prisioneiros brigam com outros presos ou oficiais durante o transporte, mas alguém deve tê-lo consertado em algum momento. Há um curativo no nariz e fita adesiva na maçã do rosto. O sangue na boca dele deve ser de um dente que foi arrancado, talvez? Ou um corte no lábio. De qualquer forma, não há nada que precise de minha atenção imediata, mas isso me lembra de ser cautelosa.

— Diz aqui que você não fez o questionário de histórico médico com os oficiais antes de eles te trazerem aqui.

Ele concorda.

— Ok, vamos começar com isso. — Vou para a minha mesa e me acomodo no meu espaço. — Você está vendo um médico por alguma doença ou problema de saúde em andamento?

Ele balança a cabeça, eu anoto. Além dos arranhões e hematomas, não preciso da avaliação para me dizer que ele está em perfeita saúde. Vitalidade exala dele, me tentando mais perto. Anos de aulas nas mãos de Vic me forçam a manter distância, mas não posso deixar de me perguntar como seria ter a atenção desse homem em mim em um ambiente diferente.

Eu olho de volta para o questionário para redirecionar meus pensamentos. Enquanto as engrenagens do meu cérebro param, bato a caneta na lateral da prancheta, tentando em vão reunir os restos do meu profissionalismo.

— Você está tomando algum medicamento prescrito ou de venda livre?

Ele dá outra sacudida de cabeça, me ocorre que podemos passar por toda esta entrevista sem que ele diga uma palavra.

Nós fazemos.

Ele responde a todas as perguntas com um aceno de cabeça ou um balanço de cabeça. Soube que ele nunca fez uma grande cirurgia, não tem alergias e não tem histórico familiar de nenhuma doença grave sem nunca saber seu nome ou o som de sua voz.

Assim que chego ao fim da história médica, paro de me preocupar com ele tentando qualquer coisa. Se ele fosse me machucar, ele já teria feito isso. Eu fiz essas triagens de admissão milhares de vezes, então uma vez que eu entro no ritmo, fica mais fácil esquecer minha primeira impressão dele junto com minha intriga e seguir os movimentos.

— Vamos colocar você na balança agora para que eu possa obter um registro do seu peso atual.

Ele resmunga, o que considero sua concordância, aceno para a balança na porta do escritório. Apesar de seu volume, ele se move com a graça de um felino enquanto atravessa a sala. A balança soa quando ele sobe, eu me ocupo em ajustar as medidas e fazer anotações no gráfico.

Quando olho para cima novamente, tenho que sufocar um suspiro porque ele está olhando para mim com uma intensidade surpreendente. A curiosidade descarada torna seu olhar afiado e faz meu estômago revirar com os nervos e excitação do tipo que eu não sentia há, oh, anos. É uma reação que, se eu agisse sobre isso, poderia me levar a dez tipos diferentes de problemas federais.

— Uh, vamos pegar sua altura agora.

Indico a fita métrica afixada na parede ao nosso lado, ele se aproxima obedientemente, o tempo todo me olha com uma expressão perplexa, como se eu fosse um problema que ele está determinado a resolver. Ele se submete ao meu manuseio enquanto registro sua altura. Um metro e oitenta de macho animal eleva-se sobre meu corpo de um metro e sessenta.

Sem pensar, eu empurro as mangas compridas do meu uniforme enquanto registro suas medidas e verifico o relógio enquanto eu desesperadamente faço a contagem regressiva para o meu primeiro intervalo. Acabei de chegar e já estou impaciente para rolar as dez e meia para conseguir quinze minutos de solidão.

Um arrepio percorre minha espinha, como a presa que sou, congelo antes de me forçar a olhar para a porta. Espero ver Vic parado ali, me observando. Essa é a única explicação que tenho para a forma como todo o meu corpo congela e a necessidade urgente de fugir toma conta. Eu examino a sala, certa de que ele está lá esperando que eu faça algo errado. Como respirar sem sua permissão. Em vez dos olhos do meu marido em mim, é a atenção do preso que está causando meu pânico. Meu olhar segue o dele, quando me movo para esconder meus pulsos, seus músculos ficam rígidos.

Contusões escuras e roxas circundam meus pulsos do aperto vicioso que Vic teve esta manhã na cama. Gotas de suor no meu lábio superior, meus ouvidos zumbem. Congelada em expectativa, não consigo pensar em

uma resposta ou desculpa apropriada – não que eu precise dar a ele, de todas as pessoas, uma desculpa. Depois de um momento de pausa carregada de suspense, onde meus olhos voam para os dele, viro as costas para ele e vou para a enfermaria para chamar os oficiais de volta para o prisioneiro. Uma vez que sempre parecemos estar com falta de pessoal, não é incomum que eles se dividam entre os dois quartos, agora, estou xingando isso por tudo que vale a pena.

Eu não vou tão longe.

Eu deveria saber melhor. Cada instinto desde que entrei na sala me disse para manter minha guarda, porque no momento em que eu tirasse meus olhos dele, ele atacaria.

E, foda-se, é exatamente o que acontece.

No longo espaço de um momento prolongado, ele está tão perto das minhas costas que seu calor me envolve. Ele me prende entre seu corpo e a parede, de frente para as minhas costas. Uma pontada de medo profundo me engole, não consigo controlar o gemido que explode da minha garganta.

Ele não comete o erro de me tocar, mas a ameaça está lá, no entanto. O que é exatamente o que ele quer que eu saiba. Ele pode estar atrás das grades, mas é ele quem tem o poder agora.

Ele fala pela primeira vez, meu corpo se transforma em gelo. Pelo menos eu espero que seja gelo. A única outra explicação é uma que nem vou considerar.

— Alguém machucou você, ratinha? — Sua voz é tão vazia e dura quanto seu olhar era. Um abismo de segredos e mentiras. Ele se mexe, mas ainda não me toca enquanto se inclina para frente e inala.

Ele está cheirando meu cabelo?

— É por isso que parece que você quer rastejar de volta para um buraco?

As palavras são uma impossibilidade.

Não parece importar para ele porque ele continua falando. — O que uma garota como você está fazendo neste lugar, afinal? Hum?

Ele não espera que eu responda, então eu não respondo. Acho que não conseguiria se tentasse.

Ele cutuca meu ombro, me tocando pela primeira vez para indicar que ele quer que eu me vire. Então, eu faço, certificando-me de manter um olho cauteloso nele. A respiração gagueja pelos meus lábios em rajadas destacadas. Minhas mãos se fecham em punhos ao meu lado.

Suas mãos levantam, eu me encolho. Minha reação é tão sutil que eu nem esperaria que ele percebesse, mas seus olhos piscam para os meus em uma compreensão abrupta. Há um puxão no bolso do peito do meu uniforme, mas não ousa desviar o olhar de seu olhar.

Eu só posso esperar.

Branco aparece na minha visão quando ele levanta meu cartão de identificação para sua linha de visão. Eu tremo com o gelo se acumulando no meu estômago enquanto ele estuda minha foto e meu nome.

— Tessa Emerson, RN. — ele murmura, olhando profundamente nos meus olhos. — É bom conhecê-la oficialmente. Suspeito que nos veremos muito.

Talvez seja a manhã passada debaixo do meu marido resmungando. Talvez seja o brilho autoconfiante nos olhos desse criminoso. Talvez seja insanidade. Seja o que for, isso se constrói dentro de mim. Minha pele fica apertada, eu quase espero que ela rache e se parta, mas isso não acontece. Em vez disso, meus braços disparam para frente, empurro seu peito com as palmas das mãos. Elas entram em contato com a parede de músculos firmes, enfatizando o quão impotente eu sou. Isso não move sua forma montanhosa, mas ele cede e me dá alguns poucos centímetros de espaço para respirar, o qual eu preciso desesperadamente. O ar entre nós está espesso com a tensão, me pego puxando-o com goles gananciosos, mas não é suficiente.

Minha explosão de raiva parece agradá-lo, porém, as rugas no canto de seus olhos se contraem e ele mostra os dentes em um sorriso selvagem.

Encontro minha voz, minha irritação crescendo com sua diversão. Eu sou a única no controle. — Afaste-se. — eu ordeno, desejando um pouco de

aço em minha voz.

Ele ergue as mãos em uma demonstração de complacência incomum enquanto os oficiais escolhem o momento seguinte para aparecer. Seus olhos giram para frente e para trás entre o preso e eu até que eles finalmente ficam focados em mim.

— Está tudo bem aqui? — um deles pergunta.

Eu poderia denunciar sua má conduta, mas mesmo quando o pensamento me ocorre, sei que não o farei. O pior é que ele parece ler minha mente sobre o assunto, seu sorriso se alarga. Explicar o que aconteceu a um oficial só significa que sussurros vazarão de volta para meu marido e eu pagarei o preço. Pela primeira vez, eu me ressinto dessa vida que Vic me forçou a viver. O oficial que falou impacientemente por entre os dentes. O som desliza sobre minha pele sensibilizada como um inseto indesejado, eu estremeço.

— Tudo bem. — eu respondo alguns segundos depois, incapaz de suportar a pausa desconfortável. — Tudo está bem.



Tudo certamente não está bem.

O sangue pinga do meu nariz, não consigo ver pelo meu olho direito. O líquido vermelho-escuro respinga no piso de ladrilhos imaculado e corre ao longo da linha de argamassa. Vagamente, eu contemplo quanto tempo vai demorar para eu esfregar enquanto meu marido agarra meu cabelo e me puxa de volta aos meus pés.

— Você me fez parecer um tolo. — diz ele, cuspe voando de seus lábios.

Sem dúvida, os policiais generosamente compensados correram para Vic no momento em que saíram da enfermaria. Não importava que nada tivesse acontecido entre o prisioneiro e eu. Não importava que eu nunca tivesse colocado a mão no homem fora de tentar empurrá-lo para fora do

meu espaço pessoal. O que importava era qualquer cenário fodido que Vic imaginasse em seu pequeno cérebro retorcido. Para absolver meus pecados imaginados, ele está me submetendo à sua versão de tortura.

Até que a morte nos separe, certo?

Eu tinha ido à polícia antes para denunciar seu abuso. Cheguei a prestar queixa. Fiquei apavorada, mas fiz o que achei que tinha que fazer para me salvar. Mas o Honorável Juiz Edward Milton — eu nunca esqueceria seu nome — desistiu do caso. Em vez de Vic ser punido, fui eu quem foi sentenciada e descartada como uma mulher emocionalmente instável. Agora eu faço a única coisa que posso... suportar.

Meus olhos se movem para a mancha no rejunte e começo a listar as maneiras de removê-la.

Primeiro, esfregue a mancha com uma esponja e um pouco de água fria.

Vic — ele odeia ser chamado de Victor, como eu soube na primeira noite em que ele me bateu em nossa lua de mel — me deu um tapa nas costas, fazendo minha cabeça virar para o lado. A força do golpe me joga para trás, fazendo com que o cabelo ainda enrolado em sua mão rasgue do meu couro cabeludo.

Se isso não remover a mancha, use uma escova de dentes com bicarbonato de sódio.

— Eu não quero que você se associe com aquele preso novamente, você está me ouvindo? McNair e Summers não conseguiam parar de sorrir para mim quando me encontraram. Você me humilhou.

Engulo de volta o sangue que se acumula na minha boca, meus olhos ainda nos azulejos manchados. O gosto metálico permanece no fundo da minha garganta e queima seu caminho até meu estômago. Ele se instala ali, uma pedra lançada em um lago de bile. Então ele me chuta no estômago para completar e a pedra se desintegra com a força da minha raiva. — Eu entendo. — eu digo, embora a palavra saia como um tremor. Eu o deixo assumir que é devido ao medo.

Seu punho aperta meu cabelo, forçando minha cabeça para trás até

que sua expressão desdenhosa preencha minha visão. — Veja o que você faz. — ele murmura. — Quando você o vir de novo, eu não quero ouvir sobre você flertando com ele. Você me entende?

Ele sabe que há circunstâncias em que apenas uma enfermeira está de plantão, mas eu aceno de qualquer maneira. Não adianta apontar. Em tempos como esses, a lógica parece apenas alimentar a loucura de Vic.

— Eu quero ouvir você dizer isso. — Suas palavras são duras enquanto ele as cospe em mim.

— Quando eu vê-lo novamente, eu não vou flertar com ele. — eu repito mecanicamente, sangue escorrendo pelo meu queixo de onde eu mordi minha bochecha para não dizer o que eu quero dizer.

Ele se afasta, enxugando as mãos nas calças do terno e zombando enquanto eu caio no chão. O azulejo frio pressionado contra meu rosto me aterra, cravo minhas unhas na pilha do tapete em vez de em seu rosto.

— Limpe-se antes de fazer o jantar. — Ele faz uma pausa para olhar no espelho e se enfeitar. — Acho que gostaria de bife esta noite.

Ele me deixa em uma bola, sangue pingando constantemente na argamassa. Levo um minuto antes que eu possa me puxar para uma posição sentada. Cada grito de um músculo alimenta a mesma onda de raiva que me inspirou a empurrar aquele preso. Pego uma esponja debaixo da pia e imagino o que aconteceria se eu fizesse a mesma coisa com Vic.

CAPÍTULO TRÊS

A única coisa “boa” sobre o punho de Vic na minha cara é que garante que não serei obrigada a fodê-lo por pelo menos alguns dias. Segundo ele, ele não fode feia. À sua maneira, suponho que seja um elogio dissimulado. No entanto, é culpa dele eu ter um lábio partido e um olho roxo em primeiro lugar.

Eu ligo para o trabalho durante o tempo que leva para o inchaço diminuir e fingir uma doença estomacal. Meu rosto não está exatamente de volta ao normal, pelo menos normal o suficiente para cobrir os hematomas com maquiagem. Vic esqueceu o que o irritou o suficiente para plantar seu punho no meu olho, pelo menos por enquanto. Felizmente, consegui aplacá-lo com boquetes e suas refeições favoritas, ele voltou a um temperamento agri-doce. Doce porque ele me adora, amargo porque eu sei que é apenas uma questão de tempo até que ele queira que eu transe com ele novamente. Eu tanto temo quanto anseio pela liberação que isso proporcionará, mas temo que ele seja capaz de dizer o quanto tocá-lo revira meu estômago.

Ele fala enquanto se veste, faço o meu melhor para ignorá-lo. Não é tão fácil como costumava ser. Não quando fico imaginando como seria derramar o café escaldante sobre sua cabeça careca ou “acidentalmente” despejar anti-congelante em sua aveia. Eu nunca costumava fantasiar sobre como seria machucá-lo, mas cada vez que ele me bate, as fantasias ficam mais e mais vívidas. Na semana em que estive de folga do trabalho, comecei a perder a noção do que é real e do que não é enquanto espero por qualquer punição horrível que ele tenha para mim em seguida.

— Ouviu-me? — Vic pergunta.

Eu estremeço quando passo o corretivo um pouco forte demais sobre as contusões ao redor do meu olho, em seguida, pisco rapidamente. A jogada mental que eu estava tendo quando espetei minha tesoura de cutícula na carne de sua coxa se funde com a realidade, me concentro no espelho e em Vic, que está atrás de mim.

— Desculpe. — digo assim que encontro as palavras. Eles não são tão fáceis de forçar como eram antes. — Estava pensando no trabalho. Posso pegar uma xícara de café para você?

Ele olha para o meu reflexo no espelho por tempo suficiente para fazer meu coração disparar. Quando ele apenas coloca a mão no meu ombro e o aperta, eu libero a respiração que estou segurando.

— Sem açúcar. — diz ele enquanto se vira para colocar os sapatos.

Eu sigo seus movimentos até que ele caminha pelo corredor, só então relaxo minha coluna. Eu não sou a única que estava agindo de forma peculiar na semana passada. Vic tem sido muito solícito, mais lento para se irritar e ousado dizer, atencioso. Isso só me deixa mais desconfiada. Estou tão nervosa que mal consigo comer ou dormir. O trabalho será como férias neste momento.

Antes que ele possa gritar para eu me apressar, consigo me concentrar o suficiente para terminar de me vestir. Eu gostaria de deixar meu cabelo solto para cobrir as sombras nas minhas bochechas, mas é contra os regulamentos, então eu o prendo de volta em uma torção. As pessoas no trabalho se acostumaram decepcionantemente com minhas desculpas, então duvido que alguém se dê ao trabalho de perguntar sobre minha aparência. Se eu tiver sorte, hoje será lento e também não terei tantos pacientes para tratar.

Vic está esperando na cozinha, corro como a boa garotinha que sou e preparo para ele uma garrafa térmica de café. Ele observa por cima do meu ombro, eu levanto minha bochecha para receber seu beijo enquanto pressiono a garrafa térmica em suas mãos. Eu fantasio em bater em seu crânio e quase posso ouvir o estalo agudo que faria, como seu corpo cairia no chão, como o sangue e o café se espalhariam pelo ladrilho.

Enquanto ele assobia em seu caminho para fora da porta, eu decido que é uma coisa boa eu saber como tirar manchas de sangue do rejunte.

Apenas no caso de.



Há duas enfermeiras na avaliação médica dos pacientes quando chego ao trabalho, mas a enfermaria está vazia. Passo muito tempo ao longo da manhã repassando os eventos do café da manhã na minha cabeça e tentando decidir se finalmente passei do limite. É por isso que, quando olho para cima e vejo o último prisioneiro que quero ver parado na porta, congelo, certa de que estou alucinando.

O que diabos ele está fazendo aqui?

— Detalhes de trabalho. — ele responde, percebo que devo ter falado em voz alta.

Furiosa por me sentir encurralada e até envergonhada, afasto-me dele. Encurrular minhas emoções e impulsos é como tentar impedir que as ondas molhem a areia. Não importa quantas barricadas eu coloque, algumas sempre conseguem transbordar. Tê-lo por perto não vai ajudar. Eu só o encontrei uma vez, sinto que ele pode ver além dessas barricadas e através de mim. Pior ainda, ele me faz querer derrubá-las e mostrar a ele todas as minhas partes macias e vulneráveis.

— Desde quando? — Pergunto quando posso olhar para ele sem querer correr na direção oposta. Trabalhar na área médica é uma posição cobiçada pelos presos. Sua presença só pode significar que Vic mudou suas táticas. Eu sabia que seu humor era bom demais para ser verdade. Ele estava usando este prisioneiro para me lembrar de quem tem o poder em nosso relacionamento, se eu colocar um único dedo fora da linha, serei punida.

Ele levanta um ombro e enfia as mãos nos bolsos. — Alguns dias atrás.

Meus dentes batem juntos em uma resposta automática às palavras acaloradas determinadas a vomitar. Acho que as surras de Vic servem para alguma coisa. Se nada mais, elas me ensinaram a controlar minha boca sarcástica. — Eles poderiam usá-lo na medicina para os pacientes de longo

prazo.

Antes mesmo de eu terminar a frase, ele está balançando a cabeça. — Disseram-me para vir aqui. — Então ele sorri um pouco. O bastardo está gostando de me ver contorcer.

— Muito bem. As manhãs serão lentas, mas você pode começar organizando os suprimentos no armário. — Qualquer coisa para mantê-lo fora do meu espaço pessoal. Duvido que ele entenda o significado do espaço pessoal.

Seu sorriso se alarga apenas uma fração, sou grata pelos guardas que alternam entre o médico e a enfermaria.

Sem outra palavra, olho para a papelada e faço mais algumas anotações. Meu cérebro está cheio de algodão branco, porém, mal me lembro do que escrevi. Eu continuo vendo flashes das fantasias distorcidas que tenho tido com Vic. Só que agora eles têm o horror adicional do olhar acalorado do prisioneiro sobre os frutos de minha autodestruição.

Se recomponha, Tessa.

A ponta da minha caneta crava no pedaço de papel, xingo baixinho quando ele rasga e arranha a superfície da mesa. Eu sou uma bagunça. Suspiro mentalmente. Oh, quem estou enganando, eu sempre fui uma bagunça. Minha vida tem sido um desastre desde o início. Pai abusivo. Mãe ausente. Nasci viciada em drogas e abandonada. Só vi meus pais dois meses depois, quando os médicos acharam que eu estava estável o suficiente para aguentar ir para casa. O Serviço de Proteção à Criança ficou de olho, claro, mas eu fui uma das sortudas que escapou das rachaduras. Acho que fui boa em ser invisível mesmo quando bebê.

Não foi surpresa que Vic visse a vítima que eu nasci para ser.

— Você está bem? — vem a voz do prisioneiro uma quantidade indeterminável de tempo depois.

Não sei por quanto tempo fico sentada olhando para a folha de papel rasgada, assim como não sei por que sua pergunta me enche de tanta tristeza. Por outro lado, não sei por que faço muitas das coisas que faço hoje em dia.

— Eu estou bem. — eu digo, satisfeita em notar que minha resposta é sem tom e apática. Encontro-me deslizando para o mesmo estado entorpecido ao qual volto quando Vic decide se forçar entre minhas coxas. Como se eu estivesse vendo minha vida de fora para dentro, de um lugar onde nada e ninguém pode realmente me machucar. — Quando você terminar com o armário, as camas podem precisar de uma nova troca de lençóis. — Indico as prateleiras com quadrados cuidadosamente dobrados de um verde doentio.

Eu me forço a voltar para a papelada que estou preenchendo, certa de que ele fará como instruído se eu continuar a ignorá-lo. O tédio da tarefa me distrai em meu novo estado entorpecido, alguns minutos se passam antes que eu pense em olhar para cima para verificar e ter certeza de que ele não decidiu contrariar minhas ordens.

Ele não se moveu um centímetro para cuidar das camas. Se alguma coisa, ele está mais perto do que estava momentos atrás.

Com um suspiro, me levanto e vou até a porta que leva ao médico para encontrar outra enfermeira para lidar com ele, mas penso melhor. Não vou fugir desse confronto, se vamos trabalhar juntos, ele vai aprender a aturar uma mulher que lhe dê ordens.

Com grande dificuldade, volto para a sala onde ele espera, com o quadril apoiado na mesa onde eu estava trabalhando. — O que você precisa? — Eu pergunto, olhando incisivamente entre a prateleira, as camas e ele. Quero acabar com isso o mais rápido possível, eu não me importo se ele sabe disso.

Ele empurra uma folha de papel para mim. — Nós nunca terminamos no outro dia.

Um bufo de escárnio me escapa. Eu coloco a mão na minha boca, assustada com a minha reação. Meu olhar arregalado voa até ele, mas encontro um sorriso em vez de uma carranca. É apenas um capricho dos lábios, mas o que mais chama a atenção são os olhos. Eu estava muito distraída quando nos conhecemos para notá-los, mas eles são um tom de verde que eu nunca vi antes. Tão brilhantes que parecem quase quimicamente alterados.

Quando consigo desviar o olhar, percebo que ele não está mais sorrindo. E eu estou olhando. Minha boca se firma em uma linha enquanto pego o papel dele antes de virar as costas para ele e me mover em direção à minha mesa. Nossa curta história já me ensinou que seria melhor manter distância o tempo todo.

Com um tom profissional, passo pelas perguntas, esperando concluir a entrevista rapidamente. Não cometo o erro de olhar para cima novamente, depois de um quarto de hora, terminei sem incidentes.

Eu lhe devolvo a papelada. — Isso será tudo? — Peço com um olhar penetrante para as prateleiras para ele voltar ao trabalho.

Mas ele apenas se aproxima do assento rígido de madeira e apoia os cotovelos na beirada da mesa. Ele se move e dirige seu olhar para os meus pulsos como se me lembrasse do que causou a tensão e a consciência tão delicada em primeiro lugar. Ele é uma cobra esperando para atacar, esperando para fazer perguntas que eu não quero responder. Então, eu puxo minhas próprias mãos para trás e coloco-as em minhas coxas, onde ele não pode inspecioná-las.

Mantenha-se profissional Tessa, eu me lembro enquanto imagino azulejos manchados de sangue e dor lancinante, de sexo mecânico e grunhidos laboriosos. Se eu vou ter que aturar ele, seria um erro deixá-lo cruzar mais os limites.

Aqueles olhos voltam para os meus, ele inclina a cabeça para o lado, percebo que tentativa fútil seria. Aparentemente, este homem tem como missão cruzar todas as linhas.

— Eu tenho trabalho a fazer se estiver tudo bem para você.

Seus olhos se estreitam, cravo minhas unhas nas palmas das mãos para o olhar feroz em seu rosto. — Seu homem gosta de colocar isso em você? — ele diz com um aceno de cabeça para o meu rosto e as contusões que eu não devo ter coberto completamente.

— Isso não é da sua conta. — Eu me levanto para colocar alguma distância entre nós. Um olhar impotente através da pequena janela para a área central da área médica mostra as enfermeiras em uma discussão

aprofundada ou atendendo pacientes. Não quero chamar muita atenção para nós. Se eu fizer isso, as notícias certamente chegarão a Vic, mas também quero que ele vá embora. Apanhada. Encurralada. Um olhar em sua direção mostra que ele sabe e se deleita com isso.

Eu mantenho um olho nele e o outro nas enfermeiras para que eu possa enxotá-lo assim que elas prestarem um pingão de atenção em nós. Os segundos passam como horas, mesmo que eu esteja gritando comigo mesma para fazer o contrário, eu não me movo quando ele fica de pé e faz sua ronda até que ele está de pé ao meu lado. Ele está tão perto que posso sentir o cheiro do sabonete que ele deve ter usado no chuveiro.

Não é um perfume complicado, não como a colônia cara que meu marido coloca como se fosse sua missão se banhar nele. Neste homem grande e perigoso, o cheiro é indescritível. Ele esconde segredos. Segredos que meu nariz quer investigar. Quero procurar todos os buracos onde ele se esconde e mapeá-los. Descobrir cada esconderijo, saquear e planejar até que não haja mais lugares inexplorados.

— E se eu disser que estou fazendo disso meu negócio? — ele murmura. O tecido áspero de seu macacão faz barulho quando ele levanta as mãos para traçar os hematomas sombreados na ascensão da minha bochecha.

O choque passa por mim, um mergulho frio em um rio gelado, seguido por uma explosão aquecida de vergonha. Coloco distância entre nós e cruzo os braços sobre o peito. — Então você estaria perdendo seu tempo.

Aqueles olhos verdes me estudam como se soubessem exatamente o que eu estava pensando alguns segundos antes. Os nervos clamam dentro de mim, rezo silenciosamente por um tumulto, uma erupção de vírus estomacais, uma maldita epidemia, qualquer coisa para distrair o foco de laser desse homem.

— Eu não acho que eu perderia.

— Olha, Sr.... — Lembro que nem sei o nome dele e solto um suspiro, irritada com nós dois. — Olha. O que eu faço na minha vida pessoal não é da sua conta. Agora, se você me der licença, nós dois temos trabalho a fazer.

— Uma mulher como você — sua voz profunda e sombria segue mesmo quando eu passo por ele para voltar à minha papelada — Não merece ser tratada dessa maneira.

Eu giro. — Você não me conhece de todo. — Não que isso importe. Não que eu fosse sair da prisão que eu mesma criei. O aparente escárnio é evidente. Ele é um prisioneiro, um criminoso.

Sua expressão se torna predatória. — E se eu disser que quero te conhecer?

Eu não dignifico isso com uma resposta. Ele é obviamente o tipo de cara que gosta do jogo de gato e rato, capturando suas presas e vendo-as sofrer. Tenho um homem autoritário em minha vida — não preciso de outro.

Diante do meu silêncio, ele diz — Vamos, Tessa. O que você tem a perder? Não é como se eu pudesse fazer qualquer coisa enquanto estou aqui. Há guardas na outra sala, além disso, vamos trabalhar juntos. Não vamos torná-lo mais estranho do que tem que ser.

— Não é estranho agora. Nós trabalhamos e é isso. Eu não vejo por que há alguma razão para nos conhecermos. — Apesar da minha curiosidade, sei que é do meu interesse manter o profissionalismo na vanguarda de nossas interações.

— Tudo bem, você pode me conhecer. Pergunte-me qualquer coisa que você queira saber. — Ele sorri. — Sou um livro aberto.

— Duvido muito disso. — Eu sufoco meu sorriso me virando para que ele não possa ver.

— Você sabe que quer. — diz ele por cima do meu ombro. Ele tem razão. Faço mais do que provavelmente deveria. Mais do que profissional. Na verdade, meu interesse é certamente pouco profissional.

— Vou ceder, mas só para podermos voltar ao trabalho.

— Qualquer coisa que você diga. — Eu ouço o sorriso em suas palavras. — Atire.

Eu considero minhas opções enquanto vasculho os arquivos de

pacientes que já organizei. Eu poderia perguntar o nome dele, mas não tenho certeza se quero saber. De alguma forma, eu sinto que saber vai torná-lo muito real, muito poderoso. O mesmo para qualquer crime que ele cometeu que o levou à prisão em primeiro lugar. Assassinato, estupro, assalto, roubo. Nenhuma das respostas leva a nada de bom. Muitas coisas na minha vida são muito complicadas, esse relacionamento com ele é fácil. Mesmo sabendo que é errado, quero continuar assim. Pelo menos por enquanto.

— De onde você é? — Isso parece bastante seguro.

— Isso é muito fácil, mas eu vou dar a você. Eu sou da Georgia, originalmente. — Seu sorriso é doce como sacarina enquanto seu sotaque se aprofunda. — Um bom e velho garoto sulista, só que sem boas maneiras.

— Claramente.

— E você? — ele pergunta quando finalmente começa a trocar uma das camas.

— Sempre morei aqui.

Ele joga os lençóis sujos em um cesto e então pega um novo jogo da prateleira. — Sêrio?

— Sim, realmente.

— Você percebe que há um hemisfério inteiro com sol, certo?

— Sol? — Eu digo com uma risada. — O que é isso?

Nós cruzamos os olhos, meu coração bate em um ritmo cortante no meu peito. Volto a me concentrar nos arquivos, o zumbido rítmico do ar condicionado e o farfalhar do tecido preenchem o silêncio. Esta foi uma má ideia.

— Você merece algo melhor, você sabe. — diz ele depois de alguns minutos.

A gaveta de arquivamento se fecha com um barulho *ecoando*. — Ah, e daí? Você acha que me trataria melhor?

Felizmente, quando ele está prestes a quebrar minha compostura

frágil, a porta se abre e outro paciente entra. Os guardas que o escoltam ficam parados na porta até que eu os dispense com um aceno de cabeça. Atravesso rapidamente para o lado do recém-chegado, irradiando um toque muito brilhante para sua aparência oportuna. Este preso, cujo crachá de macacão o identifica como Salvatore, está segurando uma mão sangrenta com a outra.

— Me cortei na cozinha. — explica ele.

— Vamos cuidar disso. — eu digo enquanto levo Salvatore para uma cama vazia onde ele se reclina com um grunhido, seu rosto pálido. — Você senta aqui, nós vamos ter isso costurado em pouco tempo.

Eu me viro para pegar meus suprimentos no armário que eu o fiz organizar, encontro Olhos Verdes ainda esperando, observando, exceto que desta vez seu foco está no paciente. — Você é bem-vindo para voltar ao trabalho. — digo a ele com indiferença forçada.

— Sim, Sra. Emerson. — Ele me entrega o kit que eu ia pegar, os olhos brilhando com o riso não derramado.

Eu levanto um ombro antes de pegar o kit dele. — Como quiser.

— Normalmente faço, mas eu vou te dizer uma coisa: Eu vou deixar você voltar para o seu trabalho aqui, vou ficar fora do seu caminho pelo resto do dia se você me fizer um favor.

Meu sorriso de resposta é calmo ou pelo menos assim espero. — O que seria isso?

— Diga-me. Admita para mim quem te machucou e eu te deixarei em paz. — Sua voz é apenas um sussurro quando ele pergunta, então eu sei que Salvatore não poderia ter ouvido.

O papel do kit de sutura amassa sob meu aperto estrangulado. Ele está muito perto. Não fisicamente. Não, ele não está tentando me atrapalhar agora. Muito próximo emocionalmente, psicologicamente. Aqueles olhos verdes são mais do que apenas uma bela vitrine. Algo me diz que ele vê muito mais do que eu jamais me sentiria confortável.

— Por que isso importa tanto para você?

Ele se inclina contra o batente da porta. — Você está evitando responder à pergunta. Tentando me manter aqui por mais tempo? — Sua sobrancelha levanta em questão.

Minha garganta balança com um gole porque eu estava certa. Ele pode me ler muito bem. Ele sabe que eu não quero responder à pergunta. Não só porque tenho medo do que isso significará se eu fizer isso, mas porque não importaria se eu gritasse meus problemas dos telhados. Não há uma pessoa na minha vida que se importe com o que acontece comigo. Nenhuma. Estou cercada por centenas de pessoas que deveriam cumprir a lei, mas eles deixam Vic escapar impune de tudo o que ele faz comigo. Isso não é algo que vai mudar. Então percebo como Vic ficaria chateado se eu contasse a esse homem o que ele faz comigo. O que esse preso sem nome importa, afinal? Ele vai eventualmente estragar tudo e ser transferido. Depois disso, nunca mais terei que vê-lo. Esta é a minha única chance de deixar alguém saber, de alcançar e me conectar. Estou isolada há tanto tempo que estou praticamente vibrando com a necessidade de atenção positiva de alguém, qualquer pessoa, mesmo que seja a última pessoa na terra de quem eu deveria querer isso.

— Meu marido. — eu digo baixinho, em seguida, volto para atender meu paciente que espera.

O som do meu batimento cardíaco enche meus ouvidos enquanto eu cuidadosamente desembulho as suturas e me preparo para fechar a ferida de Salvatore. Eu não deveria ter dito isso a ele. Eu não deveria ter dado a ele a vantagem. Eu não deveria ter o deixado pensar que ele poderia ter poder sobre mim de qualquer forma.

Mas eu fiz.

E sem dúvida sofrerei as consequências.

CAPÍTULO QUATRO

Ele fica quieto pelo resto do turno. Quase assustadoramente assim. Continuo olhando para ele enquanto ele descarta o lixo médico, troca lençóis e esfrega ao redor de cada paciente, esperando que ele me pressione para obter mais informações. Ele não faz, o que só pode ser parte de qualquer jogo que ele esteja jogando.

Pela primeira vez em talvez uma eternidade, é quase um alívio deixar a enfermaria durante a minha pausa para o almoço. A fuga que consigo do meu trabalho é um dos únicos aspectos da minha vida que me traz alegria. Arruiná-lo deixa um gosto amargo na boca enquanto tento engolir o frango refogado e os legumes que trouxe de casa.

Deixei os sons do refeitório dos funcionários tomarem conta de mim e tento esquecer as quatro horas tensas que passei contornando o que parecia ser uma granada viva. Mais algumas semanas de trabalho com ele e estarei tão tensa quanto uma corda de arco, pronta para rebentar com a menor provocação. Vic certamente vai gostar de brincar comigo sobre isso.

Com o apetite completamente frustrado pelo pensamento, despejo meu lixo na lixeira e volto para a enfermaria. À medida que me aproximo, as poucas mordidas que consegui dar reviram no meu estômago e ameaçam reaparecer. Eu lambo meus lábios secos e silenciosamente me repreendo por não pegar uma garrafa de água da máquina de venda automática. Ao passar pelo corredor para a saída, penso fugazmente em pedir licença pelo resto do dia para não ter que voltar e enfrentá-lo, mas não faço. Eu estive ausente por tempo suficiente. Outro dia provavelmente levantaria suspeitas, mesmo para mim e certamente irritaria Vic.

A área médica está ocupada com pacientes regulares tomando seus medicamentos após o almoço. Eu aceno para uma das novas enfermeiras, Annie e uma veterana, Patricia, que sorriem de volta, embora um pouco ausentes. Seus olhares deslizam sobre mim, minha atenção cai nas portas da enfermaria. Coloco um sorriso relaxado para o caso de alguém estar olhando e forço meus pés a me carregarem pelo resto do caminho até a porta.

A sala está vazia.

Não ousou chamá-lo, com muito medo de quebrar o tênue silêncio. Fazer isso só admitiria uma parte de mim querendo vê-lo novamente, o que é ridículo. Enquanto me sento na minha mesa, decido que quanto menos tempo passarmos juntos, melhor.

Eu puxo uma pilha de papéis na minha frente, minha mão pronta para escrever, mas a ponta da caneta para, pairando logo acima da página de papel de rascunho em cima do meu arquivo. Eu pisco várias vezes, tentando compreender o que estou vendo. Então me dou conta, pasma, do rosto para o qual estou olhando... é o meu. Eu me afasto da minha mesa e corro ambas as mãos pelo meu cabelo, minha respiração é irregular e áspera até mesmo para os meus ouvidos. Meu rosto está quente e as pontas dos meus dedos estão dormentes.

Esfrego os olhos com os nós dos dedos, mas não há como confundir o desenho primorosamente processado na minha frente. Deve ter sido feito hoje porque meu cabelo está na mesma trança e estou trabalhando em Salvatore, cuja moldura é apenas uma sombra na minha frente, minha expressão um estado silencioso de concentração.

Quando ele tinha feito isso? Eu o mantive ocupado, então ele não teve tempo para mais perguntas investigativas. Deve ter sido depois que saí para almoçar.

Nele, eu pareço quase bonita. Serena. É isso que ele vê quando olha para mim? No canto inferior, em um rabisco masculino, há uma palavra: King.

Não sei como lidar com minha resposta ou o que fazer com essa informação, então dobro cuidadosamente o desenho em um pequeno retângulo e o enfio no bolso. Não estou muito fechada para não reconhecer a onda de ternura que senti no momento em que percebi que ele havia prestado tanta atenção em mim, mas essa é uma emoção perigosa. Então, guardo minhas emoções junto com o desenho para examiná-las quando elas não parecem tão assustadoramente próximas à superfície.

Uma batida vem na porta, me viro com o coração na garganta. Afunda

quando percebo que é apenas Annie. — Tenho um para você! — ela diz, alegremente ignorante do meu tumulto interior.

— Obrigada. — eu digo e levo o preso gemendo para uma cama.

O próximo detento designado para a turma de trabalho da enfermaria chega logo depois disso, não sei se fico aliviada ou desapontada quando não é King.



Acontece que Vic não colocou King na enfermaria para me torturar. Quem quer que King fosse designado para a enfermaria era poderoso ou bem relacionado. Vic reclamou disso por dias depois, ele fez o seu melhor reclamando com os punhos. Como diretor de Blackthorne, ele gostava de controlar seu pequeno reino nos mínimos detalhes. Quando ele não conseguiu o que queria, fui eu quem pagou por isso. Desta vez, ele teve o cuidado de não me marcar onde qualquer um pudesse ver. Mas ele não poderia me machucar onde realmente importava. Com a promessa constante de ver King novamente, havia uma chama brilhante de esperança dentro de mim que nem mesmo a dor infligida por Vic poderia diminuir.

Ainda assim, a cada dia que eu trabalhava com King na enfermaria, havia um silêncio pesado entre nós. Uma semana depois, a gripe varreu um dos blocos, deixando pouco tempo para eu notar a tensão. Depois de ver o esboço e saber como ele me via, o desejo de deixá-lo chegar um pouco mais perto foi quase mais forte do que minha autopreservação. É uma batalha constante manter minha boca fechada e nossas conversas curtas apenas no trabalho.

As implacáveis lamúrias, importunações e espancamentos de Vic também não ajudam. Eu posso me sentir desvendando a cada dia que passa, eu certamente pareço isso. As manchas sob meus olhos por falta de sono fazem com que meu tom de pele morena pareça pálido e desenhado sob a iluminação fluorescente. Não consegui engolir muita comida nas últimas duas semanas, o que deixou minhas maçãs do rosto mais afiadas, meus

olhos vazios. Inferno, até minhas roupas ficam penduradas no meu corpo em vez de abraçar minhas curvas. Estou desaparecendo diante dos meus olhos, se eu não fizer algo logo para me salvar, não sobrá nada.

— Por que você fica? — King me pergunta um dia.

Viro-me lentamente, atenta às minhas costelas. — Ficar onde? — Eu pergunto, mesmo que nós dois saibamos do que ele está falando. Eu sabia que ele estava esperando seu tempo para cutucar todos os meus pontos fracos. Eu deveria saber que ele escolheria um momento em que eu me sentisse mais vulnerável.

Meus olhos vão para a porta, mas pela primeira vez desde que a gripe passou, não há pacientes. Nunca pensei que sentiria falta do caos de homens adultos vomitando e reclamando como crianças sobre ondas de calor e frio. Agora, há uma sensação sombria, quase suave no ar. Se eu não estivesse encalhada com a tentação personificada, teria classificado como um bom dia.

Ele me dá um olhar que diz para largar a besteira, eu quase sorrio. O calor se desenrola dentro de mim em lugares há muito tempo congelados.

— Tenho medo do que ele pode fazer comigo se eu for embora. — Eu não deveria estar surpresa com minha própria admissão, mas estou.

Ele planta as pernas largas e estala os nós dos dedos ao lado do corpo. Seus olhos verdes ficam frios e duros. Não sei por que ele está na prisão, mas não me surpreenderia se sua ficha criminal contivesse uma longa lista de crimes violentos.

— Você deveria se preocupar mais com o que ele está fazendo com você agora. — Uma veia pulsa em sua têmpora, sua mandíbula flexiona enquanto ele range os dentes para não dizer mais do que já disse.

Minhas próprias costas estalam em sua acusação, sentimentos quentes e confusos esquecidos. — Eu me trato muito bem.

Eu tinha esquecido o quão rápido ele se move, um segundo depois, ele está a centímetros de distância, tão perto que posso ver o pulso batendo em sua garganta. Instintivamente, minhas mãos voam na minha frente, juro que ele pressiona para frente de modo que sou forçada a colocar minhas palmas

contra seu peito. Ele é tão diferente de Vic que é um choque para o meu sistema ter seu corpo tocando o meu. Não toquei em outro homem, apesar das constantes acusações de Vic sobre minha infidelidade, fazer isso me faz gritar e virar a cabeça. Eu empurro contra ele, mas é como tentar mover uma pedra. Ele não se mexe.

Minha boca se abre para protestar, então suas mãos estão sondando minhas costelas. A dor aguda dos golpes que Vic deu me faz morder o lábio. A vergonha pesa na minha cabeça e traz meu olhar para os meus pés.

Só quando ele abaixa as mãos e me dá algum espaço é que posso olhar para cima. Ele me dá um olhar longo e duro. — Isso foi o que eu pensei.

— Quem é você para me julgar? — Pergunto quando consigo recuperar o fôlego. Mesmo assim, minha voz é pouco mais do que um suspiro ofegante e não tem a minha mordida habitual.

Sua voz se aprofunda, embora pareça impossível, ele fica ainda mais imponente. — Eu sou alguém que sabe melhor do que bater em uma mulher.

Minhas suspeitas sobre por que ele está na prisão se solidificam. Este é um homem que é capaz de grandes danos. Deveria me assustar, mas não. Há algo na maneira descarada com que ele exibe seu domínio que é quase reconfortante. Ele não tenta esconder quem ele é.

Quando eu namorei Vic, ele tentou ser exatamente o que eu queria que ele fosse. Atencioso, subserviente, gentil. Eu não tenho essas ilusões com King. O que eu vejo é exatamente o que eu recebo. Não sei se é uma coisa boa ou não.

Reviro os olhos com o pensamento e gesticulo com a mão que não envolve minhas costelas. — Você ao menos sabe onde está? Você está na prisão. Isso não significa cidadão íntegro para mim.

— Eu nunca afirmei ser honesto, ratinha. — Bem, se isso não é a confirmação da minha avaliação, não sei o que é.

Olho para a janela e vejo que o médico está tão vazio quanto a enfermaria e faço uma careta quando me viro para ele. — Por que você se importa?

Ele se aproxima novamente, eu enrijeço, sem saber como meu próprio corpo reagirá à sua proximidade. — Talvez eu saiba o que você está passando. — Acho essa afirmação insondável e quase zombeteira. Quase. Há algo na maneira como ele disse isso que me faz pensar. A mulher lá dentro, que sofreu inúmeras agressões, reconhece uma alma gêmea.

Eu me vejo dando um passo à frente. — O que você quer dizer?

Seus olhos encontram os meus, ele levanta um ombro. Se ele fosse um tigre, agora, ele estaria ferido e irritado em mostrá-lo. Não tenho dúvidas de que se tentasse me aproximar dele, ele me rebateria como uma mosca detestável. — Meu pai costumava bater na minha mãe e em mim. — Ele se aproxima um pouco mais. Seu olhar nunca vacila do meu. — Estou surpreso que mais pessoas não tenham visto. Mas talvez você precise passar por isso para ter certeza. Eu reconheço os sinais. Pode ter sido há muito tempo, mas é algo que nunca vou esquecer. A maneira como você tenta parecer menor e como parece andar como se todos os ossos do seu corpo estivessem quebrados.

Eu estremeço, olhando para minhas mãos e tentando ignorar o formigamento das lágrimas e as cócegas no fundo da minha garganta. — Nós não deveríamos estar falando sobre isso. — Eu me viro e olho em volta cegamente. — Vamos, uh, devemos voltar ao trabalho.

— Não cometa o erro que minha mãe cometeu. — ele diz quando eu passo por ele.

Eu me acomodo atrás da mesa, ele me observa por mais um momento antes de fazer suas tarefas matinais. Minha respiração normaliza, eu uso a tarefa entorpecedora de preencher formulários de pacientes para manter minhas mãos ocupadas, mas não consigo parar de pensar no que ele disse. Minha consciência dele já estava em um pico de febre. Agora, sinto cada movimento que ele faz com todo o meu corpo.

Assim que os pacientes começam a chegar, perco o rastro dele enquanto cuido de suas feridas e doenças, mas sei que ele nunca está longe de mim. Depois do almoço, volto à enfermaria com uma nova sensação de ansiedade. Eu estou praticamente pulando Annie e Patricia no consultório, esperando que eu possa pegá-lo antes que ele saia para o dia. Ele não está

lá, mas há outro desenho na minha mesa.

Esfrego meus dedos no meu uniforme para não borrar a tinta, eles estão tudo menos firmes quando pego o pedaço de papel. Desta vez, ele me desenhou olhando para as minhas mãos como eu estava fazendo durante a nossa conversa, mechas de cabelo em leque, bloqueando minha expressão. Estou vulnerável e triste como a última foto que ele desenhou, mas há força na linha firme dos meus lábios e meus ombros quadrados.

Nunca me considereei uma pessoa forte. Se eu fosse, eu não teria sido vítima das maquinações de Vic em primeiro lugar. Eu as teria visto pelas promessas vazias que eram. Enquanto estudo o desenho de mim mesma, começo a pensar que talvez eu possa ser a mulher que ele vê em mim, como um osso quebrado fica mais forte depois de curado.

Dobro cuidadosamente o desenho e o coloco no bolso. Ao fazê-lo, algo muito mais poderoso se enraíza dentro de mim, enquanto continuo meu trabalho, esse algo pulsa logo abaixo da superfície, uma escuridão borbulhante muito parecida com o homem que a inspirou.

CAPÍTULO CINCO

A conexão, a tentação, que sinto sempre que King está por perto, só continua a crescer à medida que trabalhamos juntos. Minha coleção de esboços cresce de dois para três e está avançando para dez. Ele desenha cenas aparentemente mundanas, momentos que nem percebo que passaram e os transforma em magia. Transforma-me em magia.

Eles secretamente se tornaram o momento mais esperado do meu dia. Estou lentamente me tornando viciada neles e nele.

Se eu achava que estava em uma situação ruim antes, não é nada comparado ao tumulto de emoções que navego agora.

Eu me sirvo de uma xícara de café, tomando cuidado para não chegar muito longe ou me mover muito rápido para não irritar minhas costelas. Vic não faz sexo há algumas semanas, o que a princípio foi bom, mas agora seu temperamento está mais curto e seus punhos balançam com mais força. Eu mal me curei da última vez. Quando ele entra na cozinha atrás de mim, coloco minha xícara de café cuidadosamente no balcão. Eu me levantei antes dele porque não consigo parar de imaginar o que faria com ele se tivesse coragem. As fantasias ficaram tão vívidas que começaram a penetrar em meus sonhos. Acordei de um com minha pele arrepiada, pulei da cama como se estivesse cheia de insetos.

Seus braços vêm ao redor da minha cintura, engulo em seco, tentando não recuar. — Bom dia. — diz ele, sua boca na pele na parte de trás do meu pescoço.

— Bom dia. — eu imito, desprovida de qualquer inflexão ou emoção.

— Senti sua falta quando acordei. — Tomo um gole estratégico de café em vez de uma resposta, suas mãos apertam o balcão da cozinha de cada lado de mim. — Venha para a cama comigo. — diz ele, desta vez eu não consigo parar de encolher. Fecho meus olhos e desejo que meu coração se acalme enquanto espero pelo golpe nas minhas costelas ou seu punho no meu cabelo, me puxando para trás.

Quando ele se afasta, esperando que eu o siga, não consigo me obrigar a fazer o mesmo. Penso na mulher dos desenhos que guardei dentro de uma caixa de absorventes embaixo da pia do banheiro. Essa mulher não pode continuar assim. Se essa relação não me custar a vida, pelo menos será a morte do que resta do meu espírito.

Em vez de segui-lo, eu me viro com um sorriso frágil e forçado. — Eu faria, mas se formos para a cama, nós dois sabemos que ficaremos lá por um tempo, eu não quero que você se atrase para o trabalho.

Ele se move em mim. Ao contrário de King, quando Vic chega perto, tudo que eu quero é ficar o mais longe possível dele. Ele me puxa para um abraço e deixa sua boca cair na curva suave do meu pescoço.

— Vamos, podemos ser rápidos. — diz ele. Não há como me enganar com seu tom bajulador. Eu sei que se continuar a recusar pode ficar feio, mas não consigo me submeter.

Eu engulo o gosto amargo do meu desgosto, então minha resposta é sedutora. — Você não quer apressar depois de todo esse tempo. Quando voltarmos para casa do trabalho, podemos fazê-lo durar. O que você quiser. — eu acrescento, meus dedos dos pés enrolando em meus sapatos com o pensamento.

Há uma longa pausa enquanto ele considera meu pedido antes de recuar. Meu quadril encostado no balcão é a única coisa que me impede de cair completamente de alívio. Enquanto ele observa, eu pego minha xícara de café e tomo um gole para cobrir meus nervos.

— Eu pensei que poderíamos ter...

Seu punho me pega no estômago, minha xícara de café cai da minha mão e se quebra logo antes de eu cair no chão, cortando meus joelhos nos cacos. Meu peito queima com a falta de oxigênio, mantenho uma mão na frente do meu rosto, que ele afasta com um tapa. Eu ouço o barulho metálico de sua fivela se abrindo, vergonha, raiva e ódio guerreiam pelo domínio dentro de mim.

— Vic, por favor. — Minha voz oscila em torno do meu chiado. Sinto o gosto de sal em meus lábios. Eu nem percebi que estava chorando.

Então seu pau está fora, seu almíscar enchendo meu nariz e me fazendo engasgar. — Cala a boca e me chupe.

Não é um pedido, ele não permite nem um segundo para que eu me oponha. A próxima respiração que tomo tem a cabeça de seu pau empurrando meus lábios e banhando minha língua com seu pré-sêmen salgado. Não há chance de revidar, não quando meu foco está em respirar e tentar não entrar em pânico. Eu faço sons aterrorizados em torno de seu peso pesado, empurrando, mas isso só parece excitá-lo mais. Mais lágrimas escorrem do canto dos meus olhos enquanto ele pressiona incrivelmente fundo.

— Tome isso. — diz ele enquanto sua cabeça cai para trás.

Minhas mãos cavam em suas coxas enquanto a força de seus impulsos ameaça me jogar de volta nos armários. Eu tento afastá-lo quando minha visão escurece, mas ele só prende os dedos no meu cabelo para me segurar e empurra mais forte, a cabeça de seu pau batendo na parte de trás da minha garganta e provocando meu reflexo de vômito. Eu engasgo em torno dele, o que só faz com que ele sussurre. — Siiim.— acima de mim, excitado pela minha luta. Penso brevemente em mordê-lo, mas tenho medo de que isso só o enfureça ainda mais.

Ele nem se importa quando eu engasgo, bile e saliva vazam dos cantos disponíveis da minha boca. Meu nariz queima, minha garganta e pulmões estão gritando por alívio, mas não há nada para ser encontrado. No final, tudo o que posso fazer é segurar e torcer para que ele termine o mais rápido possível. Ele não dura muito, quando eu sinto suas estocadas encurtarem e ouço seus gemidos aumentarem, aproveito seu aperto afrouxando e me afasto antes que ele possa gozar na minha boca.

O sêmen jorra no chão com plops úmidos doentios. Isso o desagrada. Sem dúvida, o final menos que estelar sugou qualquer prazer que ele tirou de me forçar a me curvar à sua vontade. Enquanto ele luta entre a decepção e a frustração, me levanto e me afasto, tentando tanto recuperar o fôlego. É tudo o que posso fazer para não vomitar na pia. Meu corpo inteiro está tremendo tanto que eu quase faço, apesar dos meus esforços para segurá-lo.

Atrás de mim, posso ouvir Vic se vestindo, cada sussurro de movimento envia uma pontada de medo, ansiedade e raiva por todo o meu sistema. Não sei se quero cair no chão e soluçar, correr e me esconder ou arrancar seus olhos com minhas próprias mãos. Eu me seguro e não faço nada, mesmo quando minha mente corre com variações de todos os três. Quando ele está vestido, ele apalpa meu quadril, intencionalmente ignora minha vacilação e beija minha bochecha ainda úmida. Ele admira a devastação na minha expressão por um momento antes de sorrir e sair, cantarolando para si mesmo.

Quando olho para cima novamente, percebo que estou atrasada para o trabalho. Muito tarde. Eu grito, na minha pressa, escorrego nos restos da xícara de café caída. Amaldiçoando, fico de quatro e junto os pedaços com um pano de cozinha. Lágrimas escorrem do meu rosto e se misturam com o café derramado. Jogo os cacos da xícara no lixo, trapo e tudo e começo a me preparar para o trabalho.



Pela primeira vez desde que King e eu tivemos uma conversa franca sobre o abuso de seu pai, não quero trabalhar com ele. Eu não posso suportar a ideia dele vendo os restos das minhas emoções devastadas da “atenção” de Vic no meu rosto no início da manhã. Não quero ouvi-lo dizer que eu avisei.

Eu o pego olhando para mim com frequência, tentando me entender. Ele nem sequer foi discreto sobre isso. Cada vez que ele termina uma tarefa e caminha para outra tarefa, posso sentir seu olhar como um peso pesado, exceto que tem o efeito oposto, animando meu espírito de qualquer miséria terrível que me espera em casa. Nenhuma quantidade de olhares acalorados ou gestos de flerte vai me tirar do poço do desespero que ameaça me devorar.

Apesar da minha resolução de ficar longe dele, tornou-se o ponto alto dos meus dias, trabalhar com ele. Isso me energiza da mesma forma que um

relâmpago. Um tiro de luz na escuridão. Eletalizando de uma maneira perigosa que sei que se eu chegar muito perto vou me queimar. O fato é que ele é a única pessoa na minha vida miserável que já perguntou sobre os hematomas em meus braços ou rosto.

Não tenho família — com quem falo de qualquer maneira. Vic não me permite ter amigos, as pessoas no trabalho estão muito envolvidas em si mesmas para prestar atenção. Estou completamente isolada.

Provavelmente exatamente como Vic me quer.

Depois de dois anos sob seu governo totalitário, a preocupação de outra pessoa — mesmo alguém como King — é como um raio de sol bem-vindo no meio de um inverno estéril. Eu sou uma flor girando em sua direção para mais uma gota de luz, desabrochando em cada pedaço de atenção que ele me permite. É patético, me odeio por cada tremor no meu estômago e cada viagem do meu coração quando percebo sua presença com o canto do meu olho.

Mas hoje, depois do que Vic me submeteu, não quero a atenção dele. Quero voltar a me esconder como antes. A invisibilidade ajudou a me mascarar com dormência e King me faz sentir demais. Ele me dá esperança e às vezes a esperança faz com que uma situação desanimada pareça ainda mais.

Ernie olha para mim enquanto entrego meu crachá. — Alguém está muito atrasada.

Quando não respondo, seu sorriso vacila e ele gagueja, balançando minha identidade enquanto a devolve. Sem dizer uma palavra, eu ligo o motor e voou pelo portão, incapaz de repetir nossas interações diárias mais uma vez sem desmoronar.

— Você está bem? — Annie pergunta. Olho em volta, esperando que alguém esteja ao meu redor, mas não há ninguém.

Eu limpo minha garganta e sorrio hesitante. — Muito bem. Estou bem. Só correndo um pouco atrasada.

— Um belo dia para um começo tardio. — diz Annie com um sorriso.

O alarme passa por mim, mas seu progresso é lento. — Por quê? O que aconteceu?

— Você sabe como é. Alguém decidiu começar um tumulto no refeitório durante o café da manhã. Já tem um esperando por você para ser remendado na enfermaria. Boa sorte! — Annie chama enquanto corro para a porta.

— Desculpe o atraso... — Minhas desculpas morrem na minha garganta.

Assim como na primeira vez que o vi, King está sentado na cama coberto de sangue. Só que desta vez, ele está sem camisa, há manchas marrom-ferrugem em seu peito. Sombras roxas escuras delineiam sua mandíbula e costelas. Mesmo que eu não o tenha examinado, posso dizer pela forma como ele está respirando que está com dor. Os pensamentos dos meus traumas recentes desaparecem por trás da minha preocupação.

Não quero sentir nada — na minha vida, é sempre mais fácil manter um senso estrito de apatia sobre tudo — mas quando ele olha para cima, seu rosto está tão quebrado e machucado quanto minhas entranhas, o fio do parentesco se fortalece. Somos dois lados da mesma moeda fodida, quer eu goste ou não.

— Bom dia, Tessa. — ele diz quando me vê na porta. O uso do meu nome quase me distrai de seus ferimentos. Quase.

— O que diabos você fez para si mesmo? — Eu pergunto enquanto me aproximo da cama em que ele está sentado.

Ele ri e termina em um assobio. Eu tinha razão. Ele está com dor. — Você acreditaria em mim se eu dissesse que não foi minha culpa?

Eu cruzo para ele. — Sem chance.

Ele cospe sangue, mas estou muito preocupada com suas costelas para recuar enquanto respinga no chão de ladrilhos. Meus olhos se estreitam no ponto de sangue, lembro daquela noite algumas semanas atrás. Levei muito tempo para tirar o sangue da argamassa da minha cozinha. Alguém vai ter um trabalho de merda uma vez que eu o conserte.

— Bem, eu estaria mentindo de qualquer maneira. — Desta vez, quando ele ri, é sem humor. — A verdadeira questão aqui é o que aconteceu com você?

Um pequeno suspiro me escapa, como a pressão crescendo logo abaixo da superfície de todos os segredos e mentiras. — Vamos nos preocupar com você primeiro.

Ele se submete ao meu cutucar e apalpar, mas posso senti-lo fazer uma avaliação por conta própria. É inútil tentar educar minha expressão. Eu já sei que ele pode de alguma forma entender tudo o que estou pensando. — Parece que você levou uma surra.

— Você deveria ver o outro cara.

Minhas mãos enluvadas inclinam sua cabeça para examinar um corte ao longo de sua têmpora. — Tenho certeza de que ele estará aqui eventualmente.

Suas mãos cobrem as minhas, eu fico imóvel. — Você vai se esquivar da pergunta para sempre? Achei que tínhamos superado tudo isso.

Eu tento puxar minhas mãos, mas ele as mantém embalando seu rosto. Seus olhos se fecham momentaneamente, ele acaricia sua pele com minhas mãos. Do jeito que estamos posicionados, estou quase entre suas pernas abertas. Se alguém olhasse, tudo o que veria seria eu examinando um paciente, mas ele e eu sabemos que é muito mais.

— Eu não quero falar sobre isso. — eu digo suavemente.

— Eu acho que você precisa. — Uma lágrima cobre meu rosto, uma de suas mãos deixa a minha para enxugá-la. — Diga-me. — Quando não respondo, ele diz. — Por que não adivinho, então?

Eu pressiono meus lábios e aceno, fungando.

— Ele bateu em você? — ele pergunta, eu levanto um ombro. Sua mão cai no meu ombro antes de deslizar pelo meu braço para descansar na minha cintura, onde aperta. — Ele machucou você de novo?

Incapaz de olhar para ele por mais tempo, eu tiro minhas mãos de seu rosto e pego lenços antibacterianos do meu kit para desinfetar o corte em

sua têmpora enquanto ele fala.

Ele levanta meu queixo e repete a pergunta.

— O que você acha? — De jeito nenhum eu vou me submeter à humilhação de contar esta manhã para alguém, muito menos para ele. Distra da, eu pressiono muito forte com o lenço antibacteriano, o que o faz grunhir.

— Desculpe. — eu digo distraidamente.

— Você não me disse que ele era o diretor, ratinha.

— Você parece pensar que tudo sobre mim   da sua conta. — comento em vez de responder. — Achei que você já soubesse.

Recolho mais lenços antibacterianos e começo a limpar o sangue de sua pele. Há cortes finos e cruéis ao longo de seu peito e abd men. Nada s rio, mas eles estão fazendo uma bagunça horrível e devem doer como uma cadela. Os hematomas nas costelas v o dificultar a respiração nos próximos dias, mas não vejo nada que ameace a vida. Eu digo a ele tanto quanto termino de inspecionar suas feridas.

Ele não aborda seus ferimentos, optando por continuar a bisbilhotar.
— Você parece pensar que não   da minha conta.

— Provavelmente porque eu não sou. Não sei o que o faz pensar que tem o direito de interferir, mas não preciso ser salva. Eu não preciso de nada de você.

—   aí que você está errada. Acho que sou exatamente o que você precisa.

Eu não falo por alguns longos minutos, sem saber onde ele quer chegar com isso. Foi estúpido da minha parte ceder àqueles longos olhares para ele. Estúpido da minha parte admitir qualquer coisa para ele sobre minha vida pessoal. Eu sabia que estaria pagando por isso em algum momento, essa nova familiaridade com ele deve ser o preço.

— Como você pode ser o que eu preciso quando eu nem sei seu nome? — Eu me pego dizendo enquanto aplico creme anestésico nas contusões.

Ele se reclinou sob meus cuidados como se gostasse do meu toque e sorrisse. Os cantos de seus olhos enrugam e eu me pergunto quantos anos ele tem. Velho o suficiente para ter tomado uma decisão incrivelmente ruim que o levou à prisão como convidado VIP, cortesia do governo dos Estados Unidos.

Então, novamente, eu tenho apenas 27 anos e fiz um ótimo trabalho fodendo minha própria vida, então o que eu sei?

Meu coração salta dentro dos limites das minhas costelas quando ele diz. — É que você está perguntando meu nome, querida?

CAPÍTULO SEIS

Minhas mãos flexionam em sua pele, mas ele está tão atento à minha resposta que não percebe ou não se importa. Sob meu toque, ele se transforma em granito e uma parte de mim quer retirar minha pergunta, mas não posso.

— O que há de errado? — Eu pergunto, espero que isso se desvie dessa linha de conversa. — Eu machuquei você?

Ele quebra o contato visual e olha para onde minhas mãos estão tocando sua pele. No momento em que seus olhos pousam em onde nossos corpos se conectam, isso me faz querer soltar minha mão. O quão perto ele sempre consegue chegar de mim sempre que eu deixo a curiosidade – ou estupidez – tomar conta de mim é surpreendente.

— Seria mais do que isso para me machucar, ratinha.

Sinto suas palavras como segredos obscuros. Elas se desenrolam dentro de mim, uma mistura fundida de prazer e vergonha, uma combinação inebriante que me convida a pedir mais. Ele é um desejo que eu não consigo me livrar. Uma doença se espalhando lentamente através de mim. Minha cabeça me diz que eu deveria ir embora, mas meu coração ganancioso implora por mais de sua atenção ilícita.

— Ratinha? — Eu mantenho meu foco em meus dedos. Caso contrário, eles trairão meus nervos. Passo creme antibacteriano sobre sua pele e percebo que a resistência é praticamente impossível. Não quando eu posso sentir seus músculos flexionando sob minhas mãos, o calor saindo dele em ondas, meu corpo respondendo pulsando.

Faz tanto tempo que não sinto nada além de violência e medo. Os dois ficaram tão entrelaçados que eu tinha certeza até agora que nunca mais sentiria isso. Nunca senti o calor se acumulando na minha barriga e irradiando através do meu núcleo ou a umidade em resposta escorregando entre minhas pernas.

Horror acompanha a onda de prazer, quero me jogar para trás, mas sei

que não posso deixar esse homem perigoso ver minha reação. Eu não posso deixá-lo saber o efeito que ele tem sobre mim. Não posso deixá-lo ter esse tipo de poder sobre mim.

— Sim. — ele finalmente diz. — Porque você sempre parece que quer correr para um canto e se esconder.

Suas palavras me fazem querer fazer exatamente isso. Meus olhos dançam para a porta e depois de volta para minha mão enquanto eu limpo outra mancha de sangue de sua pele. Seria tão fácil escapar dele e de seu olhar onisciente. A reação eu não posso negar. A saudade. Dez passos me trariam de volta à minha vida triste, onde posso me afogar na miséria do dia-a-dia e na dor que apaga minha infeliz realidade.

São dez passos que não dou. Eu me recuso a deixar King tirar o melhor de mim novamente e volto a cuidar de seus ferimentos, trocando os lenços por bandagens brancas e limpas. Ao contrário de Vic, quando esse homem me pressiona, testa meus limites, eu me vejo querendo revidar, querendo ir até ele com os dentes à mostra e os punhos cerrados.

Ele coloca uma mão grande e arranhada sobre a minha, prendendo-a na carne aquecida de seu peito musculoso. Eu espio através de meus cílios e encontro o canto de sua boca inclinado em um meio sorriso que ficaria agradável em qualquer outro homem.

Em King, é um aviso.

Ou uma ameaça.

Meu coração bate no meu peito, um coelho tentando escapar da perseguição de um predador. Respiro fundo para tentar acalmar seu ritmo frenético, mas é inútil na presença dele. Termino o curativo em seu peito sem morder a isca. Apesar de quão viva ele me faz sentir ou talvez por causa disso, não vou encorajá-lo. Eu não vou por esse caminho. Eu fiz isso uma vez antes e isso me custou tudo.

Estou esperando que ele lance outro desafio enquanto acabo com seu peito e braços, despejo o lixo em um saco e coloco perto da porta.

— Você pode ficar em pé para mim? — Eu gesticulo com um rolo de gaze que peguei da minha bolsa de suprimentos. — Eu preciso embrulhar

suas costelas até que eles possam levá-lo para um raio-X.

Ele obedece, lembrando-me de um animal meio manso se submetendo à atenção humana apenas para se virar e rasgar a garganta da pessoa segundos depois. Seu abdômen ondula, o zumbido baixo de desejo que eu tenho constantemente tentando ignorar ruge de volta à vida tornado mais nítido pela beira do perigo.

Como foder em público.

É errado e sujo e você meio que se odeia por gostar tanto, mas você goza mais forte do que nunca em sua vida. Isso faz minha respiração ficar irregular, eu tenho medo que ele possa me ouvir, mas não consegue encontrar a força de vontade para recuar.

Eu tenho que me inclinar para enrolar o curativo em torno de seu peito, o que não ajuda. Seu cheiro enche meu nariz como uma droga. Meus dedos roçam seu estômago, eu daria qualquer coisa por cinco minutos para explorar a linha de músculos que desaparece em sua cintura.

O fato de eu conseguir terminar de amarrar suas costelas é um pequeno milagre. Ele não faz um movimento para me tocar o tempo todo, mesmo que eu o passe desejando que ele o faça. Quando termino, posso sentir seus olhos em mim, pacientes e predatórios enquanto empacoto o resto dos meus suprimentos.

— Pare de fazer isso! — Eu mordo, revelando o quanto ele tem meus nervos desgastados.

Ele me dá aquele meio sorriso novamente. — Fazendo o que?

— Olhando para mim desse jeito. Você está tentando me irritar? Você quer que eu o tenha transferido?

Como se estivesse me desafiando, ele dá um passo à frente. — Você não vai fazer isso. — ele desafia.

— Não? — Eu retruco, embora eu possa ouvir a nota frágil na minha voz.

Seu sorriso se alarga. — Não.

Eu balanço minha cabeça e sinto meu corpo se aproximar do dele. — Eu não sei o que você quer de mim, eu não sei o que você acha que estamos fazendo aqui, mas não deveríamos. Vamos deixar isso claro agora. Além disso, eu aprecio sua preocupação com minha segurança, mas não há nada que você possa fazer para me ajudar, esse tipo de atenção só vai piorar minha situação.

Ele se move, todo o meu corpo enrijece quando ele traz seus lábios para minha bochecha, onde a memória do machucado lateja.

— Não. — eu protesto, mas sai soando mais ofegante do que firme.

— Vou fazer um acordo com você. — diz ele enquanto diminui um pouco mais a distância entre nós. Eu quase choro de frustração, medo e necessidade. — Um beijo. Um beijo e eu não vou incomodá-la novamente. Ninguém terá que saber.

— Você não pode estar falando sério. — eu sussurro, mas eu sei pelo olhar determinado em seus olhos que ele está falando sério. — Por quê?

Seus lábios voltam para minha bochecha, me surpreendendo com sua gentileza, estou quase envergonhada que meu instinto inicial seja recuar para longe dele. Ele parece reconhecê-lo e suspira, parando o suficiente para encontrar meus olhos. Nós esperamos... observando um ao outro. Mas quando ele não segue com um tapa ou um comentário mordaz, meu corpo traidor relaxa.

Meu corpo é claramente um idiota.

— Vamos. — ele persuadiu enquanto seus lábios se tornavam mais ousados. — Deixe-me dar-lhe isso. Um beijo. Eu prometo que você vai gostar. Deixe-me mostrar-lhe uma coisinha doce para tirar do azedo. Um beijo e se você quiser que eu vá embora depois, eu vou.

Ele é o diabo encarnado, a cobra que tentou Eva. Embora, eu tenho certeza que não no paraíso. Eu me odeio por sequer considerar isso. Detesto o jeito que meu corpo grita para eu dizer sim.

— Você não vai me incomodar de novo? — O brilho triunfante em resposta em seus olhos grita que eu dei um passo de um precipício. Não haverá volta depois disso.

— Honra dos escoteiros. — Eu bufo, fazendo-o sorrir. — Então isso é um sim?

— Você me perguntou antes se eu queria saber seu nome.

Ele acena com a cabeça, mas é um movimento rápido e brusco. Pela primeira vez, ele é o único apanhado desprevenido.

— Acho que gostaria disso. — Será como dizer adeus ou pelo menos é o que digo a mim mesma. Adeus à pressa do desejo, a sensação de estar viva. Foi divertido enquanto durou, mas esse nível de loucura não leva a lugar algum.

Por um momento, acho que meus ouvidos estão me enganando, mas não. King faz um gemido profundo e satisfeito no fundo de sua garganta. Estou tão distraída que não percebo que ele está se aproximando lentamente até que seu corpo está totalmente pressionado contra o meu. Minhas mãos vão para seus ombros, sou grata pelas bandagens que nos separam. Muito contato com sua pele e meu cérebro certamente entraria em curto-circuito.

— Gracin. — diz ele, seus lábios tão perto que roçam a concha da minha orelha. — Meu nome é Gracin.

Então sua boca cobre a minha.

CAPÍTULO SETE

Eu estou desfeita.

O beijo é diferente de qualquer outro que eu tive na minha vida. Eu nunca soube que um toque tão delicado poderia vir de um homem tão grande e brutal.

É como perceber que tenho feito isso errado há anos. Como todos os toques e encontros desajeitados no banco de trás e o sexo brutal de Vic foram... errado, é isso que um beijo deve ser.

Suave.

Deus, seus lábios são macios. Surpreendentemente, considerando o quão cruel e feroz ele parece do lado de fora.

Estou aprendendo que ele não é nada como parece.

Isso me faz desejar mais, precisar de mais, ele deve sentir meu crescente desespero, porque seus lábios se abrem e sua língua avança, me dominando da maneira mais bem-vinda. Eu abro embaixo do primeiro golpe e gemo com o segundo.

A gaze e os implementos que estou segurando caem no chão com um barulho que ignoro. As enfermeiras ao lado estão muito longe para ouvir o som. Naquele segundo, eu não poderia me importar menos se elas estivessem ali assistindo. Toda a minha capacidade mental se concentra no jogo terno de sua boca sobre a minha. O calor quente e úmido dele que é mais explícito do que qualquer coisa que eu já tenha visto ou feito antes. Ela me ilumina de dentro para fora, deixando tudo derretido e solto.

Depois de um momento ou uma eternidade, ele se afasta. Meus olhos piscam atordoados, eu tremo contra ele enquanto a necessidade ruge em uma onda implacável, tingida de culpa e vergonha. Ainda assim, minha respiração fica presa na garganta quando estudo seu rosto. É a primeira vez que estou perto o suficiente para ver o anel dourado de cor ao redor de seus olhos verdes vívidos.

Eu gostaria que ele se dobrasse e colocasse seus lábios nos meus novamente.

Que tipo de pessoa quer mais de um homem como ele? Que tipo de mulher anseia por outro beijo de um criminoso?

Eu.

Eu quero mais.

Eu quero tudo isso.

Eu quero aqui.

Novamente. E de novo. E de novo.

Penso em todas as noites que passei debaixo do corpo pulsante de Vic, todas as vezes que meu prazer foi usado como uma arma, todas as vezes que o prazer se transformou em dor e depois em dormência. Lembro-me do que ele me fez fazer apenas algumas horas antes e como meu poder, meu arbítrio, foi arrancado de mim contra minha vontade. Penso em tudo isso, agora quero mais do tipo de proibido de Gracin. Eu quero isso pelo jeito que me faz sentir viva pela primeira vez em anos. Pois o prazer é meu novamente. A maneira como meu corpo se sente meu novamente.

Então, eu enrolo minhas mãos em seu pescoço e o beijo.

Devo tê-lo surpreendido porque ele faz um som contra minha boca, leva alguns segundos para seu corpo alcançar o meu. Eu gosto que eu o desequilibrei. Eu gosto de ter o poder de chocá-lo, fazê-lo me querer. Eu.

Suas mãos famintas não são mais gentis, não são mais hesitantes. Elas se apertam em volta da minha cintura até que não haja espaço entre nossos dois corpos. Até que não há como negar o comprimento quente e duro dele contra meu estômago ou o calor úmido entre minhas pernas, cheirando no ar ao nosso redor.

Meus dedos se movem sobre o comprimento de seu cabelo. O toque suave e sedoso dele contra minhas palmas causa arrepios cobrindo meus braços, um som profundo e retumbante reverbera no fundo de sua garganta. Eu nunca ouvi nada tão sexy na minha vida. Repito o movimento com as mãos e arrasto minhas unhas ao longo de seu couro cabeludo, algo

nele estala. Eu quase juro que posso ouvir seu controle quebrando.

Então ele está me empurrando contra a parede, o espaço inexistente entre nós se dobra sobre si mesmo, um buraco negro de calor e desejo. Ele está tão perto que é como se ele estivesse tentando se tornar parte de mim, o que envia um novo conjunto de arrepios dançando ao longo da minha espinha, suave como uma aranha.

O macacão da prisão e o meu uniforme de enfermeira são praticamente um sussurro de material combinado, fazendo com que eu possa sentir tudo. Quando eu não protesto contra o movimento, ele cutuca uma perna entre as minhas e depois as abre. Braços livres porque seu peso está me segurando contra a parede, ele agarra meus joelhos e me levanta, alinhando sua dureza contra a minha suavidade, me fazendo gritar contra seus lábios.

Ele substitui os lábios com as mãos para abafar os sons que não consigo controlar. Seus olhos nos meus, sempre atentos, ele usa a mão cobrindo meus lábios para guiar meu rosto para o lado, então sua boca faz coisas no meu pescoço e orelha que tornam a mão que cobre minha boca absolutamente necessária. Mesmo assim, meus gemidos e gritos ecoam por toda a pequena sala.

Como se ele estivesse lendo minha mente, os lábios de Gracin vêm para a concha do meu ouvido. Ele sussurra. — Eles podem entrar a qualquer segundo e ver que garota suja você é. — Ele enfatiza suas palavras com um lento impulso de seus quadris. Juro que posso sentir cada cume, cada veia em seu pau enquanto se arrasta ao longo da minha boceta.

Eu não respondo – seria inútil com a mão cobrindo minha boca, mas eu respondo de outras maneiras. O cheiro da minha excitação fica mais forte, sei que meu uniforme deve estar molhado. Vergonha queima minhas bochechas em um vermelho violento com o pensamento de minha excitação estar lá para Gracin ver. Para sentir se ele já não pode. Gritos ofegantes e sufocados emanam da minha garganta, não importa o quanto eu tente engoli-los de volta. Minha mente oscila entre o pensamento dos policiais entrando e o pau duro entre minhas pernas, a combinação de um estimulante erótico volátil.

Eu deveria afastá-lo.

Uma boa pessoa faria.

Uma boa pessoa não teria o deixado beijá-la em primeiro lugar.

Sua língua encontra meu ouvido novamente com uma precisão surpreendente. Sempre tive ouvidos muito sensíveis, uma respiração quente e áspera desfaz qualquer raciocínio irregular que eu estava montando. Choques dançam ao longo de minhas terminações nervosas enquanto o som de sua respiração áspera me cerca, me envolve. Minhas mãos agarram seus ombros com um aperto contundente que ele nem parece se importar. Eu dou um pensamento passageiro para seus ferimentos, para perguntar se eles estão bem - não que sua mão sobre minha boca me deixe - e então ele se move, inclinando seus quadris para cima de tal forma que a cabeça grossa de seu pau atinge meu clitóris no ângulo certo, fazendo meu mundo explodir.

Esqueço as convenções, esqueço as regras, esqueço as expectativas. Eu até ignoro a lei. As leis que dizem que não devo tocar neste homem. Não deveria encorajar sua atenção. Esqueço que ele é meu paciente. Que ele é um criminoso condenado.

Um lado escuro e sujo de mim emerge, em vez de afastá-lo, uso minhas pernas para puxá-lo para mais perto. Ele resmunga no meu ouvido, um som áspero e sexy, arqueio as costas, abrindo minhas pernas o máximo possível para acomodar seus quadris. Minhas coxas queimam, meus quadris doem no grande ângulo, mas nada disso importa enquanto o calor cresce dentro de mim. Torno-me uma coisa selvagem e sem mente, tudo o que sei é que quero mais.

Mais pressão.

Mais proximidade.

Mais dolorido, imundo, cru.

Seus dentes deixam marcas onde mordem meu ombro para conter seus sons de satisfação, seus dedos estão quase machucando minha boca. Sinto gosto de sangue de onde meus dentes arrancam meu lábio inferior.

Então ele está sussurrando em meu ouvido, sua voz como o próprio diabo. — Você quer isso. Você quer tanto que eu quase posso sentir o gosto.

Necessitada, sons de animais são a minha única resposta.

— Eu quero dar a você, Tessa. — O ritmo de seus quadris diminui, eu quase grito. — Deixe-me dar a você.

Eu teria respondido se ele não tivesse tirado a mão da minha boca e substituído pela sua. Então sua língua se torna uma metáfora para seu pau enquanto eles empurram em conjunto.

Esqueço como respirar. Como falar. Como pensar. Como se importar com qualquer coisa além do movimento constante do comprimento de Gracin contra mim, sua boca contra a minha.

Eu não sabia que algo poderia ser tão bom.

Então ele enfia a mão nas minhas costas, forçando meus quadris a se inclinarem no mesmo momento em que uma das enfermeiras ri do lado de fora, do lado de fora da porta destrancada...

Todas as coisas ruins e erradas voltam, então sua mão está na minha garganta, fazendo faíscas dançarem na frente dos meus olhos. A borda dura e afiada do prazer me corta, minha cabeça cai para trás, batendo na parede logo antes que ele engula meu grito longo e silencioso.

Eu desço em ondas e a consciência pisca hiper focada em seu comprimento duro ainda pulsando contra mim. Esse é um sentimento que acho que nunca serei capaz de esquecer. Ele é grosso e comprido, o vazio dentro de mim pede que ele o preencha. Minha boca saliva com isso, mesmo quando a descida do orgasmo esfria minha luxúria. Depois disso, seus braços estão agora em volta da minha cintura, me segurando a ele, quase... ternamente ou o que ternamente seria para ele.

Então, ouço as enfermeiras novamente.

Suas vozes são baixas, mas discerníveis, a conversa delas é sobre algum programa de televisão ou outro — uma conversa comum, como se o mundo não tivesse apenas mudado de eixo.

Gracin está me observando com aqueles olhos atentos, não tenho

dúvidas de que ele viu a progressão das emoções em meu rosto. Ele vê demais. Entende demais.

Meu corpo, que tinha acabado de ficar em brasa, esfria e com ele vem o horror.

Oh Deus, o que eu acabei de fazer?

CAPÍTULO OITO

Eu tive exatamente dois encontros de uma noite na minha vida, isso é quase exatamente como eu me senti depois deles, só que infinitamente pior. A alta da borda ilícita é deliciosa na ascensão e mortificante na queda. Como o próprio homem, é horrível e viciante. Ele é uma droga personificada. Um mortal.

Posso sentir o erro do que fizemos com mais eficiência do que um soco violento no plexo solar. Eu quase preferiria um. A violência é fácil comparada a isso.

A umidade entre minhas pernas faz com que minha calcinha grude, despertando uma consciência desconfortável de quanto eu fodi tudo enquanto Gracin se afasta o suficiente para meus pés caírem de volta ao chão. O calor queima minhas bochechas e depois se esvai, deixando-me fria, abalada e muito lúcida.

Eu mudo de pé para pé, tentando descobrir qual deve ser o meu próximo movimento e estremeço com a dor restante de quão largo ele abriu meus quadris para acomodá-lo. Não há palavras. A indecisão é paralisante.

O que diabos você faz depois de uma foda tão monumental?

A dor latejante constante dentro de mim ainda deseja ser preenchida, mesmo quando a vergonha ameaça me deixar de joelhos. Eu não me senti tão mal na primeira vez que Vic me bateu. O tremor em meus dedos se intensifica à medida que o choque desaparece e o horror segue em seu rastro.

Ele levanta meu rosto com um dedo, meu pescoço lateja em resposta, o sangue correndo para o lugar onde sua mão estava apenas alguns segundos antes. Vic fez isso tantas vezes antes, mas eu nunca contei a ninguém o que eu o deixei fazer comigo. Descobrir minha vergonha dessa maneira dói por dentro, eu quero correr. Meus olhos querem se encher de lágrimas, que tento desesperadamente trancar até conseguir sair desta sala. Repito isso em um refrão constante. Eu ficarei bem quando eu conseguir sair desta sala.

Abro a boca para falar, mas o que posso dizer? Eu literalmente pedi. Quaisquer que sejam as repercussões do que acabou de acontecer, a única pessoa que posso culpar sou eu mesma. Quando nenhuma palavra vem, eu saio em volta dele, ajustando sutilmente minhas roupas, o calor desconfortável da mortificação me cobrindo como um cobertor, mesmo que o centro de mim esteja muito frio.

— Tessa. — ele começa, eu estremeço.

— Não. — Minha voz não treme enquanto eu me acomodo na dormência familiar. Não havia muita bagunça em suas ataduras, então eu arrumo o pouco que resta enquanto mantenho minhas costas para ele. De alguma forma, eu sei que ele não vai me empurrar agora. De alguma forma, eu sei que ele quer mais do que minha dor, que é quase pior.

Dor, eu sei como lidar. Isto... o que quer que ele me faça sentir é muito mais perigoso.

Quando me viro, ele está esperando por mim no corredor da enfermaria, sua postura enganosamente casual. Aqueles braços, que estavam ao redor do meu corpo, estão cruzados sobre o peito que eu ainda não posso esperar para explorar à vontade, apesar do arrependimento correndo por mim como veneno. Eu sei muito bem que ele é um engano mergulhado em um enigma, mas meu corpo ainda anseia por ele.

— Isso não pode acontecer de novo. — eu digo sem encontrar seus olhos. Eu me agarro à sua promessa como uma mulher se afogando. É minha única tábua de salvação. Minha única maneira de entender o erro que cometi. — Você não vai tentar me beijar de novo ou vir me ver. — eu digo com firmeza. — Eu fiz o que você queria. Agora acabou.

Ele acena com a cabeça, mas noto que ele não confirma ou nega que não vai me procurar novamente. — Pense o que quiser. — diz ele — Mas estamos longe de terminar.

Eu não quero discutir com ele por medo de uma repetição, então eu coloco minhas coisas de volta no meu kit e corro para o armário de armazenamento como a ratinha que ele pensa que eu sou. Sinto seu olhar nas minhas costas o tempo todo, então passo muito mais tempo do que o

necessário organizando e reorganizando os suprimentos. Eles já estão perfeitamente alinhados, todos os remédios e bandagens em pequenas fileiras. Eu invejo a ordem deles quando estou em tanta desordem.

Eu não tenho ideia do que diabos estou fazendo ou onde diabos eu pertenço.

Eu sei que deveria estar avaliando meu próximo passo e me preparando para lidar com o que vem a seguir. Mas meu cérebro está muito ocupado correndo, tentando entender o que acabou de acontecer. É inútil de qualquer maneira. Não há como transmitir lógica ao caos. E é exatamente isso que Gracin é.

Caos.



Horas depois, finalmente tenho alguns minutos para mim. Sem pensar nisso, eu puxo o nome de Gracin no diretório de pacientes. O arquivo que recebi para seus registros de pacientes lista apenas seu número de preso para fins de segurança, o que definitivamente não é o caso de seu arquivo oficial.

Sua foto de entrada deveria ter sido totalmente repulsiva. Quero dizer, quem fica bem nos macacões azuis aquosos que fazem os prisioneiros usarem? Ele faz, é claro. Seu cabelo está mais comprido na foto, então eles devem tê-lo raspado depois que ele chegou à prisão. Ele encara a câmera com um levantar insolente no queixo e um olhar frio e duro que eu conheço intimamente. A iluminação forte torna as sombras sob suas bochechas marcantes ainda mais pronunciadas. Transforma o rosto em todos os ângulos e arestas duras. Assim como o homem, eu acho.

Respiro fundo e penso enquanto tento me convencer do que estou prestes a fazer, mas é inútil. Em vez disso, afasto meus olhos de sua foto e começo a ler as anotações em seu arquivo. Ao fazer isso, meu coração começa a bater forte no meu peito, mordo uma unha enquanto minha outra

mão bate no relatório.

Gracin Kingsley.

Gracin Kingsley.

Apenas repetir o nome dele agora faz meu sangue bombear.

As partes básicas e animalescas de mim que gostaram de nossa ligação suja reagem com uma maldade incomum e imploram para saber mais.

Depois de uma rápida olhada na porta do escritório, me debruço sobre o teclado e continuo a ler. De acordo com a data de nascimento no formulário, Gracin tem trinta e cinco anos, nasceu e foi criado em Macon, Geórgia, como ele me disse quando nos conhecemos. Ele viveu uma vida não tão charmosa de abuso e pobreza antes de seus pais morrerem, ele foi detido sob custódia do Estado. Eu pulo para seu histórico médico, meu estômago despenca. Ele não estava mentindo sobre sofrer abuso nas mãos de seu pai. Incluído em seu arquivo está uma extensa lista de relatórios de vários funcionários e profissionais de saúde contendo dezenas de lesões, incluindo, mas não se limitando a concussões, queimaduras e ossos quebrados. Meu coração se parte quando o imagino como um garotinho nas mãos de um homem como Vic. A lista de crimes em sua ficha criminal é aterrorizante e... impressionante. Seus registros não explicam por que ele está na prisão, mas deve ser algo terrível para ele ter acabado em Blackthorne.

Não sei se quero mesmo saber.

Dentro dos limites dos portões da prisão, nosso relacionamento, por falta de uma palavra melhor, está em uma pequena bolha. Eu sei que estou segura até certo ponto porque ele não pode sair. Além de nosso breve contato durante o dia de trabalho, não preciso vê-lo se não quiser, sei que, se alguma vez precisar de ajuda, seria um pequeno telefonema de distância. Aprender mais sobre seu passado torna tudo real, final, definitivo.

Eu fecho o arquivo e saio do computador para o meu turno, apagando meus passos ao longo do caminho da melhor maneira que sei. É um risco procurar o arquivo restrito, mas eu precisava descobrir mais. Agora, temo que sei demais e não o suficiente.



A casa está silenciosa quando chego uma hora atrasada, mas já sinto a tensão crepitando no ar. Não vejo Vic em lugar nenhum, mas posso senti-lo. Como uma presa que sabe que um predador está próximo. Assistindo. Esperando para atacar.

Pela primeira vez desde que ele me bateu, não estou apavorada. Estou com raiva. E eu sei que Gracin é o motivo. Ele me faz querer coisas que não posso ter. Uma vida diferente. Dele. Para lutar de volta.

É perigoso, esta semente de esperança.

Provavelmente um pouco louca.

Como um homem como ele pode me fazer querer ser uma pessoa mais forte?

A ironia é risível.

Na verdade, enquanto estou congelada na porta da frente, eu rio. Sem dúvida, Vic deve se perguntar o que diabos está errado com sua esposa boba que ela está rindo como uma maluca, mas pela primeira vez, eu não me importo. Eu não me importo que ele vá me dar os punhos em um futuro muito próximo.

Eu não me importo que eu beijei um homem que não é meu marido.

Acho que cruzar a linha profissional, percebendo que sou capaz de coisas terríveis, fez algo com meu cérebro.

Talvez os anos passados sofrendo nas mãos de Vic tenham finalmente me feito rachar. A garota que eu costumava ser nunca deixaria um homem como Gracin passar por suas defesas. Ela nunca teria sequer considerado quebrar as regras, muito menos a lei. Então, novamente, ela provavelmente nunca teria pensado que deixaria seu marido usá-la como um saco de pancadas.

Uma voz que soa muito como o próprio Gracin sussurra na minha

cabeça.

O que mais você pode fazer?

Até onde você iria?

Como é possível que um homem, alguém que deveria cumprir a lei, possa me derrubar e outro, que deveria ser a escória da terra, possa me edificar?

Dou um passo hesitante para dentro da casa em que passei os últimos anos me escondendo. Uma casa que só conseguiu gerar terror e pesadelos, pela primeira vez, não tenho medo. Na verdade, é a minha falta de medo que me apavora.

É um estado de ser que me faz sentir que posso fazer qualquer coisa.

O que é sem dúvida o que Gracin pretendia.

Olho ao redor da sala a caminho da cozinha, notando a maleta ao lado da poltrona e o copo de conhaque na mesa lateral. Victor está em casa. A antecipação me preenche, sombria e potente. Um gêmeo do desejo que me inspirou a baixar a cabeça de Gracin e estender o beijo que foi minha queda.

Ele deve estar no quarto, o pensamento dele e uma cama enche minha boca com bile. E eu sei, sem sombra de dúvida, que nunca mais vou dividir a cama com ele. Nunca vou deixar ele me tocar. Nunca deixar que ele me machuque.

Eu prefiro morrer.

Abro a geladeira, mais por hábito do que por qualquer outra coisa, pego as costeletas de porco que preparei esta manhã para o jantar. A tarefa mundana de preparar o jantar vai acalmar a selvageria que está se formando dentro de mim. Isso me impedirá de tomar decisões precipitadas. Bem, desde que Vic não faça nada estúpido.

Pego cenouras e batatas e coloco-as na ilha da cozinha. Pego os ingredientes para empanar as costeletas de porco e coloco a gordura para aquecer em uma fritadeira no fogão. A cama range no quarto e uma sensação avassaladora de expectativa se desenrola no meu estômago. Seus passos fazem a madeira no corredor gemer e minha respiração travar.

— Onde você esteve? — ele pergunta com indiferença enganosa.

Que é como todas as suas “discussões” começam. Ele encontra uma desculpa, qualquer desculpa, para criticar. Então ele reclama e delira. Então ele fica físico.

É um ciclo. Um que eu li em livros e vi em filmes muitas vezes para contar. Eu só não percebi que estava em um até que aconteceu. De novo e de novo.

Já tive o suficiente.

Com medo da raiva incomum que sinto percorrendo-me, lavo os legumes com cuidado extra. Uma névoa branca começa a invadir minha visão, depois que coloco as cenouras e as batatas no balcão, esfrego os olhos, pensando que talvez esteja cansada demais.

Vic faz um som frustrado. — Estou falando com você. — diz ele em uma voz que costumava me fazer tremer e me encolher de medo. Agora só me cansa.

Por que eu deixei ele me machucar por tanto tempo?

Por que demorei tanto para ver?

Eu não respondo a Vic enquanto escolho uma faca do bloco de açougueiro e começo a cortar as cenouras em lascas finas. Ao fazê-lo, imagino que estou cortando as restrições que ele tem ao meu redor. Aquelas que estão me sufocando por tanto tempo, seu peso é como uma segunda pele. Não demora muito para essas restrições se transformarem em uma visão do próprio homem, fecho meus olhos para dissipar a imagem.

Corto as cenouras com mais força. Vic deve sentir meu humor, em uma jogada inteligente de sua parte, não diz nada até eu colocar a faca no balcão e trocá-la por um descascador. Eu esfolo as batatas sem nunca tirar os olhos da tarefa.

Acho que tenho medo.

Tenho medo de que, quando o fizer, tudo mude. Que as partes fundamentais de mim foram irrevogavelmente alteradas.

— Você vai me responder? — ele pergunta, sua voz se inclina no final, como se ele não pudesse acreditar que eu tenho coragem de desafiá-lo. Sua esposa obediente desta manhã se foi, ele não sabe como lidar com isso.

Deve ser seriamente desconcertante para ele. No entanto, o poder que me inunda é imensurável.

— Não. — eu digo enquanto coloco uma panela de água para ferver para as batatas.

— Não? — ele pergunta, sua voz anormalmente alta.

Preparo outra panela com um pouco de água para as cenouras e lhe dou uma olhada rápida antes de pré-aquecer o forno. — Não, eu não vou responder sua pergunta. Você sabe muito bem onde eu estava.

— O que você disse para mim? — Ele contorna a ilha e fica ameaçadoramente perto das minhas costas.

Meus dedos ainda sobre a assadeira onde estou espalhando biscoitos para irem ao forno. Eu olho para cima e quase rio da expressão no rosto de Vic. Sua testa esta manchada de vermelho. Gotas de suor em suas têmporas e seu lábio inferior treme. Se eu tivesse que adivinhar, diria que ele está quase gostando da possibilidade de um confronto. O próprio pensamento faz mal ao meu estômago. O medo tem sido um companheiro constante, embora indesejado.

Até agora.

A mão de Vic convulsiona onde ele agarra o balcão, seus dedos estão brancos como pétalas onde eles se dividiram e cicatrizaram várias vezes. Essas mãos são estrelas frequentes dos meus pesadelos. Tudo o que ele costumava fazer era criá-los, mesmo que apenas infinitesimalmente, eu imediatamente me submeteria a ele. Eu recuava em pânico como a ratinha tímida que Gracin me acusa de ser.

Hoje, no entanto, mesmo vendo suas mãos flexionarem ameaçadoramente, não estou com medo. É como se minhas emoções estivessem embrulhadas em algodão e experimentadas através de uma caixa de vidro.

Se eu fosse honesta comigo mesma, eu admitiria que esse estalo demorou muito para chegar. O abuso, tanto emocional quanto físico, foi demais. A sensação de isolamento e desolação é muito forte.

Há apenas uma quantidade que uma pessoa pode tomar e esta manhã inclinou a balança.

Nem é por causa de Gracin. Ele é um sintoma de um problema muito maior. Talvez eu tenha ido para os braços dele para forçar esse confronto. Para acabar com tudo isso.

Ele é minha ruína.

Eu tive que chegar ao fundo do poço para ver uma saída.

A faca brilha no halo amarelo de luz da luminária da cozinha acima. Quando olho para cima, Vic está me observando com seus olhos redondos e de cobra. Nós dois sabemos o que está por vir.

CAPÍTULO NOVE

O dia seguinte começa como qualquer outro. Eu acordo e tomo banho, tomando cuidado extra com minha aparência. Eu até uso o esfoliante de açúcar que uma das outras enfermeiras me deu de presente no último Natal. Eu me enrolo em uma das toalhas grandes e luxuosas de Vic e passo uma loção perfumada de lavanda e aplico maquiagem com uma mão mais pesada para cobrir as sombras sob meus olhos e a magreza nas minhas bochechas.

Depois de vestir o necessário par de uniformes, contorno a bagunça que sobrou do jantar na cozinha e preparo um smoothie rápido para o café da manhã. Por hábito, pego o jornal da varanda da frente e o coloco na mesa da cozinha. Eu não penso sobre por que eu faço isso enquanto pego minhas chaves e bolsa e entro no meu carro.

Não pensar aparentemente se tornou minha configuração padrão para lidar com todos os meus problemas. Mas tudo está tão fenomenalmente fodido, lidar com eles significaria enfrentar todas as decisões horríveis que tomei ultimamente, o que não estou pronta para fazer.

Não.

Então, eu dirijo para o trabalho e finjo que é como qualquer outro dia.

Finjo que meu casamento não é uma farsa. Que eu não estraguei minha vida no dia em que me casei com o primeiro homem que me fez sentir especial. Que não fiquei no casamento porque não tinha para onde ir. Meus pensamentos param por aí porque eu quase pensei no nome da pessoa que provavelmente me ferrou ainda pior do que o meu marido idiota.

Ernie nem me incomoda enquanto tenta olhar para baixo da minha camisa quando eu entrego a ele meu crachá. Ele é um peixe pequeno na minha lista de coisas para me preocupar. Eu até dou a ele um sorriso ligeiramente perturbado que tem seu olhar congelado em meu rosto enquanto eu pego meu crachá e me afasto.

Meu carro derrapa na lama cinzenta do estacionamento quando paro ao acaso, o para-choque do meu carro beijando um monte de neve. Mas também não penso nisso. Minha traseira está a quinze centímetros do estacionamento vizinho, mas não puxo minha bunda de volta para consertá-lo.

Chego à enfermaria sem incidentes e pretendo passar as próximas oito horas concentrada cem por cento na papelada e nos pacientes, menos um, que tem o dia de folga após a briga para se recuperar e relaxar.

Um dos homens sem nome e sem rosto está sentado na cama do hospital tentando não fazer caretas enquanto procuro, inutilmente, uma veia para uma amostra de sangue. É algo que já fiz milhares de vezes, mas pela minha vida, meus dedos teimosos não vão cooperar.

— Sinto muito. — eu digo, novamente. — Vamos tentar seu outro braço.

Ele resmunga baixinho enquanto eu contorno a cama para o outro lado. Duvido que ele queira que eu o espete mais cinco vezes e ainda acabe sem conseguir, mas estou determinada a manter o sorriso alegre no rosto e fingir que estou focada. Mais duas picadas e acerto na mosca. Alívio inunda a expressão do preso, pego sua amostra de sangue, registro suas informações e o mando embora. Ele atira punhais em mim e resmunga sobre processar a prisão enquanto ele se afasta e eu deslizo em minha cadeira.

Com o canto do olho, vejo um contorno embaçado do macacão azul de um preso, mesmo que tenha dito a mim mesma o dia todo para não pensar nele, para não me lembrar da coisa horrível que fiz, não posso evitar.

Quanto mais eu tento não pensar nele, mais meu cérebro se concentra nele. Como uma coceira que não posso alcançar, mas estou morrendo de vontade de coçar.

Eu me contorço na cadeira enquanto tento me concentrar na papelada, mas é inútil. Por duas horas, as palavras nadam e dançam na frente dos meus olhos. Eu li a mesma linha pelo menos dez vezes e ainda não entendi. Quando a outra enfermeira de plantão me lança um olhar de

reprovação porque continuo soltando suspiros profundos, desisto.

Eu diria desculpe. Normalmente, sou uma colega de trabalho muito solícita. Eu entro, faço meu trabalho com muito pouco alarde e vou para casa. Garotinha perfeita, essa sou eu. Vic me treinou bem.

Frustração e raiva borbulham sob minha pele e eu reviro meus ombros enquanto caminho até meu armário para pegar meu almoço. Mesmo pensar no nome de Vic me faz querer rasgar algo com minhas próprias mãos. Eu tenho que inclinar minha testa contra meu armário para esfriar minha carne aquecida.

— Enfermeira Emerson. — diz uma voz atrás de mim, me fazendo bater minha cabeça contra o armário de metal.

Eu me viro, levando a mão para o local atingido, olho feio para o oficial que está sorrindo se desculpando.

— Desculpe por isso. — diz ele. — Eu pensei que você me ouviu chamando.

Eu dou uma pequena sacudida. — Sem problemas, eu tenho uma cabeça dura. O que posso fazer por você?

Ele se aproxima, seus olhos um pouco avaliando demais para o conforto e me entrega uma prancheta. — Tenho alguns papéis aqui para você sobre o preso em quem você trabalhou ontem. Confidencial, entende?

Meu coração bate duas vezes no meu peito. — Papelada.

Ele acena para a prancheta que eu não percebi que peguei e se dirige para a porta. — Está tudo lá. Cuide-se agora.

Eu sei antes mesmo de olhar para a página o que vai ser e de quem é. Existe a possibilidade de o guarda informar Vic, mas Gracin teria pago para ele ficar quieto. Eu entretenho o pensamento de jogá-lo direto no lixo, mas não consigo me obrigar a fazê-lo. Meus ouvidos zumbem quando me concentro na versão de mim que ele desenhou dessa vez. É como eu devo ter parecido logo depois que ele me levou à beira brutal de um orgasmo poderoso. Meus olhos ainda estão fechados, minha boca está cheia e macia, um pouco machucada. Pela primeira vez, ele se incluiu no desenho. Apenas

sua mão no lado da minha garganta, seu polegar na borda do meu queixo. Não parece significativo para mais ninguém, mas é tudo para mim. Ele assinou com seu nome completo, abaixo da assinatura estão três palavras: Venha para mim.

Estou no meu intervalo, mas não me importo. Comer é agora a última coisa em minha mente. A impaciência, irritação e raiva que vem se acumulando sob minha pele o dia todo como um gêiser² se revira e se agita a cada passo que dou. Agarro a prancheta na minha mão como um escudo e não decidi se quero jogá-la na cabeça dele no momento em que o vir ou não.

A parte de mim que não zombou de sua audácia de me chamar se deleita em sua atenção. É uma faceta baixa e má da minha personalidade que eu nem sabia que possuía. Eu me empanturro com o conhecimento de que um homem como Gracin - um homem poderoso e perigoso - me quer. Eu posso ser sua única opção, mas não parece registrar quando toda a sua atenção está em mim. Mesmo sabendo que estou trilhando um caminho traiçoeiro com consequências fatais em cada extremidade, não consigo parar.

Os policiais na entrada de seu bloco de celas também devem ter sido subornados, porque fecham os olhos quando apareço. Manivelas altas e batidas da porta se abrindo, que são seguidas por um grito de acompanhamento, são o único sinal de que eles estão cientes da minha presença. Eu permaneço do lado de fora da boca aberta do bloco da prisão, a arrepiante percepção de que o próximo passo que dou será um momento decisivo me oprime com indecisão.

Dou um passo incerto à frente, puxado pela conexão inexplicável que estimulou tantas das minhas decisões precipitadas. As partes escuras de mim encontram consolo na escuridão dentro dele. Como encontrar gosto e incendiar.

Aproximo-me da cela que sei que é a dele, sem saber ou mesmo consciente de quaisquer reclusos nas celas circundantes. Eu posso ouvi-los gritando e batendo em suas portas, mas isso não me incomoda. As barras de sua cela precisam desesperadamente de uma nova pintura. Flocos de cinza

caem em minhas palmas enquanto eu seguro o ferro com ambas as mãos.

— Por que você me chamou aqui? — Eu digo. — Nós tínhamos um acordo. — Minhas palavras estão dizendo não, mas minha voz está toda errada. Suspiro. Como uma pequena virgem que não tem certeza se quer ir até o fim, apesar do quão bom ela sabe que pode ser.

Seu abdômen se contrai enquanto ele se levanta para a posição sentada. Por mais que tente, não consigo desviar o olhar. Certamente, eu mereço um lugar no inferno pelos longos segundos que passo olhando para seu abdômen nu.

Ele não percebe ou não comenta enquanto se levanta do beliche para ir até as barras. Sua postura é enganosamente relaxada com um ombro contra o metal. Tenho a sensação de que todas as coisas que ele não diz estão apenas guardadas para outra hora, mas apenas porque não lhe servem neste momento.

Seu alcance através do recinto, sua expressão contemplativa enquanto ele enrola uma mecha do meu cabelo em seus dedos. Como um gato brincando com sua presa. — Eu acho que a pergunta mais importante, Sra. Emerson, é por que você veio?

As palavras dão um nó na minha garganta e o horror suga todo o sangue do meu rosto. — Porque cruzamos uma linha e você precisa saber que não podemos fazer isso de novo.

Ele abandona meu cabelo pelo meu queixo, seu dedo traçando da ponta do meu queixo até a curva da minha orelha. Eu começo a me afastar, então percebo que sua outra mão envolve meu pulso. Eu não poderia me mover, mesmo que eu quisesse. Quando ele tinha me agarrado?

— Então você está dizendo que veio me ver porque não quer me ver de novo? — Sua voz é tão suave, tão inocente e fascinante, eu me vejo inclinada para ele, querendo provar suas palavras diretamente da fonte. Quando os dedos investigando meu queixo arranham meus lábios e eu sinto o gosto dele... o sabor terroso de sua pele estourando na minha língua como um afrodisíaco, eu balanço minha cabeça para limpá-la.

— Pare de distorcer minhas palavras. — Eu tento puxar meu braço de

seu aperto, mas sem sucesso. Seu aperto é mais eficaz do que algemas. — Me deixar ir.

Ele inclina a cabeça como se soubesse o quanto eu quero que ele continue me tocando. — Eu não acho que vou. Nós não terminamos.

— Terminamos com o quê?

Estou horrorizada e envergonhada ao descobrir que o vai-e-vem me deixou molhada. É tudo diversão e jogos até perceber que eu gosto disso. Não apenas o aspecto proibido ou o perigo, mas o erro.

Deve haver algo perverso dentro de mim. Essas partes que Vic quebrou se juntaram novamente, mas as bordas irregulares não se encaixam mais. Pânico jorra através de mim quente e vital – instintivo. Ele não me segura forte o suficiente para machucar, de alguma forma isso só intensifica sua atração, mas ele também não me solta.

— Nossa conversa. — diz ele em voz baixa. — Agora responda a pergunta.

— Gracin, por favor.

Ele suga uma respiração profunda por entre os dentes, isso faz com que os pelos dos meus braços e da minha nuca fiquem em pé. Ele se aproxima, pressionando seu corpo contra as barras entre nós. Ele está tão perto que posso sentir o calor dele através do metal. Se eu me movesse, mesmo um pouquinho, estaríamos peito a peito. A tentação me faz estremecer.

Seu gemido faz as barras vibrarem, meu sangue zumba em resposta. — Diga isso de novo.

Eu puxo meu braço, mas seu aperto fica mais forte, ele me puxa para frente de modo que estamos quase nos tocando. Estou tão longe da linha que nem sei se foi intencional ou não. — Pare. — eu digo, sem um pinga de convicção.

Com a testa contra as barras, ele fecha os olhos. — Diga, ratinha.

— Eu vou se você me deixar ir.

— Diga meu nome.

Eu gostaria de não estar tremendo. Mostrar a ele qualquer vulnerabilidade é apenas pedir que ele a explore. — Por favor.

Ele rosna.

— Eu...

— Diga.

— G-Gracin.

— Excelente, ratinha. Agora me diga por que você veio. Diga-me por que parece que você está prestes a voar para fora de sua pele.

Sabendo que o silêncio é minha única opção segura, balanço a cabeça.

Seu aperto no meu pulso é suave e eu posso sentir sua respiração na minha mandíbula. — Diga-me.

— Você estava certo.

— Boa menina. — Ele quase geme. A sexualidade flagrante no som é quase demais para suportar. — Como eu estava certo?

Eu deveria estar preocupada com os oficiais, com meu trabalho, com minha sanidade, mas não há espaço para nada além de Gracin.

— Eu o enfrentei.

— Para o seu marido? — ele pergunta, porém, pela expressão presunçosa em seu rosto, ele sabe de quem estou falando.

Eu tento, falho, parar os arrepios que destroem meu corpo por causa de sua proximidade. Focar com ele perto é inútil. — Ele tentou... ele tentou me machucar novamente.

Seu sorriso de escárnio é tão afiado e letal quanto uma lâmina na garganta. — Aposto que sim. — Há uma batida de silêncio antes que ele pergunte. — O que você fez? Você o machucou? Hum, ratinha? — A última palavra é suave, quase ronronada no meu ouvido.

— Eu tentei. — Minha voz quase não é um murmuro, mas minhas

palavras o iluminam. — Eu estava fazendo o jantar e ele veio até mim. Eu não queria cortá-lo, mas eu estava segurando uma faca e ele não parava.

— Não tenha vergonha. — ele diz quando meu olhar cai do dele. — Ele é quem deveria se envergonhar. Nenhum homem deve colocar as mãos em uma mulher.

Olho incisivamente para ele e levanto uma sobrancelha, embora seu registro nunca tenha indicado nada do tipo. — Eu nunca machucaria você, ratinha. É por isso que você veio até mim.

— Vim porque sou uma idiota. — Eu tento colocar energia em minha voz, mas não há mais nenhuma. — O que você quer de mim? Qual o jogo que você está jogando?

— Estou jogando um jogo muito perigoso e você é o prêmio. Nosso acordo está cancelado, Tessa. Eu quero você, vou levá-la de qualquer maneira que eu puder.

A respiração estrangula na minha garganta. — Eu não vou... eu não posso fazer isso de novo.

— Mentirosa. — ele canta enquanto os dedos que não estão em volta do meu pulso traçam o hematoma desaparecendo no meu lábio. — Você não está chateada porque você não gostou. Você está com raiva porque você adorou.

Os protestos grudam na minha garganta, estou prestes a responder quando os alarmes soam. Alguém deve ter nos reportado, afinal. Minha resposta é abafada pelos gritos estridentes das sirenes. Acabou o tempo. Eu olho de volta para ele, seu sorriso é lento e predatório. Ele tem cheiro de sangue e está se preparando para matar.

— Diga-me. — ele grita de sua cela. — Volte e me diga, ratinha, se ele não olhar para você de forma diferente. Se ele não tiver um brilho de respeito em seus olhos na próxima vez que ele tentar te machucar.

— Eu não vou fazer isso.

Seu sorriso ganha uma borda afiada, olhos brilhando com as luzes vermelhas do alarme enquanto piscam. Os policiais finalmente irrompem

pelas portas e correm pelo corredor, mas não consigo ouvir os gritos acima dos meus pensamentos de pânico e batimentos cardíacos estrondosos. Eles correm por mim para destrancar a porta de sua cela, ele me libera, recuando com as mãos sobre a cabeça em um gesto suplicante que todos sabemos que é apenas para exibição. Mesmo que ele esteja atrás das grades, de alguma forma ele ainda detém todo o poder.

Ele mantém meu olhar fixo no dele, dou um passo automático em retirada. Não importa quanta distância eu coloque entre nós, ainda posso sentir suas mãos em mim.

— Falarei com você amanhã, ratinha. Eles me liberaram para o trabalho.

CAPÍTULO DEZ

— Você está bem? — Annie pergunta enquanto me avalia algumas horas depois.

— Eu estou bem. — eu digo e estremeço quando minha voz soa como se eu tivesse levado uma serra elétrica para ela. Eu limpo minha garganta. — Foi apenas um daqueles dias.

Ela concorda com a cabeça, embora, na verdade, ela não tenha ideia e por isso eu sou grata. Se ela soubesse exatamente o que eu tinha feito, ela estaria correndo o mais rápido que podia na direção oposta. Somos treinadas para não nos aproximarmos dos internos exatamente por esse motivo. Perdemos nossa objetividade, isso pode ser perigoso, até mortal. Um erro ... um passo em falso e poderíamos estragar tudo e custar a vida de alguém. Ou perder a nossa.

Eu me repreendo por minha estupidez e egoísmo total. Deve ter sido insanidade, eu raciocino. Nada mais explicaria por que deixei Gracin me tocar. Por que eu o deixei fazer muito mais do que me tocar.

Não.

Eu não posso ir lá.

— Cuide-se. — Annie me diz enquanto enrola um estetoscópio no pescoço.

Digo algo apropriado de volta ou pelo menos espero que diga. Annie parece aceitar minha resposta e começa a verificar os gráficos. Deus, eu preciso me recompor. Empurro meus dedos em meus olhos até ver manchas.

Comparada à minha própria vida, Annie tem uma vida fácil. Ela tem cerca de vinte e cinco anos, talvez. Sou apenas dois anos mais velha, mas parece que uma vida inteira de diferenças nos separa. Segundo ela, este é apenas um trabalho temporário, ela pretende usar a experiência para conseguir um emprego como enfermeira itinerante. Ela quer sair desta cidade e conhecer o país. Nunca saí de Michigan e não prevejo o fim da

minha vida em Blackthorne, pelo menos não enquanto Vic tiver alguma opinião sobre o assunto. Ele gosta de me manter bem e verdadeiramente sob seu polegar. Ela está feliz e solteira, eu sufoco um pouco mais a cada dia que estou casada com Vic.

Um suspiro se transforma em um bocejo enquanto eu volto para os armários para pegar minhas coisas. Minha autopiedade é exaustiva. Eu me coloquei nessa confusão. Meu casamento com Vic, meu... qualquer coisa com Gracin. Ambos são inteiramente minha culpa.

Eu aceno adeus para as pessoas na recepção, mas elas não prestam mais atenção em mim do que elas fizeram esta manhã. Às vezes, acho que poderia entrar na prisão com uma arma como uma lunática delirante e ninguém piscaria um olho. É como se elas tivessem treinadas para não olharem para mim. Acontece assim, eu aprendi. As pessoas não querem ver o que as assusta. Elas não querem ajudá-la com seus problemas. Eles querem que você fique fora de suas vidas porque a complicação de sua dor é muito inconveniente.

O vento gelado rasga meu cabelo enquanto eu empurro as portas. Eu puxo minha jaqueta para mais perto e me inclino para frente, o que só serve para deixar o frio escorrer pelo meu pescoço. Solto uma gargalhada. Eu simplesmente não consigo vencer. História da minha vida.

O interior do meu velho carro não é melhor, são necessárias três tentativas para o motor avariado virar. Enquanto o interior aquece, eu me aconcho em minha jaqueta e descanso minha cabeça no volante. Enfio as mãos, blocos de gelo já congelados, entre as pernas para tentar descongelar. No meio do inverno de Michigan, é quase inútil, mas as ações são reconfortantes.

Eu poderia usar um pouco de conforto.

Muito disso.

Lágrimas se acumulam em meus olhos, mas eu pisco elas de volta, o que faz minhas pálpebras arderem. Toda a minha vida foi como se eu estivesse procurando por afeto – algo que parece ser tão fácil para todos os outros. Meus pais — se pudessem ser chamados assim — não saberiam o

significado da palavra. Se eles não estavam gritando e batendo uns nos outros, eles estavam gritando e me batendo. Se eles não estavam fazendo isso, eles estavam fingindo que eu não existia.

Devo ter sido o alvo perfeito para Vic. Eu não era inocente. Não desde que Tommy Blankenship me coagiu no banco de trás de seu Ford Taurus com todo o charme e promessas que sua reputação de quarterback do ensino médio poderia reunir. É claro que também não havia afeto ali. O rolo no banco de trás durou dez minutos, não que Tommy desse a mínima para isso. Eu não poderia culpá-lo. Seu desprezo nasceu da ignorância e não da maldade.

Ainda assim, eu deveria ter aprendido depois disso, mas é claro que não aprendi. Após o doce e desajeitado Tommy, havia uma fila de meninos e depois homens que pareciam apenas alimentar o nada. Depois de ganhar meu bacharelado em enfermagem, conheci Vic. E a idiota em mim, pensei que ele fosse diferente.

Rapaz, eu estava errada.

Ele não me mostrou o rosto por trás da máscara no início. Na verdade, ele era o homem mais charmoso que eu já conheci. Ele esbanjou atenção em mim como se eu fosse a mulher mais fascinante que ele já conheceu. Havia encontros improvisados, que mais tarde descobri que ele não podia pagar, mas quando ele propôs, eu estava bem e verdadeiramente sob seu feitiço. Isso tornou o dia em que ele me bateu pela primeira vez ainda mais chocante. Não demorou muito para eu aprender o que minha nova vida implicava.

Solto uma risada que é tão humanamente possível que seja quando minhas mãos finalmente aquecem o suficiente para segurar o volante com alguma aparência de controle. Ao controle. Agora isso é uma piada. Não me senti no controle da minha vida... Nunca.

Quando saio do estacionamento, balanço a cabeça em negação, mas o pensamento sussurra pelas paredes que levantei, tão determinado quanto o vento gelado em busca de pele. Você certamente estava no controle nos braços de Gracin. E assim, não estou mais com frio. O desejo que foi tão duramente conquistado durante três anos de casamento parece tão

prontamente chamado à tona no que diz respeito a ele.

O vento bate contra o carro enquanto eu cuidadosamente navego pelas ruas escorregadias de volta para a casa que Vic e eu dividimos. O confronto com Gracin hoje apenas reforça um fato que eu mesma tenho ignorado.

Não posso ficar com Vic.

Não sei como vou conseguir me livrar dele. Até pensar isso para mim mesma me dá vontade de tremer de medo, mas eu sei que tenho que fazê-lo. Mas que outra alternativa eu tenho? Deixá-lo me matar? Não vou mentir para mim mesma e dizer que não tinha pensado nisso. Apenas deixe-o acabar com isso de uma vez por todas. A morte seria quase um alívio.

Há uma parte de mim que simplesmente não me deixa desistir. Eu quase me odeio por isso, mas apesar das vezes que ele tentou tirar isso de mim, ele ainda não conseguiu.

Começo a planejar enquanto faço a longa jornada para casa. Sem dúvida, Vic se vingará por eu lutar, mas farei o que faço de melhor... vou aguentar. Mas só por mais um dia. Mais um dia, então, enquanto ele estiver no trabalho até tarde amanhã, recuperando o que perdeu hoje, farei minha jogada quando sair do meu turno. Vou correr e me esconder o quanto for necessário para me livrar dele.

Gracin — o que aconteceu entre nós foi um erro. Eu estremeço quando entro na garagem e fico parada por mais alguns preciosos segundos de paz. Beijá-lo, deixá-lo me tocar e me dar prazer era uma medida de controle, de liberdade, que eu não tinha há muito tempo. Isso me deu o alerta que eu precisava para sair do controle de Vic. Vou deixar por isso mesmo antes que qualquer outra coisa aconteça. A intuição me diz que ele é tão perigoso quanto parece e eu tive homens manipuladores o suficiente para uma vida inteira.

Uma luz pisca na janela da sala. Sem dúvida, Vic está esperando por mim lá dentro. Observando, fervendo, esperando seu tempo. O castigo desta noite provavelmente será pior do que qualquer coisa que já tive que passar, mas viverei, porque amanhã...

Amanhã, estarei livre da prisão que eu mesma criei.

Meu andar é lento enquanto ando pela calçada escorregadia. Um cansaço profundo toma conta de mim, tornando cada passo uma pequena façanha por si só. Minha demonstração de desafio na noite anterior pegou Vic desprevenido, mas esta noite, ele estará pronto. Ele teve o dia todo para pensar nas coisas perturbadoras que quer fazer comigo.

Abro a porta com as mãos firmes e o encontro sentado no sofá assistindo a um jogo de futebol, o que me dá vontade de rir novamente. Durante todo o tempo em que estivemos juntos, Vic detestou a ideia de assistir esportes. Ele prefere as notícias ou documentários. É assim que eu sei que ele está apenas fingindo para meu benefício, tentando me embalar com uma falsa sensação de segurança.

— Estou em casa. — eu digo levemente porque dois podem jogar neste jogo.

Ele resmunga, mas não olha na minha direção. Enquanto ando para colocar minha bolsa e jaqueta no armário de casacos, não perco como suas mãos se apertam reflexivamente no braço do sofá. Aposto que ele as imagina em volta da minha garganta. Vou direto para a cozinha para começar a preparar o jantar. Cerca de uma hora depois, uma vez que os implementos afiados estão fora do caminho, ele aparece na porta.

— O jantar está pronto. — eu digo calmamente e sirvo o bife, purê de batatas e feijão verde orgânico. O hábito é a única coisa que me impediu de carbonizar a carne e cozinhar demais o feijão.

Eu não deveria ter me incomodado porque Vic não dá a comida uma segunda olhada.

— Você está atrasada de novo. — diz ele, sua voz enganosamente calma.

— Houve um bloqueio em um dos blocos de celas. — Eu tento manter minha própria resposta tão calma e objetiva, para que ele não ouça a mentira em minha voz.

— É isso mesmo? — Mas não é uma pergunta.

A tensão aumenta, minha mente vai para os passos que vou precisar para limpar o jantar. Primeiro, vou ter que juntar os pratos sujos e guardar as sobras.

— Sim, houve outra luta hoje, eu acho. Estávamos bastante sobrecarregadas.

Vou lavar os pratos na pia e tirar o pior do lote de molho enquanto faço a pré-lavagem e coloco o resto na máquina de lavar louça. Assim que terminar, vou esfregar o forno, as bancadas e a pia até que brilhem.

— Uh-huh. — é tudo o que ele diz.

Eu empurro seu prato em sua direção e me viro para fazer dois copos altos de chá. No momento em que viro as costas, sei que ele fará sua jogada e não estou errada. Só estou triste por ele não ter começado na sala de estar onde eu escondi uma arma debaixo de uma mesa lateral no momento em que reuni coragem suficiente para deixá-lo.

Sua mão se estende, seus dedos se emaranham na longa linha do meu cabelo, puxando para trás e arrancando mechas desde a raiz. Eu grito de surpresa e dor quando meu corpo entra em contato com o dele.

— Eu não sei o que diabos deu em você, mas isso vai parar agora.

Eu inclino meu queixo para cima em um convite silencioso para ele fazer o seu pior. — Você está certo sobre isso, Vic. Eu quero o divórcio.

CAPÍTULO ONZE

Tudo machuca.

Meus braços, minhas pernas, minha cabeça, até meu cabelo lateja com cada batida surda do meu coração. Não há um ponto no meu corpo que não doa, mas eu me puxo para fora da cama de qualquer maneira. É apenas o pensamento de partir que me mantém em movimento. Como um ímã, ele me chama.

Agora tome um banho, ele diz. Lave o cabelo, faça seu rosto e se vista.

São todas as coisas que vão convencer Vic de que não mudei nem um pouco. Sem dúvida, ele ainda acredita que a surra completa que me deu ontem à noite foi suficiente para reprimir minha pequena e ineficaz rebelião. Se alguma coisa, as dores e machucados servem apenas para firmar minha resolução. Ele acha que me convenceu a ficar. Ele não poderia estar mais errado.

Vic saiu quando entrei na cozinha. Considero sem entusiasmo o fato de que nunca mais o verei. O pensamento é menos preocupante do que eu imaginava que seria. Principalmente, eu só me sinto cansada. Como alguém da minha idade pode se sentir tão cansada?

Verifico meu reflexo no espelho retrovisor enquanto espero o carro aquecer. Pelo menos ele ficou longe do meu rosto desta vez. Eu não posso dizer o mesmo para o resto do meu corpo. Meus braços estão tão pretos e azuis que eu uso uma Henley de manga comprida por baixo do meu uniforme para escondê-los. Eu aprendi minha lição. A última coisa que preciso é que Gracin veja o que ele fez comigo. Não sei o que ele faria e não tenho interesse em descobrir.

Meu objetivo hoje é manter minha cabeça baixa, fazer o pouco de trabalho que tenho que fazer, chegar em casa para fazer as malas e dar o fora.

Leva uma eternidade para eu chegar até a enfermaria, já que o frio faz meus músculos doloridos doerem ainda mais. Sinto-me como uma grande

contusão latejante quando chego lá. Felizmente, o Gracin patologicamente pontual ainda não chegou. Assim que ligo as máquinas, um oficial me chama pelo rádio para encontrá-los no saguão principal. Ao mesmo tempo, gritos vêm de fora da área médica.

— Cai fora! — o oficial está gritando. — Enfermeira!

Picos de adrenalina, permitindo que eu me mova com relativa facilidade. Quando vejo o que está esperando por mim no corredor, no entanto, quero correr de volta para a enfermaria e me esconder.

Três policiais têm um preso entre eles, mas ele está lutando como o inferno para se libertar. Eu o reconheço de algumas semanas atrás. Eu o costurei quando conheci Gracin. Leva alguns minutos para o nome dele vir à mente: Salvatore. Eu suspiro mentalmente. Já estou exausta e o dia ainda nem começou. Maldito seja, é claro que eu teria uma emergência no único dia em que eu precisasse de um alívio.

Eu assisto, horrorizada e um pouco distante, enquanto os oficiais finalmente conseguem subjugar Salvatore enquanto ele ri como se tudo fosse um grande jogo para ele. Como se ele não percebesse que está na prisão, aparentemente o mais baixo dos baixos. Como deve ser ter tanta certeza? Eu com certeza não sei. Não há uma única coisa na minha vida neste momento que eu tenha certeza, além do fato de que estou completamente fora de mim. Eu tenho sido como um pedaço de penugem de dente-de-leão flutuando no vento, minha única direção vem do capricho dos ventos.

Eu engulo goles profundos de ar, tentando recuperar meu senso de desapego e calma, mas é inútil quando percebo que verei Gracin em breve.

Como se os pensamentos dele o tivessem convocado das entranhas da prisão, Gracin aparece ao meu lado, apesar da maneira como minha vida parece estar se desenrolando ao meu redor, sua mera presença acalma um pouco meus nervos. Ele e o prisioneiro cruzam os olhos, uma conversa silenciosa passa entre eles. Salvatore rosna, a energia gira em torno de Gracin como um fio elétrico. Eles se conhecem além do primeiro encontro quando costurei Salvatore?

— Siga-nos até a enfermaria. — um dos oficiais rosna antes de Salvatore jogar seu peso novamente, tentando se libertar do aperto dos oficiais. Ele tem bandagens, algumas vermelhas brilhantes com sangue fresco. Foi com ele que Gracin se envolveu? — Droga, seu grande bastardo, acalme-se.

Grata pela distração, eu sigo a equipe de oficiais enquanto eles lutam com Salvatore através do médico e em uma maca. Meus dedos tremem enquanto eu os empurro pelo meu cabelo. Quando minha vida ficou tão espetacularmente fora de controle?

Salvatore se acalma quando chegamos à enfermaria. Ele permite que os oficiais o levem até uma cama de hospital onde ele se senta como se fosse seu trono. Gracin segue silenciosamente atrás de mim, eu gesticulo para ele pegar meu kit do armário enquanto coloco as luvas.

— Você está bem aqui? — um dos policiais pergunta enquanto os outros algemam o preso à cama. Quando vê Gracin voltando do armário, começa a gritar.

O médico que supervisiona tanto a área médica quanto a enfermaria e as enfermeiras intervêm, como costuma fazer quando se lembra de fazer seu trabalho. Com fria precisão, ele passa um lenço no ombro de Salvatore e depois pressiona a agulha em sua pele. Salvatore tenta lutar contra o sedativo, mas não é páreo para sua potência e sucumbe em poucos minutos. O médico me dá instruções para verificar suas feridas anteriores, enfaixar as novas e monitorá-lo para qualquer alteração até que ele possa ser dispensado.

O oficial espera na porta até que eu levante os olhos da verificação das bandagens. — Sim, eu cuido disso. Você pode ir. — digo a ele.

— Tem certeza disso? — o oficial pergunta, seus olhos indo para a forma intimidadora de Gracin ao lado da cama.

Reviro os olhos enquanto tiro um curativo antigo para substituí-lo por um novo. — Tenho certeza. Deixe-me fazer o meu trabalho.

Quando estamos sozinhos novamente, eu me viro para Gracin e encontro seu olhar sobre o preso inconsciente, as palavras borbulhando por

conta própria. — O que você quer de mim? — Eu pergunto. — Desde que nos conhecemos, você virou minha vida de cabeça para baixo. Eu quero saber por quê. Qual é o seu objetivo aqui?

Seu corpo fica sobrenaturalmente imóvel. Como ele faz aquilo? Como ele está em um controle tão fenomenal quando parece que estou desmoronando?

— Tessa. — ele diz, sua voz um estrondo baixo. — Acho que nós dois sabemos o porquê.

Eu me ocupo em limpar o sangue da testa de Salvatore para não ter que responder sua pergunta. Então eu digo. — Ajude-me a virá-lo para que eu possa trocar essas bandagens.

Não quero perguntar por que ele não me deixa em paz. Eu não quero me envolver. As perguntas estão me queimando, mas eu mordo minha língua para impedi-los de exigir uma resposta real dele. Enquanto limpo e enfaixo a ferida de Salvatore, repito várias vezes na minha cabeça que não é da minha conta. Faça o seu trabalho e saia. Faça o seu trabalho e saia. Uma vez que eu tenha consertado Salvatore, vou manter minha cabeça baixa e terminar meu turno. Então estarei livre.

— Você pode jogar isso fora para mim? — Digo distraidamente e empurro um punhado de bandagens sujas na direção geral de Gracin. Minha mente está tão concentrada na tarefa que não percebo que ele não se moveu para fazer o que eu peço imediatamente. Quando olho para cima, pronta para repreendê-lo por não fazer seu trabalho, congelo.

A princípio, não entendo o que estou vendo. É como se a conexão entre meus olhos e meu cérebro estivesse se desconectando. Gracin, que teve que se mover para o outro lado da cama para me ajudar a virar Salvatore, está segurando uma tesoura médica na mão direita. A ponta afiada está pressionada no pescoço de Salvatore e uma gota de sangue se forma, escorrendo pelo lado de sua garganta e nas sombras em direção às suas costas.

O que parece horas se passam, o peso que puxa meu pescoço e ombros desaparece, permitindo que eu encontre os olhos de Gracin. Eu os

tinha visto fechados antes, como no dia em que o conheci nesta mesma sala. Mas essa expressão é pior. Meu primeiro instinto é correr. Para me afastar o mais rápido possível do perigo, mas não posso deixar meu paciente. Parte de mim, a parte que se submeteu ao seu toque, também não pode deixá-lo. Não sem compreensão.

— O que você está fazendo? — Minha respiração é dura, minha cabeça está rugindo. — Tire suas mãos dele.

Essas mesmas mãos que me trouxeram tanto prazer são firmes como as de um cirurgião e preparadas para matar. Eu não posso deixá-lo fazer isso.

Espero que ele diga alguma coisa, faça exigências, implore, mas ele não faz nada além de me encarar com um olhar ilegível. Seu corpo telegrafia sua intenção antes mesmo que ele mova um músculo, mas eu não sou rápida o suficiente para impedi-lo de enfiar a tesoura no pescoço de Salvatore em um golpe eficiente e mortal.

CAPÍTULO DOZE

Um chiado se solta, eu avanço para estancar o sangramento, mas há muito e está vindo muito rápido. Adormecido como está, Salvatore não se mexe quando Gracin arranca a tesoura e sua vida desliza lentamente por entre meus dedos. Segundos se passam antes que Salvatore dê um solavanco uma vez e depois fique parado novamente, significativamente parado.

Com manchas vermelhas escuras de sangue cobrindo minhas mãos e penetrando no meu uniforme, eu tropeço para trás. Tudo o que sei é que preciso ir embora. Longe do que acabou de acontecer, longe de Vic, deste lugar, Gracin. Apenas longe.

Eu giro, com a intenção de fazer exatamente isso quando Gracin vem atrás de mim e me aperta contra seu peito. — Não tão rápido. — ele diz em meu ouvido, estremeço contra ele, sentindo muito frio e muito calor ao mesmo tempo. — Ainda não terminamos.

— Por favor, não me mate. — eu digo. Eu acho que Vic não me deu uma surra, afinal. — Por favor, apenas me deixe ir. Eu não vou dizer nada.

— Ah, eu sei que você não vai. — Suas mãos apertam meus braços. — Você vai ficar bem quieta enquanto eu cuido do nosso homem aqui. Se alguém entrar, você diz que está resolvido, assim como fez antes. Você pode fazer isso, ratinha?

Minhas entranhas ficam mais frias do que uma bunda nua em uma manhã de inverno em Michigan.

— Seu bastardo. — eu fervo.

— Awe, agora, não fique tão chateada. Apenas faça o que eu peço, e ninguém mais vai se machucar.

Se eu tivesse algo em minhas mãos, eu teria jogado em seu rosto cuidadosamente em branco. Minha sede de vingança se acalma quando ouço o rangido de tênis contra o piso de cerâmica e todo o sangue escorre do meu rosto. Alguém está vindo. Eu empurro meus sentimentos de lado e

tento descobrir como diabos eu vou sair dessa bagunça.

— Ei, Tessa, você está bem? — A voz de Annie chama do corredor.

Meus ombros estão tensos e pisco rapidamente enquanto minha mente corre para uma estratégia de saída. Como se ele pudesse sentir a direção dos meus pensamentos, os braços de Gracin se apertam.

— Não faça nada estúpido. — diz ele. — Tire-me daqui e não terei que machucar mais ninguém.

— Fora daqui? — Eu digo em torno de um suspiro.

— Blackthorne. Tire-me de Blackthorne e não vou machucá-la. Tire-me daqui sem avisar os guardas ou nos pegar, eu não direi ao seu marido o que você fez comigo. Como você queria gritar por mim.

— Foda-se. — Eu tento me afastar dele, mas seus braços estão mais apertados ao meu redor.

O som de passos está do lado de fora da porta quando ele diz. —
Decida-se, ratinha, ou tudo acaba aqui.

— Se eu fizer isso, você não vai machucá-la. — Não confio nele, mas não posso arriscar que ele mate mais alguém, especialmente alguém como Annie, que não merece.

— Eu não vou. Mas você precisa se livrar dela antes que ela suspeite de alguma coisa ou terei que cuidar disso.

Eu não quero saber o que “cuidar disso” significa, então eu empurro para fora de seus braços, desta vez, ele me solta. Antes que Annie possa virar a esquina e entrar na sala, jogo outro cobertor sobre o corpo imóvel de Salvatore e espero que cubra a maior parte do sangue em seu corpo. Não há nada que eu possa fazer sobre o chão, então só posso esperar que ela não olhe para baixo. Também não há nada que eu possa fazer pelo sangue no meu uniforme, mas eu limpo a maior parte das minhas mãos com uma toalha e jogo atrás da cama assim que seu rosto preocupado aparece.

— Ei. — ela já está dizendo com pressa — Eu ouvi você gritar e queria ter certeza de que você estava bem... — Sua voz desaparece quando ela vê meu uniforme ensanguentado e Gracin elevando-se a poucos metros de

distância. — Tessa?

— Eu sei, eu sou uma bagunça, certo? — Eu tento rir, mas soa mais como se eu estivesse engasgando. — Eles acabaram de trazer esse cara com um ferimento de faca e tanto. — Eu empurro meu dedo por cima do ombro para o Salvatore de bruços. — Sangrou como um filho da puta.

— Eu ouvi dizer. — Annie diz lentamente, como se ela não conseguisse entender a tensão estranha na sala ou por que eu estou agindo tão loucamente. — Tem certeza que está tudo bem?

— Absolutamente. Apenas uma bagunça infernal para limpar. — Quando ela não sai depois de outra pausa, eu acrescento. — Obrigada por verificar, no entanto. Desculpe-me se eu te assustei. Eu não sabia que você estava trabalhando esta manhã também.

Ela faz uma pausa, seus olhos voando para frente e para trás entre Gracin e eu. — Eu tive que trabalhar em dobro. — diz ela, noto as manchas escuras sob seus olhos. — Tem certeza que está tudo bem aqui?

— Tudo bem. — eu olho por cima do ombro para a expressão ilegível de Gracin. — Ele estava prestes a me ajudar a limpar. — eu digo como se ele não apenas matasse um homem com uma tesoura e depois ameaçasse matá-la e possivelmente a mim também.

Ela deve ler algo em meus olhos, alguma emoção que não consigo controlar porque ela faz um movimento para correr, para pedir ajuda. Antes que eu possa avisá-la para parar, antes mesmo que eu possa virar na direção de Gracin, ele está do outro lado da sala com as mãos em volta da garganta de Annie atordoada. Seus braços flexionam e lágrimas escorrem de seus olhos enquanto ela luta para respirar. O fato de eu deixar esse homem me tocar traz bile para o fundo da minha garganta.

Eu consigo olhar nos olhos de Gracin, assustada ao perceber que os mesmos olhos que eu achei tão atraentes agora parecem tão mortos e tão duros quanto o gelo escorregando no cascalho lá fora.

Seu aceno de cabeça é pouco mais do que um movimento de cabeça. — Tire-me daqui e eu vou deixar a doce senhorita Annie correr para casa.

— Tudo bem. — eu quase grito. Eu faria qualquer coisa se isso

significasse tirar suas malditas mãos dela.

Gracin solta Annie e murmura umas palavras que não consigo ouvir, mas posso adivinhar. Seu rosto empalidece, eu lhe envio um olhar suplicante, esperando que ela saiba que ele realmente vai matar nós duas se ela não fizer o que ele diz. Se eu passar por hoje, posso matar Gracin por isso. A única coisa que me impede de enlouquecer é imaginar todas as maneiras diferentes que eu poderia fazer isso.

— Não faça nada estúpido. — o próprio diabo avisa quando outro conjunto de passos se aproxima da sala.

Surpreendentemente, Annie consegue se recompor assim que os passos param. O que quer que Gracin disse a ela deve ter sido eficaz, porque a única evidência de sua angústia é a vermelhidão que circunda seus olhos e inunda suas bochechas. Espero que meu controle seja tão absoluto quando Gracin se senta em uma das camas do hospital.

— Como estão todos aqui? — o oficial pergunta, finalmente espreitando sua cabeça. Se ele percebe algo sobre nós três, ele não diz nada. Seus olhos simplesmente deslizam pelo quarto sem realmente ver nada antes que ele acene para a cama em que Salvatore está.

No final, nem preciso pensar duas vezes sobre o que vou fazer. A ação parece tão natural quanto respirar. Acho que fiquei melhor em mentir do que pensava.

— Vou precisar mantê-lo para observação. Aqueles caras realmente fizeram um número com ele. Ele pode ter uma concussão. — Fico feliz em descobrir que o medo não me faz gaguejar. Eu pareço tão entediada e impaciente quanto ele.

O oficial se mexe, visivelmente desconfortável, seja pela menção da surra que lhe deram ou pelo fato de que ele vai ter que ouvir merda por não trazer o prisioneiro de volta. — O sargento não disse nada sobre observação. Ele deve voltar para a cela quando você terminar com ele.

Eu tenho que reunir toda a determinação que eu não sabia que tinha quando digo. — Você quer ser responsável se ele sofrer mais lesões porque você estava muito impaciente? Deixe-me fazer o meu trabalho. Você faz o

seu. — Então espero porque aprendi que as pessoas ficam mais desconfortáveis quando há um silêncio tenso, elas farão qualquer coisa para evitá-lo.

— Você é a chefe. — diz ele, passando a mão pelo cabelo e dando um passo para trás em direção à porta. — Não me importo de qualquer maneira. Ele é todo seu. — Ele faz uma pausa, talvez finalmente sentindo a tensão saindo de Annie e de mim em ondas. — Tem certeza que está tudo bem aqui? Se você quiser, posso chamar outro oficial...

— Não, não há necessidade, estamos bem. — eu digo brevemente. Meu tom é mais firme do que eu pretendia, porque ele não sabe como está.

O oficial, sem dúvida irritado com minha interrupção e tom, levanta as mãos. — Tudo o que você disser. — diz ele e se afasta.

Com o coração na garganta, me viro para Annie para oferecer uma explicação ou defender meu caso, mas ela se afasta, seus movimentos tão rápidos e instintivos que quase tropeça nos próprios pés.

— Não. — ela grita. — Apenas não.

Gracin observa de seu lugar do outro lado da sala, sua expressão ilegível. A atração que esteve sempre presente desde que nos conhecemos se transformou em raiva, mas consigo canalizá-la em determinação. Eu tenho que fazer isso funcionar. Para Annie.

— Você vai precisar ficar fora do caminho até a hora. — digo a ele. — Teremos que esperar pela mudança de turno, você já causou problemas suficientes hoje.

— Sim, senhora. — diz ele e a diversão é clara em seu tom.

Eu cerro os dentes e imagino eviscerá-lo com um bisturi.

Annie se senta atrás do computador, deixando-me enfrentar a correria dos pacientes da tarde — uma mistura de frequentadores regulares que vêm tomar seus remédios e um punhado de internos para exames anuais. O trabalho mantém minhas mãos ocupadas, mas minha mente está em Gracin, que está sentado em silêncio no canto. Quando a enfermeira encarregada do serviço médico passa para perguntar sobre a presença de Annie, eu

imploro, dizendo que estou sobrecarregada e preciso desesperadamente da ajuda de Annie.

Sob seu olhar de condenação, limpo a cena do crime com mãos trêmulas, lágrimas silenciosas escorrendo pelo meu rosto. Há sangue por todo o rejunte novamente e não posso deixar de compará-lo com a noite em que tive que limpar o meu próprio depois de uma das surras de Vic. Eu engasgo com meu desgosto e jogo as toalhas ensanguentadas no cesto apropriado. Eu permito que Gracin se levante o suficiente para me ajudar a trocar os lençóis da cama de Salvatore. Quando termino, parece que ele está apenas descansando em paz, o que só me faz chorar ainda mais.

No final do dia, meus nervos estão abalados e não consigo parar de tremer. O pobre homem cujo remédio estou tentando administrar resiste a vários longos minutos enquanto eu me atrapalho com os frascos até chegar em minhas mãos o correto. Murmuro um pedido de desculpas distraída enquanto o paciente me lança um olhar irritado.

Embora eu tenha tentado desesperadamente ignorar Gracin, me pego olhando para cima enquanto estou tratando de pacientes. Cada vez, ele está me observando, esperando. Em resposta, mostro os dentes, o que só o faz sorrir. Ele obviamente me tem exatamente onde ele me quer. Não há necessidade de ele continuar a pequena charada. Isso me faz querer arrancar seus olhos.

Quando Gracin se endireita em uma posição sentado e me fixa com um olhar nivelado, eu sei que é hora. Com um aceno de cabeça, olho para a porta e descubro que o policial abandonou seu posto para a mudança do turno da noite. O próprio pensamento de quão precisamente Gracin orquestrou toda essa situação faz meu corpo inteiro gelar. Se ele pode fazer isso, do que mais ele é capaz? Assassinato pode parecer o pior ato do espectro, mas depois de anos de tortura do único homem em quem eu deveria confiar, sei que há coisas piores do que uma morte rápida.

Annie ainda não disse uma palavra para mim, ela não se moveu de seu lugar atrás da mesa. Quando Gracin se levanta e se dirige em sua direção, ela se encolhe contra a cadeira, que emite um rangido terrível.

— Gracin, não...

Mas antes que eu termine meu apelo, ele ataca com uma graça rápida que eu sempre me surpreendo ao ver em sua forma volumosa. O punho dele colide com a bochecha de Annie, os olhos dela reviram para a parte de trás de sua cabeça e ela cai indelicadamente na cadeira. Ele ignora meu grito de protesto e cuidadosamente arruma o corpo dela no computador. Quando ele termina, ela está de costas para a porta. Qualquer um que olhasse pensaria que ela está trabalhando. Durante a mudança de turno, ninguém vem à enfermaria, a maioria dos internos está ocupada indo e vindo do refeitório para o jantar. Espera-se que Salvatore durma a noite toda para observação, ninguém além de mim saberá que ele não está dormindo.

Meu estômago afunda quando percebo que isso está realmente acontecendo. Estou prestes a destruir minha vida por este homem. Todos os prisioneiros que nos viram juntos. Os guardas que ele subornou. Todo mundo vai me ver levá-lo para fora da prisão, eu só posso imaginar as notícias. O julgamento. Oh meu Deus, Vic vai ficar furioso.

— Hora de jogar, ratinha.

CAPÍTULO TREZE

— O que exatamente você quer que eu faça? — Eu pergunto. Minha língua sai para molhar meus lábios secos. Minha garganta está tão arranhada que faz meus olhos lacrimejarem. O pânico vai fazer isso com você, eu acho.

— Quero que você ligue para uma emergência médica.

Minha mente corre, conectando pontos que eu estava muito distraída - ou muito cega - para perceber em primeiro lugar. É por isso que Gracin mirou em mim no dia em que nos conhecemos. Por que ele não me deixou sozinha desde então. Por que ele se infiltrou sob minha concha quando eu estava mais vulnerável.

— Você... — Eu cerro os dentes para conter o fluxo de palavras. — Este é o seu jogo final. Você não me perseguiu porque estava preocupado com o que meu marido estava fazendo comigo. Você não dá a mínima para isso.

Ele se aproxima, mas eu não recuo. Seus olhos voam sobre minha expressão dura. — Você pode me punir por isso mais tarde. — diz ele. — Faça a chamada.

Gracin volta para a mesa do computador onde Annie desaba um pouco bêbada sobre o teclado. Ele coloca a mão em sua cabeça e distraidamente acaricia seu cabelo.

Ameaça assinada, selada e entregue.

Minhas mãos não tremem quando eu alcanço o fone e digito o número da sala de controle. A linha toca por alguns longos segundos, então uma voz familiar responde. — Sala de controle, sargento Bennet falando, como posso ajudá-lo?

— Sargento Bennet, esta é a enfermeira Emerson da área médica. Tenho um paciente aqui precisando de uma ambulância para o transporte ao hospital.

— Número do preso e informações médicas?

— Número 8942589. O preso está apresentando sintomas de apendicite. Ele precisa ser transportado imediatamente para uma avaliação mais aprofundada. — Eu tento inserir impaciência suficiente em meu tom para fazer parecer que estou apenas fazendo meu trabalho.

— Prepare o preso para o transporte.

— Obrigada. — eu digo.

Eu me viro para encontrar Gracin atrás de mim. — Suba na maca. — eu estalo. — Você deveria estar doente.

— Eu gosto quando você é mal-humorada. — diz ele com um sorriso enquanto pula na maca e se reclina.

— Eu gosto quando você fica de boca fechada.

Ele geme como se sentisse prazer. — Você só está tornando isso melhor para mim, ratinha.

Eu o amarro e apalpo meus bolsos para ter certeza de que minhas chaves do carro ainda estão lá. Não terei muito tempo entre eles carregá-lo na ambulância e fugir. A próxima pessoa que passar por aquelas portas encontrará Annie, que provavelmente não hesitará em contar exatamente o que aconteceu, então a polícia estará no meu encalço. Eu só tenho que ir antes que isso aconteça.

Não sei para onde vou, mas terá que ser em algum lugar longe o suficiente para que Vic, os policiais e Gracin não possam me encontrar.

Como uma ilha deserta no meio do oceano.

— O que você está pensando tanto? — Gracin pergunta quando começo a conduzi-lo pelo corredor.

— Férias. — eu retruco. — Agora cale a boca. Você deveria estar incapacitado e com uma dor excruciante.

— Continue falando comigo assim. — ele canta — E uma parte de mim vai sentir dor.

— Sua cabeça, porque eu posso acidentalmente jogar sua bunda no concreto. Fique de boca fechada até chegarmos à ambulância.

Antes que ele tenha a chance de responder, o oficial convocado pelo diligente sargento Bennet chega para nos escoltar até a ambulância no portão. Minha chance de voltar vem e vai, só posso seguir o policial enquanto ele se move em um ritmo acelerado. Eu tenho que dar dois passos para o seu enquanto aceleramos pela prisão e em direção ao portão oeste, onde a ambulância estará esperando.

A partir daí, tudo acelera. Tanto que quase posso fingir que está acontecendo através do filtro de um sonho. Se não fosse por esse filtro, a gravidade da situação teria sido muito grande, tão grande que o peso dela poderia me esmagar. Quando uma onda de pânico ameaça me sufocar, sinto a mão de alguém roçar a minha e encontro Gracin me observando. Eu imediatamente puxo a minha e sugo uma respiração estrangulada.

Você pode fazer isso, Tessa.

Nós explodimos no frio revigorante, eu xingo baixinho com o golpe do ar gelado contra minha pele nua. Sem meu casaco, é como pular no Atlântico – estilo Titanic. Exceto que não há nenhum herói para me falar do limite. No meu caso, é o vilão me forçando a dar o primeiro passo.

A ambulância já está esperando no portão com outro policial em uma van, que está parada perto da torre de controle. Uma parte de mim estava esperando que algo desse errado. Alguém descobriria Annie ou Salvatore, questionaria Gracin sobre sua performance falsa ou me questionaria sobre sua doença, mas nada disso acontece.

O oficial que nos acompanha leva a maca para a parte de trás da ambulância, me agarro a ela, mesmo que seja apenas para ter uma âncora no turbilhão da minha incerteza. Um paramédico sai da parte de trás da ambulância, ele e o oficial transferem Gracin para outra maca e o carregam sem nenhum problema. Uma sensação doentia e oleosa começa a rolar no meu estômago, é apenas minha mandíbula apertada que me impede de vomitar aos pés deles.

Em segundos, o policial está pulando na ambulância atrás da forma de

braços de Gracin enquanto o paramédico bate a porta. Eu cambaleio para trás nos calcanhares, tropeçando na calçada escorregadia e alcançando cegamente a maçaneta da porta para me manter de pé. A ambulância dispara para o portão e faz uma pausa enquanto ele se abre. Meu coração pula, batendo de forma irregular enquanto espero que alguém toque o alarme, mas eles não fazem isso. Na verdade, a ambulância desliza pelo portão aberto e a van segue atrás sem qualquer alarde.

Acontece que quando sua vida desmorona diante de seus olhos, não é com um estrondo... é com um sussurro.

Durante todo o caminho de volta pela prisão até a sala de controle, tenho certeza de que alguém vai me parar e exigir saber onde está Gracin. Eu pulo a cada som e paro de respirar cada vez que ouço passos ou vozes vindos à minha direção. Mas eles simplesmente passam sem olhar. Deveria ser reconfortante, mas tem o efeito oposto, aumentando minha ansiedade até que sinto que vou quebrar ao meio com a tensão.

Eu volto para os vestiários e recupero minhas coisas. Quando fecho a porta, percebo que provavelmente é a última vez que voltarei, então abro de novo, limpo todos os meus pertences e jogo fora o pouco lixo que está dentro. Minha bolsa está um pouco mais pesada do que o normal, meus passos são hesitantes e arrastados enquanto sigo para a sala de controle, onde reina o caos.

Dois policiais estão de plantão, ambos estão tão ocupados que leva alguns minutos para eles me verem esperando do outro lado do vidro grosso. Um levanta uma sobrancelha para mim, coloco minhas chaves no slot e saio. Não é o fim do meu turno e Annie é a única enfermeira de plantão, mas eles não comentam, não ousam chamar a atenção para o fato.

— Vejo você amanhã. — são as primeiras palavras que arranco do oficial.

Eu dou uma resposta apropriada, mas minha voz é cortada. Não consigo forçar nenhum entusiasmo nas palavras.

Eu não vou voltar. Ou vou escapar deste lugar ou estarei na cadeia.

O choque me atinge no caminho para casa, então a dormência me

inunda e sou grata por isso. Ela apaga todas as dúvidas, os medos, as esperanças. Sinto tudo através de uma camada agradável de algodão quente e felpudo, só consigo guiar o carro com segurança porque já o dirigi tantas vezes que é praticamente memória muscular.

Movendo-me no piloto automático, estaciono e vou direto para o quarto para fazer as malas. Não há nenhuma razão para eu adiar a partida. Além disso, não quero arriscar estar aqui quando Vic — ou os policiais — aparecerem. Sutiãs e calcinhas, camisetas, jeans são jogados na mochila indiscriminadamente. Não vou precisar de nada extravagante. Especialmente não a lingerie inútil que Vic insistiu que eu usasse. Isso fica na gaveta. Eu tenho um pensamento passageiro para queimá-la, mas não valeria a pena o esforço.

Pego minhas coisas no banheiro e olho ao redor do quarto em que morei nos últimos três anos. Não há lembranças da minha infância, nem álbuns de fotos ou cobertores de bebê. Joguei fora tudo no dia do meu casamento depois da lua de mel e também não me incomodei em fazer álbum de recordações depois disso. Não há nada além de roupas que eu gostaria de levar comigo.

Talvez seja uma coisa boa. Um novo começo.

Eu coloco a mochila no ombro e vou para a porta da frente, traçando minha rota enquanto eu vou. Talvez eu vá para o México. Em algum lugar com o sol para queimar toda a tristeza.

Eu nem teria visto o desenho se não estivesse colado na porta bem na frente do meu rosto. Há apenas uma pessoa que poderia tê-lo colocado lá. Eu não percebo que estou dizendo. — Nononono — até que minha voz se engasga com as lágrimas. É um desenho meu no dia em que visitei a cela dele. Estou agarrada às barras e parecendo um pouco selvagem — meus olhos brilham e minhas mãos agarram o metal como se fosse um amante.

Certa de que estou imaginando, como um terror noturno acordado, exceto no meio do dia, não acredito que Gracin esteja parado na porta até que ele diga meu nome.

CAPÍTULO QUATORZE

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto, olhando ao redor descontroladamente, como se eu fosse capaz de extrair as respostas do éter. Não faz diferença. Eu sei por que ele está aqui. Eu estaria mentindo se dissesse que não esperava vê-lo novamente.

Enquanto ele abre caminho para dentro e fecha a porta atrás dele, eu percebo que ele mudou de roupa. Ele não está mais usando o uniforme padrão da prisão. Eu aperto os olhos quando ele entra na luz, tentando ver o que ele está vestindo. Então tudo fica claro. As calças são tão familiares porque eu as vejo no trabalho todos os dias. Eles são do uniforme de um oficial. Não é preciso ser um gênio para descobrir que ele deve ter dominado o que estava na parte de trás da ambulância e escapado de alguma forma.

Eu engulo em torno do nó na minha garganta e faço a pergunta que tem um nó se formando na boca do meu estômago. — Você fez... você os matou?

Ele levanta uma sobrancelha. Depois de uma pausa, ele diz. — Não, eu não os matei.

Se eu não soubesse melhor, diria que sua voz parecia quase cansada, mas isso não pode ser possível. A energia que sai dele em ondas faz meu pulso responder da mesma forma. A adrenalina sobe e inflama no meu sangue. Enquanto ele avança, eu dou passos para trás. Com um olho nele, procuro uma arma, quase fervendo. Estou doente e cansada de ser caçada nesta casa. De ser aterrorizada e intimidada por homens como ele.

Em vez de recuar, corro em sua direção. Ele não está esperando meu movimento repentino, desta vez, meu empurrão o pega desprevenido e o joga contra a parede. As fotos se desprendem e caem, caindo no chão em uma espetacular chuva de cacos de vidro. Suas mãos vêm para bloquear enquanto eu ataco com meus punhos, liberando um turbilhão de frustração reprimida em qualquer parte dele que eu possa alcançar.

Minha fúria não tem limites, eu bato, soco e arranco cada centímetro

disponível de sua pele. Sons irreconhecíveis saem da minha garganta, logo estou ofegante de tanto esforço. Minhas unhas arranham sua bochecha e marcam ao longo de sua garganta, quebrando a pele. Ele amaldiçoa e pega meus dois pulsos facilmente em uma mão e me prende contra o sofá com seus quadris.

— Por que você está aqui? — Eu grito com ele. — Eu fiz o que você queria. Eu te tirei. Você ganhou!

Seu corpo fica parado, ele pressiona o mais perto de mim que pode. Meu coração salta na minha garganta, meu pulso tropeça em si mesmo.

— E se eu quiser você? — ele pergunta baixinho.

Meus lábios se abrem, pela primeira vez, não tenho uma réplica. Essa é a última coisa que eu esperava que ele dissesse.

Quando consigo falar, é mais como um murmuro. — Você é louco. — eu digo, tento me esquivar dele. — Depois de toda a merda que você fez, você volta para quê? Uma rapidinha? Dane-se você.

Ele me ignora e diz. — Venha comigo.

Meu cérebro simplesmente entra em curto-circuito. — O quê?

O aperto em meus pulsos afrouxa. — Venha comigo. Agora. Vamos embora juntos.

— Você não pode estar falando sério. — eu exclamo. — Você acabou de matar um homem! Eu não vou a lugar nenhum com você.

— Sério. — ele responde. — Você não pode ficar aqui, então vá embora comigo. Eu posso mantê-la segura.

— Manter-me segura? Você está fugindo da polícia! Eu apenas ajudei você a escapar da prisão. — Uma risada me escapa então, me dobro com ela, minha cabeça indo para seu peito enquanto as emoções borbulham. — Acho que isso significa que estarei fugindo da polícia também.

Ele levanta meu queixo. — Então corra comigo.

Eu não tenho a chance de responder sua pergunta por que Vic escolhe aquele momento para entrar pela porta da frente. Meu coração cai aos

meus pés, meu corpo se transforma em pedra. Gracin não hesita em me empurrar para trás de si mesmo, me protegendo contra Vic.

Isso não pode estar acontecendo.

Os olhos de Vic nos encontram na sala de estar, ele solta um suspiro e seus olhos se arregalam. A expressão seria quase cômica se a situação não fosse tão terrível. Suas bochechas coram de raiva e uma veia no canto de sua têmpora começa a latejar quando ele dá um passo à frente... e corre direto para o punho de Gracin.

Se eu achava que ele era capaz de violência antes, não é nada comparado à surra que ele desfere em Vic. O som de punhos encontrando carne me lembra de todas as vezes que Vic fez a mesma coisa comigo. Uma voz dentro da minha cabeça me diz que devo intervir. Eu deveria dizer a Gracin para parar, que podemos simplesmente sair, qualquer coisa para fazê-lo desistir, mas não consigo dizer as palavras. Eu extraio uma satisfação doentia e distorcida de cada som doloroso, cada batida conectada. É a vingança que eu não sabia que estava procurando. O rosto de Vic está coberto de sangue e seu olho já está inchando, mas Gracin continua.

— Maldito pedaço de merda. — diz ele, grunhindo com o esforço necessário para levantar um Vic balançando de volta aos seus pés. — Como se sente, filho da puta?

— Foda-se. — diz Vic, cuspiendo sangue e ganhando outro soco. A trituração resultante faz com que ele grite, sua cabeça cai para trás, sangue jorrando de seu nariz.

Gracin se prepara para lançar outro golpe quando Vic salta para o lado e pega um abajur da mesa lateral. Também não é justo. Então, quando ele bate na lateral da cabeça de Gracin, eu grito. — Não! — enquanto ele cai no chão ao lado da mesa de café.

Eu me arrasto para o lado dele, sentindo o pulso e estou inundada de alívio quando ele vibra contra meus dedos.

Não tenho tempo para examiná-lo adequadamente antes que Vic tropece para o meu lado e me puxe para os meus pés com um punho em volta do meu cabelo. Instintivamente, giro, arma na mão. Eu não estou cega

para o fato de que eu não puxei a arma que eu tinha guardado para me proteger contra Gracin.

Vic solta uma risada. — Você acha que vai usar isso em mim, garota? — Sua mão sai coberta de cuspe e sangue enquanto ele enxuga o rosto. — Você não tem as malditas bolas. Puta de merda.

Gracin geme ao meu lado enquanto eu endireito meus pés, arma levantada e apontada para a forma imponente de Vic. — Cale a boca e fique onde está. — digo a Vic. — Um movimento, eu não hesitarei em colocar uma bala em você, seu grande filho da puta.

Sinto movimento ao meu lado e olho para baixo rapidamente para ver Gracin envolver uma mão machucada em volta do meu tornozelo. Simplesmente tê-lo me tocando me acalma de uma maneira que nunca aconteceu antes. Eu tiro força da sensação de sua mão em mim e olho para Vic.

— O que você vai fazer? Atirar em mim? — Ele ri, sangue escorrendo pelo queixo. — Esse será o dia.

— Gracin. — eu digo para sua forma de bruços. — Você pode se levantar? — Sua mão está embalando sua cabeça, ele se ergue para uma posição sentada com um gemido. — Você pode andar?

Eu quero ajudá-lo, mas não posso tirar os olhos de Vic.

Gracin fica de quatro e depois se agacha. — Sim — diz ele, sua voz soando como se estivesse falando através de cascalho. — Sim, estou bem.

Vic dá um passo em nossa direção, eu empurro a arma para cima. — Não. — eu gritei.

— Se você vai atirar em mim, então apenas me mate. — diz Vic. — Pare de andar de boceta por aí.

Eu o ignoro e ajudo Gracin a se levantar com minha mão livre, o que não é fácil considerando seu tamanho.

— Estou bem. — digo a ele.

— Ele está bem, você está bem, estamos todos bem. — diz Vic. —

Você vai me dizer o que diabos ele está fazendo na minha casa?

— Estou indo, Victor. — O alívio de apenas dizer as palavras, palavras que eu nunca pensei que seria capaz de falar, é intenso e imediato. A mão de Gracin aperta a minha. — Nós vamos agora e você não vai nos seguir.

Suas narinas se dilatam. — Você não vai a lugar nenhum. — diz ele e dá um passo ameaçador para frente.

Gracin se endireita atrás de mim, sem dizer nada, mas ele não precisa. Sua presença me faz sentir segura pela primeira vez desde que Vic começou a me bater. Em vez de desmoronar, meus joelhos travam e meu braço oscilante se estabiliza.

Eu gesticulo com a arma. — Mantenha as mãos para cima e afaste-se da porta.

Vic também não faz. No entanto, eu honestamente não esperava que ele me ouvisse em primeiro lugar. — Sabe — ele diz — Eu sabia que você era uma vadia para começar. Lixo branco³ nunca será nada além de lixo branco.

Meu dedo puxa o gatilho, mas o tiro sai disparado, batendo na parede. A poeira do gesso sai e cobre o braço de Vic e a lateral de seu rosto enquanto ele pula para o lado. Dou um solavanco para trás e encontro a parede dura do peito de Gracin.

— Jesus Cristo, você é uma maldita psicopata. — Vic diz quando ele consegue recuperar sua voz, ainda que trêmula.

— Você está certo. Eu sou a psicopata com a arma. Aquela que pode te machucar para variar. Então, pare de falar merda e dê o fora do meu caminho.

Vic me encara como se nunca tivesse me visto antes. E ele não fez. Não esta versão, de qualquer maneira. Aquela que está doente e cansada de ser seu saco de pancadas. Pelo menos ele fez o que eu disse para ele fazer. O tiro o assustou o suficiente para que ele esteja bem longe da porta agora. Eu aproveito seu choque e começo a avançar dessa maneira. Não ousou olhar para Gracin quando ele começa a se mover, porque sei o que vou fazer com ele quando sairmos daqui.

Se nós fizermos.

Eu aponto a arma para o estômago de Vic, ele levanta as mãos. Gracin chega à porta primeiro, assim que estou começando a sentir que posso sobreviver a noite depois de tudo, Vic se lança para a arma.

Sinto o recuo em meus braços antes mesmo de meu cérebro registrar o que aconteceu. Isso me sacode até o osso, quase fazendo minha mão ficar dormente. Eu me preparei para o primeiro tiro, mas este me surpreende tanto quanto Vic, que só consegue respirar. O pequeno buraco em seu peito expele sangue, ele resmunga, suas mãos tentando em vão estancar o sangramento enquanto ele cai no chão.

CAPÍTULO QUINZE

A arma cai no chão, eu caio de joelhos, minhas mãos lutando para ajudá-lo a cobrir o buraco em seu peito, mas meus esforços são em vão. Os minutos que ele leva para dar seu último suspiro são os mais longos de toda a minha vida. Seus dedos de repente apertam os meus e depois soltam, seus braços caindo ao seu lado.

Eu agarro seus ombros. — Vic! — Gracin vem ao meu lado, olho para cima, desesperada. — Ligue para o 9-1-1!

Quando Gracin não se move, eu dou um tapa nele. — Vá ligar para o 9-1-1!

Ele apenas me encara com uma expressão cuidadosamente ilegível, isso me faz querer machucá-lo.

— Por que você está apenas olhando para mim? Ele está morrendo!

Com uma reserva que me enfurece, Gracin diz. — Não há nada que você possa fazer. Ele está morto.

Eu me empurro do chão, incapaz de suportar olhar para o olhar vazio de Vic, mas sem saber o que fazer comigo mesma. O ar na sala está espesso com o cheiro de cobre de seu sangue, tento respirar mais, mas parece que estou puxando-o através de um cobertor grosso. Eu bato cegamente ao redor da sala, batendo nos móveis e batendo nas paredes até que mãos me puxam e me envolvem com força.

— Ei. — diz uma voz calmante. — Ei, não, está tudo bem. Baby, acalme-se. Você tem que se acalmar por mim. Está bem. Você está bem.

É uma ladainha de conforto me incitando a segui-la de volta à realidade. As peças começam a se juntar lentamente, mas depois todas de uma vez. Como acordar de um pesadelo terrível.

— Ai está. Você entendeu. Volte para mim.

Abro meus olhos bem fechados e encontro Gracin olhando de volta para mim. Alívio – ou algo próximo disso – passa por seus olhos verdes antes

de ser substituído por outra expressão que conheço muito bem.

Eu me afasto de seu abraço, mas eu deveria saber melhor. Ele tem suas garras em mim. Acho que ele nunca vai me deixar ir.

— Tire suas mãos de mim. — eu rosno e tenho que olhar ao redor, porque eu nunca ouvi minha própria voz soar tão selvagem e desesperada.

— Ah, acho que não. — Ele pega meu queixo em sua mão e me força a olhar para ele. — Você terminou de correr.

— Foda-se. — eu grito em seu rosto, cuspe voando, mas eu nem me importo. Estou tão além de me importar que me sinto agradavelmente entorpecida. — Foda-se. Você arruinou minha vida.

Ele se aproxima até que estamos peito a peito. Ele está tão perto que eu só posso ver seus olhos enquanto eles se voltam para mim. — Arruinou sua vida? Não, até onde posso ver, eu lhe dei exatamente o que você queria.

— Eu não queria isso.

Não percebi que estava balançando minha cabeça até que ele pegou meu rosto em suas mãos para me segurar.

— Eu sei o que você quer. — ele diz e então ataca.

Sua boca está na minha antes que eu tenha a chance de barrar isso contra ele. Minhas emoções são indomáveis, insondáveis, ele as tenta em uma febre com um buraco negro de nada prazeroso que estou desesperada para deixar me consumir.

E eu quero tanto ser consumida.

Quero me afogar no gosto dele até que apague o mundo com uma onda de necessidade. Ele é cataclísmico, eu anseio implorar por minha própria destruição.

— Não aqui. — diz ele, sou puxada de volta à realidade.

Um calafrio me percorre, percebo que ainda estamos na mesma sala com o cadáver de Vic. Seu sangue está se acumulando na madeira brilhante que eu esfreguei mil vezes. Está nas minhas mãos e no meu uniforme, que não tive tempo de trocar depois do trabalho.

Ele não me dá a chance de pensar sobre isso, no entanto. Ele apenas me puxa ao virar do corredor e me puxa para perto dele. Vou com ele porque quero fugir da carnificina na outra sala. Não sei se quero rir, chorar ou gritar. Gracinha parece imperturbável – seu único foco sou eu.

— Eu estive pensando sobre isso desde que você gozou em cima de mim. Eu poderia sentir seu cheiro por dias depois. Está me deixando louco. — ele diz no meu ouvido. Eu posso senti-lo, grosso e longo, pressionando urgentemente contra meu estômago enquanto ele arranca minha camisa com violência mal contida. Seus olhos vão para minhas contusões e escurecem. Quando suas mãos se estendem sobre elas, elas são gentis. — Estou feliz que o bastardo esteja morto pelo que ele fez com você.

— Não. — eu digo a ele, empurrando suas mãos. — Não podemos. Aqui não. Assim não.

Ele me pressiona no chão, estou tão fora disso que sou incapaz de protestar além de assobiar quando minhas costas entram em contato com a madeira fria.

— Sim. — diz ele contra meus lábios. — Bem assim. Eu quero que você se lembre de como é quando eu não estou ao seu lado. Eu quero que você se lembre de quão forte você era quando o enfrentou. Como você nunca vai deixar ninguém te tratar como merda de novo, nem mesmo eu.

— Então me deixe ir. Você queria escapar, então o que você ainda está fazendo aqui?

Ele não responde. Sua boca está muito ocupada na minha garganta, seus lábios, dentes e língua subindo até minha orelha. Uma respiração sussurra ao redor da pele sensível, apesar de mim mesmo, meus quadris sobem contra ele. O fato de que o que estamos fazendo é tão horrível, tão terrivelmente errado e imoral só faz meu sangue esquentar mais rápido, meu corpo querendo mais.

Isso é o resultado de anos de abuso – esse anseio obscuro e sujo – ou é apenas ele?

Ele não me dá um segundo para encontrar meu equilíbrio. Não há oficiais aqui, nem algemas ou barras. Não há nada que o impeça de pegar

exatamente o que ele quer. E ele me quer.

Seus dedos se entrelaçam no meu cabelo e puxam minha cabeça para trás para um ângulo melhor. — Eu vou provar você em todos os lugares. — diz ele sombriamente, Deus me ajude, eu quero que ele faça.

Minhas mãos vão para seus ombros. — Nós não podemos fazer isso aqui. — repito, mas meus quadris balançam quando sua outra mão percorre meus seios e o cóis do meu uniforme. De repente, todas as minhas roupas parecem incrivelmente insubstanciais contra seus dedos indagadores. Eu arqueio, moendo minha cabeça na madeira, procurando alguma clareza.

A dor centra meu foco, me abaixo para empurrar sua mão. — Gracin, por favor.

Sua mão desliza por baixo da minha cintura e mergulha na minha calcinha. — Por favor, o quê? — ele pergunta, seu toque tão suave que mal posso senti-lo misturado com todas as outras sensações que estou tentando processar. — Por favor, não pare? Por favor, continue. Você vai ter que ser mais específica.

Ele me encontra molhada e querendo, nós gememos em uníssono. Eu quero morrer. Eu quero gritar. Eu quero que ele nunca pare.

— Por favor. Não devemos fazer isso aqui.

Minhas mãos vão para seus pulsos, mas ele é muito forte e seus dedos são muito talentosos. Eles me fazem ver estrelas em segundos.

— Aqui. Agora mesmo. — diz ele.

Minha cabeça balança para frente e para trás contra a madeira, fios do meu cabelo ficam presos e arrancam, mas eu mal sinto a dor. Na verdade, em algum lugar ao longo de minhas terminações nervosas, ele se transforma, se funde e se torna prazer. Quero parar, quero parar, mas não consigo. Meu corpo não sabe o que deve fazer. Meu cérebro não sabe o que pensar.

— Sim. — ele sussurra no escuro. — Deixe-me.

Com a mais simples das pausas, ele arranca meus tênis confortáveis e arranca meu uniforme, calcinha branca simples para baixo e para fora. Então

ele empurra minhas pernas para cima e as arruma para que eu esteja espalhada como um banquete diante dele. O olhar em seu rosto é selvagemmente bonito e há um flash de dentes brancos antes que ele me cubra com a boca.

As mãos que estavam segurando seus pulsos se transferem para seu cabelo. — Não. — eu choramingo. — Gracin, oh Deus, por favor.

— Parece que você não consegue se decidir, ratinha. — ele diz, posso sentir seus lábios se movendo contra meu clitóris enquanto ele fala.

Meus pensamentos se quebram quando sua língua lança um novo ataque. Eu puxo seu cabelo e agarro suas costas, mas ele nem parece notar. Qualquer resistência é recebida com maior determinação, meu corpo reconhece seu toque como prazeroso, apesar da confusão do meu cérebro sobre o assunto. Mesmo o desconforto do implacável piso de madeira nas minhas costas e o suor pegajoso não atrapalha meu orgasmo em construção.

Ele abre minhas coxas mais largas e envolve suas mãos em volta das minhas pernas para me manter aberta para seus ombros largos. Não sei se estou lutando para que ele pare... ou para ele continuar. A linha entre pânico e prazer é borrada com cada movimento e deslizamento de sua língua. Ele suga e mordisca, provoca e prova até que eu estou esfregando contra seu rosto e gemendo descaradamente.

Eu nunca me senti mais suja em toda a minha vida. Não quando Vic me batia. Nem mesmo quando o traí com Gracin.

Mas também nunca me senti mais viva e não sei o que me assusta mais.

O orgasmo cresce a proporções avassaladoras. Eu luto para me afastar dele, quase soluçando, mas Gracin apenas solta uma perna para que ele possa manobrar suas calças para baixo o suficiente para liberar sua ereção. Antes que eu possa me mover, ele está entrando em mim, eu grito quando o orgasmo me rasga com uma violência tão brutal quanto o homem que o inspirou.

Ele atinge seu primeiro orgasmo rapidamente, mas não há nada de

bonito nisso. É selvagem, impiedoso e feio. Mas ver o tumulto de prazer misturado com dor em seu rosto me faz implorar por mais. Eu me odeio por isso. Ainda semiduro dentro de mim, ele não para de bombear, mesmo quando eu volto à realidade e começo a lutar para me libertar debaixo dele.

Há um segundo em que consigo me livrar de seu peso enquanto ele ainda está tremendo. Seu pau se solta, a perda dele dentro de mim me faz gemer. Viro de bruços e uso minhas mãos para puxar meu peso pelo chão. A umidade vaza de dentro de mim, molha minhas coxas e a madeira por baixo.

Eu faço isso até que minha bunda esteja nivelada com seu rosto, em seguida, um braço vem ao redor da minha cintura e me prende no chão novamente.

— Aonde você vai?

— Você conseguiu o que queria. — eu digo entre respirações ofegantes e tremores secundários. Simplesmente tê-lo por perto é suficiente para causar um curto-circuito no meu cérebro. Está me dizendo para sair, sair, sair e ao mesmo tempo, foda-se, foda-se, foda-se. Nem mesmo meus hormônios podem se decidir. — Agora, deixe-me ir.

— Se você acha que isso é tudo que eu quero de você, você vai ter um verdadeiro choque em alguns segundos.

— O que você... — Suas mãos se esgueiram e separam a minha bunda, estou tão chocada que não consigo falar. Não consigo pensar. Só posso sentir.

Dedos mordem minha pele, então sua respiração aquece lugares no meu corpo, mesmo Vic nunca se atreveu a violar. Eu me contorço debaixo dele e bato minhas mãos contra a madeira para arrastar meu corpo para longe dele, mas sem sucesso. No instante seguinte, sua boca está em mim, me saboreando, me torturando. Em todos os anos que estive com Vic, em todas as coisas que ele fez comigo, sempre houve um limite para o que ele faria. Com Gracin, não há limites, fronteiras, segredos.

— Não. Não. — eu sussurro desesperadamente.

— Sim. — ele responde, ele beija uma nádega e depois a outra antes de dar um beijo final na base da minha coluna. — Quero você inteira, Tessa

e pretendo ter você.

Seu nome explode dos meus lábios enquanto ele prende meu peito no chão e um de seus braços se aproxima do meu estômago para que sua mão possa alcançar meu clitóris. Com um grunhido, ele puxa meus quadris para cima e dá beijos molhados nas minhas nádegas, patinando ao longo da abertura enrugada enquanto seus dedos começam a religar meu cérebro.

Eu choramingo quando sua língua me lava de um buraco para o outro e depois de volta. Não há palavra para descrevê-lo além de sujo. Eu nunca fui particularmente tímida sobre sexo – qual seria o ponto? Mas ele não apenas conquista a parte secreta de mim sem hesitar em falar, mas também não mostra aversão a lamber cada parte de mim ainda coberta por seu esperma. Mesmo enquanto eu me contorço debaixo dele, desesperada por liberação, estou me arrastando contra o chão para fugir da doce violação que ele está determinado a cometer.

— Se eu deixar você ir, você vai fugir de mim? — ele pergunta.

Ele mantém seus dedos dedilhando no meu clitóris hipersensibilizado até que meus quadris comecem a empurrar de volta em sua língua. Eu pressiono minha testa no chão de madeira, esperando que a dor traga-me uma sensação de clareza, mas isso não acontece. Não há nada de sensato no que está acontecendo, nada de lógico na maneira como respondo a ele.

— Não. — eu digo e odeio nós dois.

— Boa menina.

Ele pressiona um beijo na minha espinha e libera o aperto nas minhas costas. Tenho tempo suficiente para respirar antes de sentir as cócegas do cabelo de suas coxas na parte de trás das minhas e sentir a presença de seu corpo pairando sobre mim. Meu clitóris dói a cada batida do coração, mesmo quando considero correr para a porta dos fundos a poucos metros de distância, minhas costas se arqueiam para aceitar o primeiro impulso delicioso.

Um punho se enrosca no meu cabelo, o outro prende meu quadril. Estou presente no momento apenas através de onde nossos corpos se conectam como se minha consciência dependesse de sua existência. Mãos

que eu estava usando para me afastar agora empurram no chão para jogar meu peso de volta contra ele, fazendo com que ele me foda mais fundo do que qualquer um já fez.

A mão no meu cabelo puxa minha cabeça para trás até eu ficar de quatro, ele me puxa para perto o suficiente para que seus lábios rocem minha orelha. — Você acha que não quer isso? — ele pergunta, eu sei que ele não quer dizer o que está fazendo comigo, porque não posso negar que sim. Não quando estou gritando para ele fazer mais forte, mais rápido. — Você não deveria. — Seus dentes mordem meu ombro. — Você não deveria me querer. Eu não sou um homem legal. Eu não sou um bom homem. Eu faço coisas ruins para pessoas ruins. — Ele lambe a mordida, sua boca desliza pela minha garganta. — Eu quero fazer coisas ruins com você.

Oh, Deus me ajude, eu quero que ele faça essas coisas ruins. Na verdade, eu imploraria a ele para fazê-las. Mas a mão no meu cabelo me inclina violentamente para trás, tão longe que respirar é uma luta, tornando impossível falar. Enquanto estou focando em puxar o ar, eu não presto atenção na outra mão até que ela bate contra a entrada apertada tão completamente excitada. Faço ruídos de lamento no fundo da minha garganta enquanto seu polegar abre um pouco o anel tenso, mas é o suficiente para fazer meu corpo convulsionar nos primeiros espasmos da liberação.

— Relaxe ao meu redor.

Acho que digo que não posso, mas sai distorcido quando seus impulsos são lentos, me afastando do orgasmo iminente. Eu alcanço a mão de volta para seu quadril, mas não há como movê-lo. Lágrimas frustradas caem dos meus olhos.

— Abra para mim, Tessa, eu te darei o que você precisa. — ele diz, e suas palavras são seguidas por um impulso longo e lento que eu sinto em todos os lugares.

Meus músculos relaxam, eu fico mole em seus braços. Sou sua para controlar, mas ele não está apenas tomando. Ele está pedindo por isso, eu me submeto a isso livremente.

— É isso, querida. — diz ele, eu grito quando seu polegar me abre completamente.

Seu pau entra em mim com mais força, ele libera meu cabelo para segurar minha garganta. Eu suspiro para respirar, seus dedos acariciam meus lábios. Eu os mordo sem pensar, sem cuidado. Precisando prová-lo, ter uma parte dele como ele tem tudo de mim, chupo um em minha boca. Ele ruge atrás de mim, arqueio para trás para tomá-lo mais completamente. Não há um lugar no meu corpo que não tenha sido descoberto, nenhuma parte que ele não tenha conquistado, no entanto, quero encontrar mais para dar.

Não é seu pau ou suas mãos ou mesmo a violência que me leva ao limite desta vez. É um beijo. Ele puxa a mão, eu libero seu dedo da minha boca com um estalo audível. Com a palma da mão cobrindo meu queixo, ele me vira para aceitar sua boca, eu aceito, avidamente. Não deveria haver nada certo sobre o que estou deixando-o fazer comigo, mas não há um único roçar de lábios ou impulso que pareça errado. É mais certo do que qualquer coisa que eu já fiz.

Assim que tenho esse pensamento, gemo contra sua boca e o orgasmo me atinge, lavando todas as dúvidas, todos os medos e todo o bom senso. Algo nele quebra quando eu me aperto em torno dele, a tensão em seus músculos se esvai. Em uma longa e lenta tragada, ele remove o polegar, fazendo meu orgasmo dobrar sobre si mesmo. Ele sibila em resposta e me enche com seu próprio prazer enquanto me segue até a borda.

Algun tempo depois, percebo que ainda estamos no chão. Minhas extremidades não respondem quando eu digo para elas se mexerem, mas tudo bem. O corpo pesado de Gracin em cima de mim é uma âncora que me prende a terra. A realidade se intromete, junto com o frio quando ele se move para o lado, seus braços e pernas ainda entrelaçados com os meus.

— Nós temos que sair daqui. — ele diz eventualmente. Meu cérebro ainda não está funcionando direito, mas quando ele acrescenta. — A polícia vai chegar aqui em breve e não queremos estar aqui quando eles chegarem. — isso me dá um salto.

— Nós temos que ir. — diz ele e se levanta para puxar a calça para

cima e afivelá-la.

Procuro meu uniforme e calcinha, mas não consigo vê-los na escuridão quase absoluta do corredor. A escuridão é provavelmente uma coisa boa. Enquanto o frio toma conta do meu corpo esfriando rapidamente, a memória do cadáver de Vic é suficiente para limpar meus pensamentos do que acabou de acontecer entre nós. Eu o guardo para... mais tarde. Muito, muito mais tarde, quando ainda não consigo sentir o vazio dolorido dentro de mim.

Gracin volta com meu uniforme na mão, me visto, minhas bochechas alternadamente queimando e empalidecendo enquanto eu vacilo entre envergonhada e horrorizada.

— Se vista. Vou pegar um carro. — Ele me beija e me deixa com o gosto de mim mesma nos lábios.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Assim que ele sai, eu me levanto e me visto. Não posso estar aqui quando ele voltar. Independentemente de como ele me fez sentir e o quanto eu quero fazer isso de novo, eu não posso segui-lo.

Achei que meu casamento com Vic era a definição de abuso, mas Gracin me ensinou que há algo muito pior do que violência física.

Havia momentos em que Vic me deixava quebrada e ensanguentada a seus pés, eu tinha certeza de que nunca poderia chegar a um ponto mais baixo.

Eu estava muito, muito errada.

Como me sinto agora? Sabendo que Gracin destruiu completamente tudo de bom em mim e me fez gostar disso? É muito pior do que qualquer soco que já levei.

Eu me levanto e me visto a apenas um quarto de distância de onde o corpo do meu marido morto ainda está, ficando cada vez mais frio a cada segundo que passa. Tomo cuidado para manter meus olhos desviados. A casa está tão silenciosa que cada som é ampliado, fazendo meus ouvidos ficarem atentos a qualquer sinal da polícia ou Gracin voltando.

Mas os únicos sons são meus passos e o som áspero da minha respiração difícil.

Estremeço com a dor nas minhas coxas enquanto me abaixo para pegar minha mochila. Procuro a arma, mas não a vejo e percebo que Gracin deve tê-la levado com ele. A excitação e a adrenalina que estavam passando por mim, me incitando a deixar Vic e começar de novo são praticamente inexistentes agora. Eu sinto que estou apenas passando pelos movimentos porque sei que ser pega aqui seria pior do que estar fugindo. Alguma parte de mim ainda reconhece isso, pelo menos. Eu poderia virar a coisa toda para Gracin. Ele me perseguiu no trabalho, me forçou a ajudá-lo a escapar, então matou meu marido e me estuprou, mas mesmo que eu pudesse mentir, ainda há o corpo de Salvatore e o testemunho ocular de Annie. Sem dúvida,

no momento em que ela acordou, ela contou a todos sobre o que aconteceu. Se confrontada, eu teria um inferno de tempo explicando como fui cúmplice não de um, mas de dois assassinatos.

Começo a colocar a mochila no ombro e então percebo que preciso trocar de roupa. O uniforme está salpicado de sangue da retaliação, está amassado e até rasgado no ombro. Se eu sair pela porta com esta roupa, tudo o que farei é chamar a atenção para mim. Mesmo que isso custe um tempo precioso, vou para o quarto e escolho as roupas mais comuns que tenho no meu armário. Um simples par de jeans desgastados, uma camiseta comum e um par de tênis velhos.

Meu rosto está manchado de lágrimas e corado, então lavo rapidamente com água fresca. Enquanto estou lá, eu prendo meu cabelo em um rabo de cavalo. Como não preciso me preocupar com a volta de Vic, crio coragem para fazer a única tarefa que mais temia. Originalmente, eu ia embora sem ele, mas agora que ele está morto e estou desesperada, não tenho outra escolha. Ele guardava um cofre que não sabia que eu conhecia, o código da fechadura de combinação está guardado dentro de sua carteira. Não sei se estou em choque ou se vi tanta morte e horror nas últimas vinte e quatro horas que me acostumei, mas uma vez que resolvo meu curso, sou capaz bloquear a visão de seu corpo enquanto eu o empurro para um lado para que eu possa alcançar sua carteira.

Uma vez que está ao meu alcance, eu tropeço para trás na minha bunda, tremendo enquanto rastejo para o mais longe dele que posso. Pode fazer de mim um monstro, mas não sinto nada agora que ele se foi. Talvez eu seja tão ruim quanto Gracin, afinal.

Giro o cadeado para os números listados no pequeno pedaço de papel, pego o dinheiro que ele guardava ali. Não é muito, talvez alguns mil, mas vou precisar de qualquer coisa em que eu possa colocar minhas mãos se eu for desaparecer. Enfio na minha bolsa junto com as joias que ele me deu quando estávamos namorando. Hesito na porta da frente, mas acabo pegando o desenho contra meu melhor julgamento.

Não sei para onde vou ou o que vou fazer a seguir, mas sei que tenho de me afastar o mais possível desta casa e da prisão. Não me atrevo a levar

meu telefone ou computador, caso haja alguma maneira de me rastrear pelo sinal. O carro também não é uma opção porque as placas estão registradas em nome de Vic, essa será a primeira coisa que os policiais procurarão quando descobrirem seu corpo e meu envolvimento na fuga de Gracin.

Minha única opção é roubar um carro.

Eu estudo as casas ao redor da cobertura de sombras na varanda. Não quero nada tão perto da cena que seja perceptível. Os vizinhos nas imediações estão fora de questão, então me concentro nessas três ou quatro casas e tento lembrar qualquer informação sobre elas.

O casamento com Vic não permitia muito tempo para socialização, mas pelo que me lembro, havia um casal de velhos que costumava passar férias no sul durante o inverno. Se nada mais, é um bom lugar para começar, já que minhas opções são muito limitadas.

Eu amaldiçoo Vic, amaldiçoo Gracin e especialmente amaldiçoo a mim mesma quando meus pés afundam na neve quando dou meu primeiro passo da varanda para a calçada. Uma fina camada de neve estala sob meus pés enquanto tento fazer meu caminho o mais casualmente possível para a casa. São apenas dois quarteirões abaixo, mas na temperatura abaixo de zero, parecem duzentos. Eu não me preocupo em deixar rastros porque o vento está soprando tão forte que qualquer que eu sair será coberto em questão de minutos.

Verifico meu relógio e xingo baixinho. Não são nem seis horas. Já parece que um século se passou, quando, na realidade, foram apenas algumas horas. A maioria dos meus vizinhos está se escondendo em suas casas para vencer o frio, suas janelas estão escuras e as casas são silenciosas como cemitérios. O que eu acho que pertence ao casal de velhos fica em um terreno de esquina e a garagem está bem trancada.

A maioria das casas do empreendimento são sobras de uma antiga base militar abandonada. Eventualmente, elas foram colocadas para alugar por um preço baixo. Portanto, a maioria delas não está ligada a sistemas de segurança, o que é um golpe de sorte para mim. A maioria em questão é praticamente idêntica à nossa casa, então encontro rapidamente a porta

lateral da garagem e entro.

O cheiro de mofo característico do desuso é substancial, levanto a mão para cobrir a boca enquanto a poeira se mistura com flocos de neve. Pela primeira vez durante todo o dia, a sorte está do meu lado, porque parado na garagem está uma pequena caminhonete que espero estar em condições de funcionamento. Não é muito, mas se der partida, pode ser minha salvação.

Entro na garagem e fecho a porta atrás de mim, deixando a escuridão me envolver. Leva alguns segundos para meus olhos se ajustarem, mesmo assim, eu tenho que manter minhas mãos na minha frente para não bater nas paredes. Meus dedos roçam o metal, sigo até a porta do lado do motorista, que está trancada. Eu xingo baixinho e começo a fazer meu caminho para a entrada da casa. Se eles saíram do carro, provavelmente há outro molho de chaves.

Minha sorte acaba quando tento abrir a porta e a encontro resolutamente trancada. Porra. Eu espio ao redor da garagem sombreada em busca de algo para ajudar. Não há muito. O velho que mora aqui não deve ser um Sr. Consertador porque a única coisa que parece uma ferramenta é um cano de metal solitário, que não vai me fazer bem quando se trata de arrombar uma fechadura.

— Merda. — eu sussurro e olho para o teto, sentindo-me pesada de desespero.

Um lampejo de movimento chama minha atenção, me abaixo atrás do carro. Meu coração salta quando percebo que é uma janela. É claro. Temos a mesma que leva a uma pequena despensa fora da cozinha. O movimento foi o deslocamento da cortina do vento uivante. Eu me arrasto até uma mesa com o cano de chumbo na mão.

Quando tenho certeza de que não vou cair, tiro minha jaqueta e a enrolo no cano, esperando abafar a maior parte do som. É grosseiro, mas faz o trabalho, a janela quebra. Depois de murmurar um breve pedido de desculpas aos donos, esmago o resto do vidro da moldura e me jogo pela janela.

Como a maioria dos proprietários da região, as garagens foram adicionadas depois que as casas foram construídas para atrair mais compradores. Funciona para mim, pois me permite entrar sem ser detectada. Rastejar para baixo da janela é estranho, caio de joelhos no azulejo frio, sacudindo todos os lugares sensíveis da surra que Vic me deu. Passaram-se apenas vinte e quatro horas desde então? Parecem anos.

Não ousou acender a luz, então tenho que caçar na cozinha escura. Quando minhas mãos pousam em um chaveiro pendurado em um gancho na porta dos fundos, quase grito de triunfo. Dou um pensamento passageiro em procurar na casa qualquer coisa valiosa para penhorar junto com minhas joias, mas não quero correr o risco de ser pega. Há uma pilha de correspondência no balcão que eu pego. Se houver uma oferta de cartão de crédito, pode ser útil mais tarde.

Sentindo-me cada vez mais desesperada para deixar esse lugar para trás, destranco a porta apressadamente e pego minhas malas. Demora várias tentativas antes de eu encontrar a chave certa, mas uma vez que eu faço, eu jogo minhas coisas no banco do passageiro e ligo o motor para aquecer enquanto eu abro a porta da garagem. Passo um minuto observando minha casa em busca de algum sinal de que Gracin voltou, mas está tudo quieto. Assim como o resto do bairro, que não pode durar muito mais tempo. Os policiais vão aparecer eventualmente. Outro golpe de sorte é a garagem do meu vizinho. Eu não tenho ideia de quem está mantendo longe da neve, mas alguém está, por isso, eu sou grata.

Tirar o carro da garagem e estacioná-lo para fechar a porta da garagem leva um tempo precioso que não tenho, mas também não quero revelar minha fuga se não for preciso. Quanto mais tempo e distância eu puder colocar entre os policiais e eu, melhor. No momento em que atravesso a cidade, a neve está caindo de novo e o carro geme quando passo dos cinquenta, então minha fuga é dolorosamente lenta.

Ligo o rádio, o primeiro anúncio faz meu estômago revirar.

— A polícia está à procura de um preso fugitivo da Instituição Correcional Blackthorne. Os ouvintes devem ser avisados de que o fugitivo é considerado armado e perigoso. Uma foto recente pode ser encontrada em

nosso site e mídias sociais. Por favor, esteja atento e denuncie qualquer informação à polícia imediatamente.

Eles vão procurá-lo nas estradas principais, então eu fico nas estradas secundárias. Eles não estão procurando por mim, mas logo estarão, prefiro não correr o risco de encontrar a polícia. Acrescenta horas à minha jornada, mas consigo evitar todos, exceto um posto de controle, que passo com uma facilidade surpreendente. Considerando que estou em um veículo roubado, decido que finalmente estou sendo reembolsada por toda a má sorte que tive nos últimos três anos.

Eu dirijo durante a noite, fazendo paradas quando preciso de gasolina ou tenho que usar o banheiro. Assim que chego aos arredores de Detroit, paro na primeira loja aberta e pego dinheiro suficiente para um telefone descartável e algo para comer. Eu não estou com apetite, mas eu recebo um sanduíche pré-fabricado e refrigerante de uma máquina de venda automática de qualquer maneira. Enquanto me sento no estacionamento e ativo meu telefone, engulo a comida sem prová-la. Assim que o telefone está pronto, reservo passagens para o próximo ônibus até o destino mais distante possível, que por acaso é um caminho de ida para Los Angeles que sai em duas horas.

O pensamento de sol quase - quase - dissipa a constante dor de pavor que queima meu estômago. Eu guardo as embalagens de comida em um saco plástico enquanto o enjoo rola através de mim. Eu consigo não pensar no que deixei para trás na longa viagem para o sul, mas agora que não estou focada em fugir, tudo me atinge de uma vez. O soluço que sai do meu peito desperta todas as minhas dores.

Eu me dou dez minutos para sucumbir às emoções, mas é isso. Quando meu tempo acaba, eu cuidadosamente limpo meu rosto e pressiono a garrafa de refrigerante fria em minhas bochechas. Não posso me dar ao luxo de desmoronar agora. Isso pode esperar até eu chegar aonde quer que eu vá. Paro em uma casa de penhores na cidade, a primeira que chego, já que não tenho tempo para ser exigente, penho meu anel de casamento e joias por dinheiro rápido. O homem carrancudo atrás do balcão me dá as mil e cem em notas amassadas. Ele não faz perguntas, não reclamo do valor porque é mil e cem a mais do que eu tinha.

O trânsito matinal atrapalha o tempo, mas consigo chegar à rodoviária com vinte minutos de sobra. Estaciono a caminhonete na área de estacionamento de longo prazo e resisto à vontade de deixar um bilhete de desculpas aos proprietários. Melhor não ajudar a polícia se eles conseguirem me rastrear até aqui. Coloco minha mochila no ombro e mantenho a cabeça baixa enquanto espero na fila para pagar a passagem que reservei. A multidão é pequena, fico perto do cais de carga enquanto espero o ônibus para embarcar.

Meus olhos estão pesados de exaustão, mas ainda estou conectada ao mesmo tempo pelo aumento da cafeína e adrenalina. Cada vez que um segurança passa, fico tensa, esperando que ele me localize e me prenda. Quando eles chamam meu ônibus para carregar, eu sou um desastre completo.

O atendente que verifica as passagens me dá um olhar curioso. — Longo dia? — ele comenta, rindo para si mesmo.

Você não tem ideia, eu acho, mas dou a ele um sorriso sem graça e pego o canhoto do bilhete que ele devolve.

O ônibus cheira a couro, chulé e desinfetante, mas os assentos são macios e o aquecedor funciona. Coloco minha mochila na área acima do assento, mas mantenho minha bolsa ao meu lado. A próxima parada não é daqui a duas horas, eu pretendo passar cada segundo dormindo, então ter minha bolsa em qualquer lugar, menos ao meu lado, me deixa desconfortável. Todo o dinheiro que tenho está nela, se sumir, posso me entregar.

Quando o ônibus se afasta do ponto e eu começo a adormecer, meu último pensamento é no rosto de Gracin e quão louco ele deve ter ficado quando voltou para uma casa vazia.

CAPÍTULO DEZESSETE

— Precisa de ajuda?

Eu coloco minha mochila no ombro e olho para o cara na minha frente. Eu estava dormindo desde a última parada e não o reconheço, então ele deve ter entrado.

— Obrigada. Eu consigo.

— Uma bela vista, hein?

Ele não está errado. Mesmo através das janelas escurecidas do ônibus, Los Angeles é deslumbrante. Multidões de pessoas atravessam as calçadas perto da rodoviária, mal posso esperar para me perder nelas. O isolamento de Upper Michigan⁴ era tão completo que ter tantas pessoas por perto deveria me debilitar de ansiedade, mas não. Espero impacientemente que os outros desembarquem, assim que meus pés tocam a calçada, levanto o rosto para o sol e me deleito em seu calor e me imagino sendo alvejada pelo calor. Ajuda a aliviar a culpa sufocante, mas apenas marginalmente.

Não tenho para onde ir e ninguém a quem recorrer, mas isso não me assusta. O alívio esmagador guerreia com essa culpa e a luta me leva para longe do terminal de ônibus e em direção ao cheiro cada vez mais forte de sal no ar. Não sei quanto tempo ando ou para onde vou, tudo o que me importa é me perder. Talvez se eu puder fazer isso, de alguma forma eu me encontre também.

Ouçó as ondas antes de ver a praia. O som deles batendo contra a praia enche minha cabeça, bloqueando a repetição de sangue quente espirrando contra o azulejo, de uma bala rasgando a frágil estrutura de pele. Meus joelhos vacilam quando chego a um sinal vermelho. Aqueles ao meu redor se acotovelam com impaciência, mas não lhes dou atenção. Avanço com a multidão enquanto a luz muda e deixo que ela me leve pela estrada até o calçadão.

O peso da minha mochila crava em meu ombro e bate ritmicamente contra minha coxa enquanto desço cambaleando as escadas desgastadas até

o derramamento de areia de açúcar mascavo. Tiro os sapatos, arregaço as calças e tiro o suéter leve que estava usando para lutar contra o ar-condicionado gelado no ônibus. Depois de guardar os itens na minha bolsa, vou direto para a rebentação e afundo os dedos dos pés na areia com um suspiro alto de prazer.

Talvez eu fique bem, talvez não. De qualquer forma, vou deixar de ser a vítima e começar a revidar. Ninguém nunca vai me fazer sentir como Vic fez de novo, nem mesmo Gracin.

Fico na praia até meus dedos ficarem azuis do frio e a praia está quase vazia de famílias e adolescentes. O telefone descartável que eu peguei está quase morto, mas ainda há vida suficiente nele para eu rastrear um hotel barato para passar a noite. No caminho, pego algumas batatas fritas, um hambúrguer e uma coca de um vendedor ambulante, que acaba sendo a melhor comida que já comi em toda a minha vida.

Eu gostaria de poder dizer que minha sorte durou, mas não. O hotel parece saído de um episódio de American Horror Story,⁵ mas é barato e só vou precisar dele por algumas noites. Reboco rachado e manchado de água, pisos arranhados são a menor das minhas preocupações. A recepcionista não liga para minhas roupas amarrotadas e manchadas, pago antecipadamente por uma estadia de três noites e solicito um quarto no primeiro andar, perto do lado movimentado da rua, caso precise fazer uma saída rápida. Depois de um banho rápido no banheiro pequeno, mas felizmente limpo, coloco roupas limpas e desmaio em cima do edredom, minha arma ao alcance, só por precaução.

Leva todos os três dias para localizar um apartamento mobiliado adequado e providenciar a mudança de utilitários. Dou-lhes um nome falso e um passaporte falso que comprei na internet. O proprietário não questiona, nem a concessionária. No quarto dia depois de chegar em LA, tenho um lugar para morar e consegui um emprego como garçom em um restaurante próximo.

Enquanto espero pelo meu primeiro dia de trabalho, limpo o apartamento e estabeleço um plano de saída. Não quero ser pega de surpresa e presa. Não tenho certeza se Gracin se importa o suficiente para

vir atrás de mim. Ele provavelmente não poderia se importar menos.

Eu uso uma parte do dinheiro para estocar munição para a arma que comprei no caminho para LA junto com spray de pimenta e um Taser. Eu mantenho o spray e o Taser na minha bolsa e a arma em uma gaveta acessível na minha sala de estar. Com a permissão do meu senhorio, compro travas e correntes extras para as portas. As janelas já estão travadas, mas eu testo cada uma para ter certeza de que elas não vão se mexer. A preparação faz com que os dias e as noites passem rapidamente. Apesar da minha apreensão, durmo como uma morta todas as noites sem a ameaça da presença de Vic ao meu lado.

Na manhã do meu primeiro dia de trabalho, acordo mais cedo para me vestir e percorrer a rota do ônibus. Eu me viro para trancar a fechadura da minha porta da frente e fico cara a cara com um desenho.

Eu congelo.

Perto, uma criança grita de tanto rir, me esquivo do som. Com o coração acelerado, eu giro e examino a área em busca de algo fora do comum, mas os inquilinos dos apartamentos próximos ainda estão dormindo e não há um único sinal de Gracin.

O desenho me mostra no meu primeiro dia em LA na praia com os pés na água. Eu estava tão em transe que nem pensei em procurar por ninguém. Por que eu teria? Eu estava do outro lado do país e não havia deixado nenhuma pista sobre para onde estava indo.

Por um longo momento, a vontade de entrar em um ônibus e fugir me domina, mas meu já escasso estoque de dinheiro está diminuindo rapidamente. Não posso continuar correndo para sempre. Assim que a razão volta, me ocorre que, se Gracin quisesse me ver, ele teria encontrado uma maneira de entrar no meu apartamento enquanto eu dormia.

Ele não tinha, o que me disse que embora ele soubesse onde eu estava e quisesse que eu soubesse disso, ele não iria me forçar a vê-lo.

Eu só não sabia por quê.



Não tenho certeza, mas acho que alguém está me seguindo.

Nas oitava semana desde que cheguei, fiquei paranoica ao ponto da insanidade. Eu sempre verifico minhas fechaduras três vezes, faço rotatórias quando vou e volto do trabalho, religiosamente vasculho as notícias em busca de sinais de Gracin, qualquer pista sobre a investigação policial sobre as mortes em Blackthorne ou meu desaparecimento. Não houve nenhuma pista bem-sucedida, mas isso não significa que eu deva ser menos vigilante.

Por um bom motivo, aparentemente.

O homem sentado na minha seção pediu para se sentar na minha seção na semana passada. Regulares não são fora do comum, mas há algo sobre esse cara que tem todo o meu corpo em alerta máximo. Não é nada que ele fez, por si só, mas depois de ser encurralada por um criminoso violento, não quero que isso aconteça novamente. Todo mundo é uma possível conexão com Gracin.

— Acho que alguém tem um admirador. — diz outra garçonete, Melinda, enquanto se aproxima da janela para esperar seu pedido. — Você não pede o número dele, eu peço. — ela acrescenta enquanto navega pela multidão com um prato de comida erguido sobre a cabeça.

Sua atitude impetuosa e franqueza me fazem sorrir, mesmo que pareça um pouco fora de lugar em meus lábios. Ela é exatamente o que eu amo nesta cidade. O grande número de pessoas, inclusive as bonitinhas, me faz sentir segura. Depois de anos vivendo no isolamento desolado de Upper Michigan, o calor e o anonimato me atraem. Pelo menos as pessoas aqui são francas sobre isso quando são completos idiotas.

Nem me incomoda que meu aluguel de um apartamento de um quarto seja exorbitante ou que o bairro de Van Nuys esteja localizado na fronteira com o território de gangues hispânicas. Depois do que passei, os bandidos na rua nem me incomodam. Na verdade, eles são quase tranquilizadores.

Prefiro ter uma arma na minha cara do que um homem bonito e de fala doce que vai me apunhalar pelas costas com falsas promessas.

O homem sai no final do meu turno. Faço uma nota mental para ficar de olho nele, o que será quase impossível, já que ele se parece muito com qualquer outro californiano. Jeans indescritíveis, sandálias de couro e uma camisa de botão enrolada nas mangas. Seu cabelo não é loiro, nem castanho, ele é de estatura média. Mas aprendi em meu curso intensivo de dois meses a encontrar um recurso que diferencia cada pessoa. Para o meu companheiro de almoço, são os olhos dele. Não a cor, como o verde artificial de Gracin, mas a forma. Especificamente, suas sobrancelhas.

Eu as notei porque me lembravam do homem das cavernas daquele comercial de seguro de carro. Elas enfatizam seus olhos profundos e emprestam uma brutalidade que lembra-me muito de tudo o que estou tentando fugir. É mais do que provável que ele seja um cara perfeitamente legal e estou exagerando.

Ainda assim, mantenho uma imagem mental dele.

Apenas no caso de.

Melinda retorna com uma carranca no rosto. — Malditos garotos são mais problemas do que valem a pena. — ela reclama, fechando a caixa registradora e embolsando sua gorjeta.

Eu prendo o pedido para a mesa em que eu estava e me viro para ela. — Algum cliente está lhe dando problemas?

Ela bufa. — Eu desejo. Se fosse esse o caso, eu poderia simplesmente mandar eles se foderem, mas não, eles são meus filhos.

Os guardanapos que estou dobrando de repente tomam toda a minha atenção. — Oh? — Rezo para que minha voz não soe tão áspera para ela quanto soa para meus ouvidos.

— Eu odeio perguntar isso desde que você ainda está de pé, mas você pode pegar meu turno da tarde? — Sua expressão de dor corre para o telefone, eu dou de ombros. Não é como se eu tivesse algo melhor para fazer.

— Claro que posso. — digo a ela.

O trabalho vai manter minha mente ocupada e colocar mais dinheiro no meu bolso, duas coisas que eu preciso desesperadamente. A mísera quantia que consegui juntar não durou muito, estou vivendo de salário em salário. Não poderei ficar em LA para sempre. Eu preciso continuar andando.

Meu plano é trabalhar e economizar dinheiro suficiente para arriscar viajar para o sul do México. Depois disso, quem sabe? Eventualmente, o trabalho debaixo da mesa aqui vai falhar, então também precisarei economizar o suficiente para comprar uma nova identidade. A porcaria que usei quando cheguei aqui não resistirá a um escrutínio intenso, mas é boa e suficiente para meu gerente de contratação e boa o suficiente para me apoiar nesse ínterim.

— Você é uma boneca. — Melinda diz e aperta meu braço. — Eu não posso agradecer o suficiente. Na verdade, vou deixar o cara gostoso com você. — Ela se vira com uma piscadela e uma risada, esqueço o cara gostoso pelo resto do meu turno.



A cidade está quieta – ou pelo menos tão quieta quanto nunca – quando eu aceno adeus para Jean-Paul, o cozinheiro de linha para o turno do jantar. Fiquei chocada quando o conheci porque o reconheci de vários comerciais e programas de televisão patrocinados. Aprendi rapidamente que quase todos nesta cidade são atores desempregados. Talvez seja por isso que sinto que me encaixo. Estamos todos desempenhando um papel aqui.

É quando chego ao ponto de ônibus que sinto o incomodo entre meus ombros que faz os pelos dos meus braços se arrepiarem. Agarro minha bolsa com mais força ao meu corpo e estico meu rosto para não mostrar nenhuma reação.

Quando olho para cima, não vejo imediatamente nada fora do

comum. Há duas famílias, uma mãe e seus filhos, um bando de meninas esperando na parada comigo. Ainda assim, eu não ignoro a sensação de alarme e mantenho minha guarda quando entro no ônibus. A viagem de ida e volta pelo país não foi suficiente para perder Gracin, não me permito esquecer o fato nem por um segundo.

Não recebi mais desenhos, nem tive um vislumbre dele, mas sei que ele está lá, observando. Não sei o que ele está esperando. Não tenho certeza se me importo enquanto ele ficar longe de mim. O que eu sei é que esse sentimento, essa pessoa que está me observando, não é ele.

A sensação de estar sendo observada não diminui durante a longa viagem de volta a Van Nuys. Eu roo uma unha — um novo hábito que adquiri em vez de algo pior como beber até o esquecimento. Ninguém no ônibus se vira na minha direção. Ninguém sequer tenta me atrair para uma conversa fiada sem sentido.

Eu tenho que parar de ser paranoica, eu decido. Eu devo ter finalmente estalado. Estou tão perdida em pensamentos que quase perco a chamada para a minha parada, então passo apressada pela multidão de pessoas e praticamente me jogo para fora do ônibus. Está anoitecendo, mas as ruas ainda estão fumegantes. O calor provavelmente vai ficar durante a noite. Levanto meu rosto para o céu, mesmo que a poluição esteja particularmente densa hoje, eu mergulho nos últimos raios do dia. Demorou semanas para eu sentir que finalmente descongelei do amargo inverno de Michigan. Mesmo agora, quando saio da cama, levo alguns minutos para perceber que não preciso me preparar para o frio.

Meus pés se arrastam enquanto eu caminho do ponto de ônibus pelos dois quarteirões que leva para chegar ao meu pequeno apartamento gasto. Se pudermos acreditar, está em estado ainda pior do que a casa que dividi com Vic, mas é minha e é barata — bem, pelo menos para os padrões da Califórnia. Eu nunca vou superar como menos de dez metros quadrados de espaço vital podem custar tanto quanto uma casa de cinco quartos em Michigan.

Eu destranco a porta, empurro para dentro e me vejo caindo no chão quando um peso me empurra. Enrolo-me instintivamente, usando minhas

mãos para amortecer minha queda e grito quando elas cedem sob a tensão.

CAPÍTULO DEZOITO

Eu não dou ao meu atacante um momento para planejar sua próxima ação porque eu estava esperando por ele. Girando embaixo dele, eu mexo meus pés e os coloco em seu peito largo. Eu empurro com todas as minhas forças e consigo me libertar de suas garras. Suas mãos arranham meu uniforme e machucam meus braços na tentativa de me segurar, mas eu chuto meu agressor no rosto e sorrio enquanto ele uiva de dor.

Isso me permite tempo suficiente para recuar no chão de linóleo escorregadio e vasculhar minha bolsa para a lata de spray que sempre tenho comigo.

Eu coloco a lata em sua posição de bruços com uma mão, assim que ele fica de pé, eu atiro nele – nele, eu percebo quando noto que é o cara do restaurante – com o rosto cheio de spray. Ele engasga, seus olhos e nariz escorrendo automaticamente.

Há apenas uma fração de segundo para eu escapar, uso isso a meu favor. Agarro um lado do sofá-cama e o empurro para bloquear seu caminho. Sem o uso dos olhos, o cara tropeça e bate de cabeça na parede, amassando o gesso.

Eu não fico por perto para ver se ele está bem. Eu corro pelo corredor que leva à porta dos fundos, deixando uma pista de obstáculos menor em meu rastro para atrasá-lo ainda mais. Cestos de lavanderia cheios de roupas, pequenas estantes que usei como despensa improvisada e estantes espalham seu conteúdo por todo o chão.

O atacante ainda está uivando e se debatendo na sala de estar enquanto eu mergulho pela porta dos fundos. Eu não tinha dinheiro para comprar um carro para uma fuga rápida, mas mando um pedido de emergência do Uber para uma cafeteria alguns quarteirões adiante. Eu apaguei depois que me mudei para o apartamento. Se eu reservar, leva apenas menos de cinco minutos, aproximadamente o mesmo tempo que levará para um Uber na área chegar.

Estou no meio do beco quando ele sai pela porta dos fundos. Eu posso

ouvir seus passos trovejantes seguindo atrás de mim, mas estou mais leve em meus pés, sua forma volumosa não é páreo para isso. Meu coração está na minha garganta como se eu soubesse em algum lugar no fundo das partes primitivas de mim que se eu não escapar desse homem, eu posso cortar minha garganta. É um tipo puro de medo que me leva a continuar indo além do ponto de exaustão.

Viro uma esquina e vejo o café no próximo quarteirão. A visão me estimula a bombear minhas pernas mais rápido, apesar da queimação em meus pulmões. O som do meu perseguidor começa a desaparecer, eu desacelero para verificar meu telefone, encontrando o alerta Uber de que meu carro está esperando por mim.

As calçadas estão cheias de gente, não há como ele fazer alguma coisa quando há testemunhas em todos os lugares. Tento diminuir a velocidade e parecer comum, mas estou empurrando turistas e pedestres enquanto ando rapidamente até o meio-fio onde o Uber está esperando.

Sem parar para gentilezas, mergulho no carro e digo. — Lakeland 5º, por favor. E se apresse.

Ele resmunga e me dá um olhar curioso, mas ele, felizmente, não discute. Quando ele se afasta do meio-fio, olho para trás e examino a multidão, mas o homem do restaurante não está em lugar algum. Eu dou um sinal hesitante de alívio, mas o vício em torno de minhas entranhas ainda está apertado com medo.

O trânsito ainda é horrível quando nos misturamos com longas e sinuosas filas de carros, mas estar cercada por eles por todos os lados me faz sentir um pouco segura. Assim que chegarmos ao armário que aluguei, poderei recuperar a bolsa que guardei lá apenas para esta ocasião. Eu não sabia se teria que usá-la, mas não queria ficar presa sem um meio de fuga novamente. Jurei que não ficaria desamparada novamente no segundo em que chegasse a LA. Eu percebi que seria possível para um criminoso mais experiente me rastrear se ele tivesse os meios, motivo e dinheiro. Eu não tinha certeza de que Gracin tinha o último, mas eu sabia que ele tinha os dois primeiros de sobra.

O armário do depósito tem algumas mudas de roupa, a maior parte do

meu dinheiro, mais armas e as joias que eu ainda não havia penhorado. Eu absorvo a paisagem em goles gananciosos enquanto avançamos pela rodovia. Vou sentir falta deste lugar. Talvez eu vá para a Flórida, mantendo-me em áreas onde o sol é predominante. Acho que nunca mais voltarei para o norte se puder evitar.

Quando a adrenalina começa a passar, eu envolvo meus braços em volta de mim para evitar os tremores que me destroem até os ossos. Uma parte de mim, a parte que queria acreditar na mentira que Gracin contou, quer desmornar e chorar, mas essa parte de mim está enrugada, uma casca de quem eu costumava ser. A mulher que emerge das cinzas da minha vida passada é mais dura, menos confiante e determinada.

Não vou deixar que me batam. Não vou deixá-lo ser mais um erro que deixei arruinar minha vida.

Quando começo a cair, o cansaço de um longo dia de trabalho faz meus olhos caírem e minha mente ficar confusa. É por isso que não percebo que estamos indo na direção errada até que seja tarde demais.

— Com licença. — eu digo ao motorista, um pouco irritada. — Você está indo na direção errada. Você deveria ter saído na última saída. Você pode, por favor, pegar a próxima?

— Sim, senhora. — diz ele.

— Obrigada.

Solto um suspiro. Exatamente o que eu preciso. Mais um atraso na saída da cidade. Eu quase ri. Fazer uma fuga às sete da noite é praticamente um esforço infrutífero. Viajar entre quatro e oito é praticamente engarrafado, mas não há nada que eu possa fazer sobre isso.

No rastreamento lento, somos forçados a fazer mais trinta minutos antes de fazer a próxima saída. Eu me esforço para ter um vislumbre da placa e depois relaxo quando ela aparece.

— Bem aqui. — digo ao motorista, que não ouve ou não se importa em seguir minhas instruções. — Ah, senhor? Essa foi a saída. Você pode me ouvir?

Ele não responde, desconforto formigando na parte de trás do meu pescoço.

— Com licença?

Quando ele me ignora novamente, eu tento as portas, mas elas estão trancadas, nenhuma quantidade de apertar os botões vai destravá-las. Pânico jorra dentro de mim, quase choramingo. De repente, ser encurralada e cercada por veículos não parece tão seguro quanto alguns minutos atrás. Eu puxo a arma da minha bolsa onde eu a guardei depois do ataque no meu apartamento.

Eu firmo minhas mãos e mantenho a arma perto, apenas no caso. Eu não acho que estou exagerando, mas se eu estiver, vou acabar como apenas mais uma garota louca em uma cidade cheia delas. Não vou correr nenhum risco, mesmo que tenha que tirar outra vida.

Para pensar apenas alguns meses atrás, minha única preocupação era salvar vidas, agora está levando eles para proteger a minha.

Nós dirigimos em silêncio, ganhando velocidade enquanto o tráfego lentamente começa a clarear. Não conheço o resto de LA tão bem quanto conheço a área ao redor do meu apartamento, então não reconheço para onde ele está me levando. Ele finalmente sai da estrada, o que nos leva a algum lugar no centro da cidade, movendo-se rápido demais para eu arriscar uma fuga sem ferimentos em potencial.

— Por favor. — eu digo ao motorista. — Por favor, deixe-me ir. Eu te dou dinheiro, o que você quiser.

Eu aprendo algo que é mais aterrorizante do que os punhos nus de um homem.

Silêncio.

Sem saber o que vai acontecer.

A expectativa é mil vezes pior do que a violência real.

Ele me agarra, me provoca.

Sua falta de resposta me diz que não há nada que eu possa oferecer

para dissuadi-lo. Não consigo pensar em uma única pessoa que me sequestraria além de Gracin, decido que ele deve estar pagando uma merda para me buscar. Não sei com quem Gracin estava envolvido e não quero saber. Tenho a sensação de que vou descobrir de qualquer maneira.

Não ousou arriscar atirar nele enquanto estamos dirigindo. Se ele cair, não há garantia de que eu vou conseguir. Vou ter que guardar minha fuga para quando pararmos. A arma me dá uma vantagem. Eu só tenho que ser inteligente sobre como usá-la.

Quando paramos em um armazém indescritível, todo o meu corpo fica tenso, a arma está escorregadia em minhas mãos úmidas. Não há luzes do lado de fora, então só consigo ver o contorno mais tênue do enorme edifício. Nada nele é tranquilizador. Eu tenho que sair daqui.

Meu primeiro tiro corta o tecido macio de seu braço, fazendo-o emitir um grito desumano. O segundo se enterra em sua garganta. Eu nunca vou esquecer o som gorgolejante que ele faz enquanto engasga com seu sangue. Eu empurro isso para o fundo da minha mente porque eu não tenho tempo para pensar sobre isso.

Subo no console central e destranco a porta da frente, evitando suas mãos agarradas enquanto empurro seu corpo para jogá-lo para fora da porta do lado do motorista. Ele é pesado e o ângulo é estranho, mas consigo derrubá-lo. Estou prestes a fechar a porta novamente quando três homens em ternos caros saem correndo do prédio em direção ao carro.

O carro ainda está funcionando, então eu dou a ré, mas antes que eu possa disparar, a porta do lado do passageiro se abre e um quarto homem aponta uma arma para o meu rosto.

— Largue a arma e saia do carro, a menos que você queira uma bala entre esses lindos olhos. — ele ordena.

Eu libero a arma, deixando-a cair no banco, ele a pega. Minha mão vai para o meu estômago, não porque estou me sentindo enjoada, embora certamente haja um pouco disso, mas para proteger a vida que cresce lá.

A vida que Gracin e eu fizemos e que eu morreria para proteger.

CAPÍTULO DEZENOVE

Dois dos homens de terno me puxam do carro, ignorando completamente o corpo no chão. Sangue encharca meus sapatos, eu sei que não haverá limpeza suficiente para tirar a mancha. Os dois caras meio que me carregam, meio que me arrastam para o armazém porque de jeito nenhum eu quero ir para onde eles estão me levando.

Meus pensamentos laboriosos giram em torno de como escapar e que coisas horríveis eles planejaram para mim.

Dentro do armazém, uma única lâmpada nua balança de um fio e duas cadeiras estão situadas ao lado de uma mesa. Há uma longa corda pendurada no teto, os homens ao meu lado me trazem até ela para que possam amarrar minhas mãos acima da cabeça. Um se separa e puxa a corda, forçando-me a ficar na ponta dos pés para evitar balançar.

— Quem são vocês? — Eu pergunto a eles. As palavras estão cheias de medo. — Gracin mandou você?

Um dos homens ergue os olhos de sua conversa murmurada com o outro cara de terno. Ele tem o tipo de rosto que induz pesadelos, sei que nunca vou esquecer isso. Ele está vestido com um terno como os outros, só pelo ajuste justo e tecido caro, posso dizer que é sob medida, talvez até especialmente projetado para ele. Seu cabelo grisalho e branco está impecavelmente penteado, penteado para trás para evitar a calvície. Anéis de ouro grossos com diamantes cintilantes decoram seus dedos. Ele pareceria mediano se não fosse pelos mortos, vazio em seus olhos.

É o tipo de olhar que, quando pousa em você, faz suas entranhas tremerem de medo. E o meu faz assim que ele volta sua atenção para mim no segundo em que digo a palavra mágica: Gracin.

Ele levanta a mão para seu associado e se aproxima de mim, parecendo que deveria pertencer a uma sala de reuniões em vez de um beco como este. Meu palpite é que ele é o responsável.

— Então, você conhece Gracin. — ele diz depois de um momento, —

Gracin Kingsley. King? Você falou com ele desde que o ajudou a escapar?

Meu instinto me diz que se eu responder a essa pergunta, não estarei me fazendo nenhum favor, então fico quieta.

Ele chupa os dentes, suas bochechas tiques. — Muito bem. — ele murmura. — Cuide dela, Danny. — Ele dirige isso para um recém-chegado, que está sem fôlego quando ele empurra a porta.

Minha própria garganta fica presa quando reconheço as sobrancelhas do restaurante e do meu apartamento.

— Claro, Sal. — Danny diz com um olhar irritado em minha direção. Eu quero dizer a ele para não ficar chateado comigo. Não fui eu quem disse a ele para tentar me sequestrar, então não foi minha culpa que ele tenha sido atacado, mas isso provavelmente não funcionará a meu favor.

Sal sai com dois dos outros, deixando Danny e outro homem na sala comigo. Eu tento respirar lento e profundamente para manter a calma, mesmo que tudo dentro de mim queira entrar em pânico. Pequenos tremores musculares escapam, mas por outro lado eu consigo manter o controle. Não mostre medo.

O que mais me preocupa, porém, mais do que os olhos mortos de Sal e mais do que a dor potencial que estou prestes a sofrer, é que não sei por quê. Por que eu? Quem exatamente é Gracin, em que diabos eu me meti?

Eu sabia que era ruim, mas esses caras... eles estão um nível acima de completamente aterrorizantes.

Como ele conhecia esses homens? Como eles sabiam que eu o conhecia antes de cinco minutos atrás? O que eles querem com ele? Comigo?

Enquanto Danny e o outro homem, que ele chama de Andrew, me circulam, considero todas as coisas que realmente não sabia sobre Gracin. E eu o amaldiçoo por tudo que ele fez para me colocar nessa situação. Eu juro que se eu o vir de novo, um de nós não vai sair vivo do confronto.

Espero que eles comecem o interrogatório, mas eles me surpreendem sentando à mesa para fumar e dar um trago em uma garrafa de licor escuro.

Eles estão tentando me matar com antecipação.

E está funcionando.

Não seria tão ruim se meus ombros já não estivessem queimando com desconforto na posição não natural. Olho para cima e vejo que minhas mãos já estão descoloridas. Eu tento mexer meus dedos, mas eles mal se movem. Meus pulsos estão queimando. Minhas pernas doem e tremem enquanto tentam manter o equilíbrio.

Eles não me tocam, falam ou mesmo me reconhecem durante toda a primeira noite. Eu tento chorar, implorar, suplicar, gritar, mas eles podem muito bem ter me colocado no mudo por todo o bem que isso faz. Eu pensei que estava superando o abuso de Vic, mas no momento em que eles me amarraram, os mesmos medos e terror que experimentei em suas mãos voltaram. Cada vez que tento cochilar, minhas pernas fraquejam, meus braços gritam de dor e acordo com um grito agudo, esperando que socos venham de todos os lados.

Pela manhã, as lágrimas estão caindo pelo meu rosto sem controle porque estou exausta, frustrada e entorpecida pela dor. Não consigo mais sentir meus braços e há muito desisti de tentar ficar de pé. Em vez disso, eu apenas penduro, a circulação que se dane. Já nem dói mais porque não consigo sentir nada.

A luz está fluindo pelas janelas que revestem o topo das paredes quando eles me reconhecem pela primeira vez. Danny está olhando para mim quando pensa que não estou olhando, mas não consigo encontrar em mim para dar a mínima para seu ego ferido.

Danny se levanta, seu rosto impassível, embora um pouco cansado, com base nas manchas sob seus olhos. Se eu pudesse me mover, se meus músculos não estivessem congelados de exaustão, eu me afastaria dele.

Espero que ele me bata, me machuque, me torture, mas esses homens são muito, muito sádicos para tornar isso tão fácil. Em vez disso, Danny solta a corda da polia e permite que eu descanse em meus pés e meus braços caiam, flácidos e inúteis. Eu pensaria que havia algo errado com eles se eles não machucassem tanto assim que a sensação começasse a retornar.

Ele não diz uma palavra, apenas observa enquanto eu mudo de pé para pé, tentando melhorar a circulação em meus braços e pernas. Quando o faço, quero gritar de dor. A dor é muito pior do que eu pensei que seria. Como se milhares de formigas-bala estivessem afundando suas pinças em minha carne. Mordo minha bochecha para conter o som, faço isso com tanta força que tiro sangue. O gosto me deixa tão mal do estômago que vomito bile e sangue aos meus pés.

Danny mostra emoção pela primeira vez e dá um passo para trás em desgosto mal disfarçado. Quase me faz querer sorrir. Se eu não estivesse engasgando, provavelmente teria. Eu não tive enjoo matinal desde que descobri que estava grávida, mas que hora para ele aparecer.

Mamãe acha que você tem senso de humor, digo ao bebê. Eu sei que é loucura, mas passar as últimas horas amarrada, incapaz de dormir e sobrevivendo com adrenalina, me deixou torcida de todas as formas. Conversar com o bebê, por menor que seja, me dá uma certa sensação de conforto.

Foi há duas semanas, exatamente quando eu pensei que ia ficar bem com tudo o que tinha acontecido. Eu estava tão preocupada em conseguir um apartamento e um emprego e ficar fora da vista da polícia que não percebi que tinha pulado um período.

No começo, pensei que fosse estresse. Eu pulei um par enquanto estava casada com Vic, então isso não era anormal. Mas meu corpo parecia diferente. Meus seios mais sensíveis, minhas emoções mais voláteis, minha energia inexistente.

E embora isso me assustasse direto ao meu núcleo... Eu só sabia.

Eu também sabia que o bebê era de Gracin. Vic e eu não tínhamos feito sexo desde antes de Gracin chegar, então não havia a menor chance de eu estar grávida dele. Fiquei muito grata por isso. Se eu fosse forçada a escolher entre Vic e um criminoso condenado, eu escolheria o criminoso todas às vezes.

Poupei parte do meu dinheiro para fazer um exame de sangue no posto de saúde, eles confirmaram minhas suspeitas. Eu estava sem dúvida

grávida. Eles me marcaram uma consulta com um obstetra e uma garrafa de vitaminas pré-natais e depois me mandaram para o meu lado alegre.

No começo, eu não sabia o que fazer. O que pensar. Melinda começou a perguntar se eu era alérgica ao sol porque estava agindo de forma muito estranha. Levei um tempo para perceber que não tinha que ser uma coisa ruim. Talvez, isso era o que deveria acontecer. Um bebê, esse bebê, foi a primeira coisa boa e positiva que me aconteceu em muito tempo, jurei que não deixaria o que aconteceu comigo acontecer com essa criança.

Eu vou suportar o que eles fizerem comigo para ver que nós dois sairemos deste inferno vivos.

Quando a dor passa e posso mover meus membros livremente, Danny me amarra de volta. Só que desta vez, ele e Andrew puxam a corda com um pouco mais de força. Meus braços ficam dormentes muito mais rapidamente na segunda vez, estou apenas semiconsciente por falta de comida e água. Sem falar na falta de sono. Cada balanço do meu corpo me traz de volta à consciência, agora há náuseas e dores de fome em cima de todo o resto.

Isso continua por uma quantidade infinita de tempo. Só posso dizer que passa por causa da luz que entra pelas janelas. Eu perco a conta de quantas vezes eles me soltam, permitem a sensação de volta e depois me amarram de volta. Danny e o outro cara são dispensados do serviço de vigilância quando outro par de homens que eu não conheço aparece. Horas e horas depois, Danny e seu amigo voltam, parecendo revigorados e bem alimentados.

Eu mal posso manter meus olhos abertos, mas consigo mostrar meus dentes para eles, o que só os faz rir.

Se eu não estivesse enforcada como um animal para o abate, teria colocado balas em cada um deles. Gracin incluído por me colocar nessa merda.

Na noite seguinte ou pelo menos eu acho que é, eles trazem uma jarra de água. Minha boca não consegue salivar com a visão, mas algo primitivo dentro de mim dói ao vê-la.

Como se soubesse o que estou pensando, Danny joga a água na mesa na minha frente e se serve de um copo. O som só me lembra da intensa pressão crescendo na minha bexiga. Eu olho para longe e para minhas mãos descoloridas, esperando que isso tire minha mente do meu corpo, mas isso não acontece.

Eu luto contra a necessidade de fazer xixi, sabendo que é o que eles querem, a degradação e a humilhação, mas no final, a natureza vence. O alívio é esmagador, mas ao mesmo tempo me aliviar depois de tanto tempo dispara pontadas de dor em toda a minha cintura. O cheiro pungente de urina flutua ao meu redor, o calor encharca meu jeans, deixando-o pegajoso contra minhas pernas.

É quando eles me dão goles de água morna do jarro. Estou com tanta sede que nem me importo. Eles só permitem pequenos goles, mas é o suficiente para molhar meus lábios secos.

Eu balanço na corda tentando alcançar o copo enquanto eles o puxam para longe, no balanço de retorno, eu giro e encontro um punho que acerta meu estômago.

As cólicas são imediatas e brutais.

CAPÍTULO VINTE

— Não. — eu digo, mas é mais um sussurro. Não sei se estou falando com os homens ao meu redor ou com o fantasma de Vic. Quando o preto entra em minha visão, a realidade se divide e sinto que estou de volta sob seus punhos, lutando para permanecer viva.

Não importa. Eles não ouvem. Outro golpe, desta vez no rosto, sem dúvida para me calar. O punho de Danny se conecta logo abaixo do meu olho, eu agarro a corda. Meus braços gritam em protesto, minha cabeça parece que estou com a pior ressaca do planeta em segundos. Combinada com a falta de ar que sobrou do golpe no estômago, doe tanto que meu cérebro não sabe em qual parte de mim focar.

Alguém ladra uma ordem, mas não consigo ouvir por causa do zumbido em meus ouvidos. Há uma onda de atividade, então alguém agarra meus quadris por trás.

Por um breve e aterrorizante segundo, acho que eles vão me estuprar, luto para voltar à consciência, lutando contra eles o máximo que posso enquanto estou amarrada e indefesa. Então o que está na minha frente, Danny talvez, me dá um tapa na outra bochecha, percebo que o cara segurando meus quadris está apenas fazendo isso para me estabilizar, então eu não me mexo muito.

Meu olho esquerdo já está parcialmente fechado pelo inchaço, meu outro está lacrimejando por causa do tapa, mas mesmo com minha visão embaçada, posso ver a bancada de pesadelos de qualidade de filme de terror que eles organizaram em algum momento.

Facas. Ferramentas elétricas. Mais corda. Armas. Estremeço e vomito a água que consegui engolir. Danny faz uma careta e me dá um tapa na mão novamente. Desta vez eu balanço no corpo do homem atrás de mim, o que só me faz engasgar novamente. A sensação das mãos de outro homem em mim é fisicamente repugnante.

Quando consigo enxergar de novo, é para encontrar Danny com um pequeno maçarico na mão. Atrás dele, um fio de extensão segue em direção

à parede. O maçarico assobia para a vida e chamas de calor através da pele sensível, fazendo-me estremecer.

— Diga-nos o que você sabe sobre Gracin Kingsley. — diz Danny enquanto ele casualmente acena com o maçarico na frente do meu rosto.

Não devo lealdade a Gracin, com certeza diria a eles o que quisessem se isso significasse que eu sairia daqui viva, mas há duas coisas erradas com esse cenário.

Um, eu não tenho ideia de onde diabos ele está.

Dois, eu sei que no momento em que eu der a esses homens o que eles querem, eu estou morta.

Então, eu não digo nada.

Com a minha falta de resposta, o maçarico se acende, as mãos em meus quadris apertam ao ponto de doer. Estou tremendo toda, mas não há como controlar isso neste momento. Danny se agacha ao meu lado, pega minha perna em seu braço e a trava com força. Se eu tivesse força para lutar com ele, eu ainda não teria sido capaz de quebrar seu aperto de morsa.

O maçarico não é enorme, mas a chama saindo da ponta é muito, muito real, sem dúvida, eficaz. Mas no momento, eu nem me importo, porque a ondulação e espasmos em meu útero, juntamente com a umidade fresca entre minhas pernas, só podem significar uma coisa. E se for o que eu acho que é, não me importa com o quanto eles me torturem. Eu vou sobreviver a isso apenas para rasgar suas fodidas gargantas com minhas próprias mãos.

Danny ignora a urina ensopando meu jeans enquanto ele faz com que um dos outros homens os cortem para que sejam pouco mais do que trapos pendurados nas minhas pernas dos joelhos para baixo. Ele os arranca e os joga fora antes de aproximar a chama da minha pele. Ouço o chiar da minha carne e sinto o cheiro da carne cozinhando antes de sentir a dor da queimadura. Eu jogo minha cabeça para trás e grito até as vigas. Em pouco tempo, perco a voz e só consigo grunhir gritos estrangulados até que ele apague a chama.

Quando me concentro nele, a chama está escura e seu rosto está duro

e vazio. A morte encarnada. — Onde ele está? — ele pergunta.

Eu não respondo a ele. Depois de me importar, eu me afasto, meu corpo cansado descansando contra o que está atrás de mim. Há outro chiado, então eu convulsiono, querendo me afastar da dor, mas incapaz por causa das mãos que ainda me seguram. Ele afasta o maçarico, meu corpo automaticamente cede para frente. Pela primeira vez, sou grata pelas amarras. Eu não seria capaz de ficar em pé se não fosse por elas.

Desta vez, Danny mal faz uma pausa e não repete a pergunta. A chama sobe pela minha perna, aproximando-se da carne sensível das minhas coxas. Suas mãos deslizam na minha pele molhada, mas ele não percebe ou não se importa, me esqueço de mencionar que é sangue e não urina porque ele toca a chama na carne novamente. Desta vez, eu desmaio.

Quando acordo, o sol está alto no céu e sinto que sou uma coluna de gelo em chamas. Congelando e pegando fogo ao mesmo tempo. Eu engasgo com o cheiro ao meu redor - minha carne cozida - e consigo vomitar para longe de mim em vez de descer pelo meu peito. Não há nada além de bile para vomitar de qualquer maneira, logo estou de volta a balançar.

Meu estômago dói, uma nova onda de sangue cobre a parte interna das minhas coxas. Eu gemo e as lágrimas correm pelo meu rosto. Acho que desmaiei de novo porque a próxima coisa que sei é que uma enxurrada de água enche meu nariz e minha boca, me acordando assustada. Eles a mantêm na minha cara a todo vapor até que eu esteja respirando. Então eles desligam, eu tusso e sinto água em seus pés.

Eu ouço um deles xingando e então a água me atinge no peito enquanto eles me lavam como um cachorro. Ela queima como fogo líquido quando atinge a carne queimada das minhas pernas. Eu quero me afastar disso, chorar ou gritar para eles pararem, mas não consigo. Estou completamente impotente.

— Que porra ela está sangrando? — um deles murmura. — Você não bateu nela com tanta força.

Posso sentir seus olhos em mim, mas não consigo abrir os meus para ver. Além disso, eu já sei o que eles estão olhando. Que conclusões eles

estão tirando. Deixe-os ver o que eles fizeram. Se eles têm coração suficiente para se importar, espero que isso os coma vivos até que eu possa cortá-los.

A mangueira volta, desta vez para me dar um banho improvisado. Eu quero dizer a eles que é inútil porque vai continuar vindo. Eles ainda estão resmungando e tentando lavar o sangue quando as ordens são gritadas, as mãos estão de volta em meus quadris. A forma sombria de Danny e a luz bruxuleante do maçarico são tudo o que posso ver.

Eu uso minha última explosão de energia para chutar o maçarico de sua mão, meu pé bate em sua canela enquanto eu sigo, ele geme de dor. O ruído metálico do maçarico atingindo o piso de concreto ecoa por todo o armazém. Danny vai até ela e a pega do chão. Há uma onda de calor e então a dor lancinante retorna, desta vez na perna oposta.

— Onde ele está? — ele pergunta.

— Foda-se. — eu sussurro.

Desta vez ele deixa a chama contra a minha pele por muito mais tempo. Tanto tempo que não sinto mais a dor, o que parece bom, mas sei que não pode ser. Lesões sem dor equivalem à morte.

O que isso importa? Estou morta de qualquer maneira, certo?

Ele remove a chama, apenas para trazê-la de volta a um novo local, causando uma nova dor. Eventualmente, eu tenho que ir para outro lugar no meu cérebro. Um onde não há dor. Onde não há morte. Onde o bebê que eu não planejei não está me deixando antes que eu pudesse amá-lo como ele merecia. O lugar que cultivei nas mãos de um marido que não conhecia o significado da palavra misericórdia.

Sou puxada de volta à realidade quando eles trazem de volta a mangueira para me limpar novamente. O homem atrás de mim se foi, não consigo mais manter minha cabeça erguida ou ficar de pé, então estou balançando para frente, meus olhos no concreto abaixo de mim. A água sangrenta viaja em riachos pelo chão e para um ralo próximo.

A agonia não descreve o que sinto quando percebo que essa é a pequena vida que eu já pensava ser minha. Soluços explodiram de mim

então. Coisas profundas e dolorosas, sinto que uma parte de mim foi arrancada do meu coração, como se eu tivesse mudado até o meu DNA. Eu sei que se eu conseguir sair disso, nunca mais serei a mesma.

A água é cortada e eles voltam. Não consigo parar de chorar, nem mesmo quando a chama volta. Então minhas lágrimas se transformam em gritos, estou gritando e chorando com tudo o que tenho. Ele ecoa por todo o armazém, a chama se apaga, Danny me atinge novamente, seu punho colidindo com minha mandíbula, fazendo minha visão explodir em um caleidoscópio de estrelas.

— Se você não vai responder à pergunta, mantenha a porra da boca fechada. — ele rosna enquanto enfia uma tira de pano na minha boca.

Já passei de me importar.

Minhas pernas queimaram demais para ser sua tela de tortura, ele levanta meu pé e o maçarico se acende novamente. No momento em que a chama toca a pele sensível da minha sola, eu grito contra a mordaça e me contorço contra o homem que me segura.

— Onde diabos ele está? — Dani pergunta. — Diga-me o que você sabe e tudo isso acaba. A dor vai parar se você apenas me disser onde ele está.

Ele deixa cair o maçarico no chão e remove a mordaça para que eu possa falar, mas em vez de falar, eu junto saliva suficiente para cuspir em seu rosto. Seu olhar de total indignação me faz rir, porém, é tingido de histeria.

— Ela está perdendo a porra do juízo. — diz Andrew. — Completamente maluca.

O que só me faz rir ainda mais.

Há um som alto e estridente da porta do armazém, eu murcho um pouco para dentro sabendo que deve ser Sal, quem quer que seja, voltando para obter os resultados dos últimos dias ou para acabar comigo. Parte de mim quase quer que eles coloquem uma bala em mim, mas a outra parte, aquela que está doente e cansada de ser tratada como merda quer uma chance, apenas uma, para retribuir por tudo que eles fizeram, tudo eles

tomaram.

— Última chance. — diz Danny. — Onde ele está?

Então, uma voz que não é a de Sal diz. — Bem, rapazes, se vocês queriam tanto me ver, tudo o que precisavam fazer era ligar.

CAPÍTULO VINTE E UM

Eu gostaria de poder virar ou abrir meus olhos o suficiente para realmente vê-lo. Dessa forma, eu saberia que ele está realmente aqui e não é uma alucinação ou choque se instalando. Por enquanto, escolherei acreditar que ele está realmente aqui e que esse pensamento me ilumine. Eu puxo as amarras, o homem atrás de mim aumenta seu aperto.

Danny se endireita, seu corpo musculoso ficando tenso quando ele se vira para encarar um Gracin indiferente. — King. — Danny diz, embora seja mais como se ele cuspsse a palavra. — Estávamos procurando por você.

— Terrelli. — responde Gracin. — O que você tem aqui?

Eu apago então, sobrecarregada demais pela dor e descrença para me manter consciente. Quando eu acordo, eu posso realmente vê-lo quando ele joga o polegar por cima do ombro na minha direção. — Essa puta? Ela é apenas a vadia burra que convenci a me ajudar a sair de Blackthorne. — Ele ri, inclinando-se para dar um tapa no joelho. Danny rosna para a condescendência descarada de Gracin. — Cara, Sal deve estar em apuros se ele está mandando homens atrás das mulheres para fazer seu trabalho. Diga-me, Terrelli, você é tão ruim em seu trabalho que não consegue rastrear um alvo sem recorrer a espancar mulheres?

— Diga-me, King, você é tão marica que teve que correr com o rabo entre as pernas?

Gracin estala a língua. — Nunca corri. Ao contrário de você, eu sei como fazer um trabalho corretamente. Agora, vamos ficar aqui o dia todo ou você vai ligar para Sal e dizer a ele que você é um fracasso completo?

Seu olhar não vem para mim uma vez, nem uma única vez desde que ele chegou aqui. Eu sei por que não consigo tirar os olhos dele, por isso, eu me odeio. Ele não se parece em nada com o homem que eu conheci, ainda assim, ele é tão familiar que faz todo o meu corpo doer. Bem, ainda mais do que já faz.

Danny atravessa a sala até a mesa, os outros seguem atrás, deixando-

me pendurada, machucada, sangrando. Eu sou um pedaço de carne. Nem me surpreende quando Gracin não vem até mim. Mas está tudo bem. Mantém meu cérebro ocupado e longe da dor só de observá-lo enquanto ele os estuda.

Ele está vestindo um terno e parece ainda mais intimidante em linhas limpas e tecidos caros do que o uniforme da prisão. A cor forte contra seu bronzeado o faz parecer confiante, elegante e capaz. Elegante, refinado e dominante. Ele mantém as mãos ao lado do corpo, soltas e prontas, como um pistoleiro ou um gladiador pronto para lutar até a morte.

Danny está falando com alguém no telefone, Salvatore, eu fecho meus olhos contra a dor que irradia através de mim. Quando consigo abri-los novamente, Gracin está perto.

Seu rosto não revela nenhuma emoção, mas ele olha para mim uma vez, notando os hematomas no meu rosto, as queimaduras nas minhas pernas e o sangue ao meu redor. Ele não diz nada, depois de uma rápida olhada, eu me lembro de todas as razões pelas quais eu quero estar o mais longe possível dele. Então, eu viro minha cabeça para longe dele e espero para ver o que esses bastardos têm reservado para mim.

Mas Gracin tem outros planos.

Enquanto Danny está ao telefone e os outros estão fazendo uma pausa para fumar, ele me corta e me pega porque meu pé está tão queimado que não consigo ficar em pé.

— Que porra você está fazendo? — Danny pergunta com uma mão ao telefone.

Gracin não lhe dá um olhar. — Você conseguiu a informação que queria. Estou aqui. Você quer continuar com ela? — Sua boca torce, ele olha para cima então. — Não sabia que você estava nessa merda. Deve ser por isso que Sal entrou em filmes snuff,⁶ hein? Excêntrico.

Danny franze a testa e volta à conversa. Gracin começa a massagear meus ombros para aumentar o fluxo sanguíneo para a área, mas eu o afasto e dou um passo para longe. Bem, eu tento. Minhas pernas não querem

aguentar meu peso e a dor fresca que inflama em meus membros faz com que eu quase acabe dando um mergulho de nariz direto no concreto.

— Não. — diz ele, sua voz áspera enquanto ele me ajuda a voltar. — Você não pode andar, porra, então não tente.

Eu forço minha voz em torno da aspereza na minha garganta. — Não me toque.

Ele me estuda e então se retira, suas mãos levantadas enquanto ele gesticula para que eu continue. Olho para ele e manco até a mesa onde ignoro as coisas em cima dela e me agacho para sentar em uma das cadeiras. Eu não poderia esconder a dor em minhas feições se tentasse, então eu não tento. Deixo todos na sala saberem o quão vulnerável eu estou.

— Chefe quer que levemos você até ele. — Danny diz enquanto desliga o telefone e vem para ficar atrás de mim. Meus ombros ficaram tensos com a proximidade dele, mas fiz um esforço para me sentar que não conseguiria me mover se minhas pernas tivessem força para me manter de pé.

— Isso não vai funcionar para mim. — responde Gracin.

— Receio que você não tenha escolha. — Danny e seus homens formam uma linha entre a saída e nós.

Gracin suspira como se estivesse no supermercado e o balconista não o direcionasse para sua água com gás favorita. — Então acho que não temos nada para conversar. — diz ele e saca uma arma.

Ele dispara quatro vezes em rápida sucessão, mais rápido do que tenho tempo para perceber o que está fazendo. Eu caio da cadeira sem a menor cerimônia, a dor do movimento é tão impressionante que faz todo o meu corpo ficar dormente. Meus braços sobem para cobrir minha cabeça, meus olhos se fecham. Quando os tiros param, olho para cima e encontro os quatro homens gemendo e deitados no chão.

Eu nem penso, apenas me levanto dolorida e tropeço para a porta. Passos estão atrás de mim, mas eu me movo tão rápido quanto meu corpo maltratado me permite. A última coisa que eu quero é ser pega, mas não

adianta. Gracin está saudável, descansado e ainda tão rápido quanto a cobra. Ele chega à porta diante de mim, barrando seu caminho.

Com uma mão em volta do meu braço como uma tira de aço, ele me puxa atrás dele e então me pega em seus braços como se eu mal pesasse nada. Mas eu não quero ir a lugar nenhum com ele, então estou raspando e arranhando cada parte dele que posso alcançar até chegarmos a um carro e ele me jogar no banco de trás.

Quando eu subo gritando e batendo nele, ele desvia meus braços e me bate na lateral da cabeça com um golpe rápido. Num segundo estou consciente, no seguinte sou consumida pela escuridão e pelas sombras.



Eu sinto tudo através de uma névoa.

O movimento de um veículo.

Os restos de uma dor indescritível.

A presença de outras pessoas ao meu redor.

O pânico ameaça me engolir inteira, então eu me entrego à escuridão mais uma vez.

A dormência e a neblina continuam por tanto tempo que começo a acreditar que estou morta. O que mais pode explicar a completa paz e a sensação de calma? Então algo sacode meu corpo, trazendo a dor incapacitante de volta à tona, eu gostaria de estar morta novamente. É apenas um minuto de dor eterna antes que um pequeno beliscão no meu braço faça minha mente vagar...

Então vem o sono. Sono sem fim feliz e ininterrupto.

É a conversa murmurada que me tira do estupor drogado com um estalo. Imediatamente, penso em Danny e no bando de bandidos. Tenho que me proteger do que eles planejam fazer comigo em seguida. Eu me levanto, os dentes arreganhados em um rosnado e encontro mãos me

pressionando na cama.

Eu luto contra elas, sons desumanos saem da minha garganta até que ouço uma voz que não reconheço.

— Sra. Emerson, preciso que você se acalme.

— Dê a ela um sedativo. — vem uma voz familiar.

Talvez eu esteja sonhando.

— Ela já bebeu demais. — a primeira voz responde.

Nenhum deles soa como os homens que me espancaram e torturaram, isso desperta minha curiosidade o suficiente para eu abrir meus olhos, apenas para me preparar para minha próxima versão do inferno. A visão que me recebo é suficiente para sufocar meus gritos, me encolho nos cobertores.

Um médico – ou pelo menos, acho que ele é um médico baseado no estetoscópio enrolado no pescoço – fica ao lado da minha cama, parecendo preocupado e intimidado. Ele se endireita e lança um olhar questionador para outra pessoa parada no canto.

Gracin.

Ele se levanta da cadeira em que estava sentado, chega ao pé da cama do hospital e descansa as mãos no estribo.

— Bom dia, Tessa. — ele diz.

Eu quase ri. Bom Dia? Bom Dia? Como se ele fosse um parente e eu estivesse gripada ou algo assim. Fecho os olhos e relaxo na suavidade em minhas costas, tentando lembrar o que aconteceu ou onde posso estar.

As memórias do que eles fizeram comigo são demais para processar, então eu guardo isso de volta nos recessos da minha mente e me concentro no final. É tingido com a nebulosidade da lembrança, efeitos prolongados do sedativo e marcado pela dor. Primeiro, minha mente se prende a Gracin.

Ele apareceu no final em um terno. Chamou-me de puta e depois me soltou. Abro os olhos para confirmar a imagem que me vem à mente. Ele se endireitou e cruzou os braços sobre o peito. Reconheço a camisa como a

que ele usava quando estava no armazém, mas ele tirou a jaqueta, desabotoou o botão de cima e arregaçou as mangas.

O médico limpa a garganta ao meu lado, eu olho para ele.

— Sra. Emerson. Eu sou... — Ele olha para Gracin para confirmação, Gracin acena com a cabeça. — Eu sou o doutor Haversham. Eu tenho tratado você nos últimos dois dias. Você sofreu várias queimaduras de segundo e terceiro graus nas pernas. Múltiplos hematomas, contusões e uma concussão.

Ele faz uma pausa, desta vez me pedindo permissão silenciosa para alguma coisa. Ele quer me contar sobre a única coisa que eu tenho tentado tanto não pensar.

Eu posso ouvir a resposta do meu próprio corpo ao conhecimento nos monitores ao meu lado. Minha frequência cardíaca acelera demais, a expressão de dor do médico voa de mim para Gracin e depois de volta.

— Diga-me. — eu digo, minha voz gutural.

— Você abortou o bebê. — ele responde, parecendo relutante.

Do canto do meu olho, vejo as mãos de Gracin caírem para os lados, mas a visão fica turva com lágrimas não derramadas.

— Sinto muito. — diz o médico, mas não adianta.

Eu sabia muito antes de Gracin aparecer que meu corpo não tinha mais vida.

— Bebê? — Gracin pergunta.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Não respondo a Gracin, porque dizer o que ? Ele não merece a cortesia, estou cansada demais para dizer ou fazer todas as coisas que quero, então fecho os olhos e finjo estar dormindo até que ele me deixe em paz.

Levo algumas horas para descobrir que não estou em um hospital de verdade. Não, estou em um quarto na casa de alguém. A casa de Gracin. O médico e uma mulher que eu suponho ser uma enfermeira me examinam pelas próximas horas. Na maioria das vezes, é tranquilo, quando a noite cai, deixo as lágrimas virem. Elas caem em córregos pelas minhas bochechas. Tremo tanto que me sinto paralisada, mas deixo as emoções virem. Eu pensei que tinha chorado tudo que podia no armazém, mas eu estava errada.

Parece durar para sempre, até que eu gaste toda a energia que me resta, deixando-me olhar para a parede me sentindo vazia. Mais vazia do que eu costumava depois que Vic me fodeu em submissão e me ignorou como se eu fosse menos que um corpo. Aquela pequena vida foi a única coisa positiva que veio dos últimos três anos da minha vida e agora se foi.

— Bebê? — vem sua voz da escuridão. Eu ouço, mas estou tão cansada, tão esgotada que não consigo reunir energia para me mexer.

Eu sei que ele quer dizer isso como uma pergunta e não o carinho.

— Você estava grávida? — ele pergunta.

— Assim parece. — eu digo estupidamente. — Não importa. Eu não estou mais.

— Era meu. — Não é uma pergunta. Ele diz isso como uma afirmação. Como se fosse algo vital e real. E foi, mas não é mais, eu não quero falar com ele, especialmente sobre isso, então digo.

— Provavelmente.

— mesmo sabendo com certeza que era.

— Era meu. — ele repete, sua voz mais insistente. Eu ouço a cadeira ranger, meu corpo dolorido fica tenso, preparando-se para o que quer que

ele planeje em seguida.

Ele não me toca como eu esperava. Ele apenas aproxima a cadeira da minha cama. — Como? — Eu não posso dizer se ele está apenas curioso ou furioso. Ele quer saber como eu perdi o bebê, mas isso não é algo que eu possa falar agora... talvez nunca.

Minhas mãos dão um nó nas roupas de cama finas. — Eu não quero falar sobre isso. — Faço uma pausa para limpar o tremor na minha voz. — Isso importa?

Ele suspira, o som acaricia minha pele. Quase posso imaginar que sinto sua respiração deslizando ao longo da minha carne. — Eu acho que não.

Por alguma razão, suas palavras fazem meus olhos lacrimejarem novamente. Eu não as deixo vir desta vez, piscando furiosamente para conter o fluxo.

As perguntas borbulham dentro de mim, quase engasgo com elas. As razões pelas quais Gracin fez o que fez não me importam mais. Elas parecem tão infantis em comparação com todas as coisas que aconteceram desde então. Um dia, exigirei respostas, mas não hoje.

Eu rolo para longe dele, sem vontade de dizer mais nada. Felizmente, ele não se intromete. Devo adormecer porque da próxima vez que abro os olhos, descubro que o sol nasceu e estou sozinha. Observo a luz por um longo tempo antes de uma batida soar e uma jovem entrar. Ela está vestindo jaleco, então eu suponho que ela seja pelo menos uma enfermeira. Eu não pergunto. Também não pergunto como ela conhece Gracin ou veio parar neste quarto cuidando de mim. Eu não quero saber.

— Olá. — diz ela em uma voz suave que é quente e reconfortante. Eu quero me inclinar para o conforto. Eu quero alguém para me segurar mais do que tudo, mas em vez disso, eu balanço minhas pernas para o lado da cama.

— Você se importaria de me ajudar a ir ao banheiro? — Eu pergunto bruscamente.

Ela acena com a cabeça, suas mãos eficientes e capazes enquanto me ajuda a navegar pelos fios e tubos e suporta meu peso enquanto me guia

para uma porta à esquerda. O banheiro é suntuoso com bancadas de granito e azulejos caros. Eu localizo um chuveiro murado com uma dúzia de botões e jatos. Depois de fazer meus negócios, peço a ela para me ajudar a me despir.

— Você quer que eu...

— Não, eu estou bem. — Eu suavizo minhas palavras duras com um pequeno sorriso. — Obrigada mesmo assim.

Há um banco no chuveiro, me sento nele com uma pequena careta. Não há uma parte de mim que não dói. Dr. Haversham tinha enfaixado minhas coxas e panturrilhas com gaze respirável e algum tipo de filme plástico à prova d'água. De acordo com a enfermeira, eles mudaram recentemente, eu deveria estar bem para tomar banho, desde que não seja muito longo. Não quero nem imaginar como estão.

Uma verificação superficial de mim mesma revela sangue, que escorre para se misturar com a água do chuveiro. Não consigo encontrar em mim algo para ficar envergonhada. Só há espaço para a dor constante do luto.

Não sei quanto tempo fico sentada no chuveiro, mas é tempo suficiente para que o sangue diminua, pelo menos por um tempo. Longo o suficiente para que as grossas paredes de vidro fiquem fumegantes de cima a baixo, minha pele esteja inchada e enrugada. Tempo suficiente para que as bandagens nas minhas pernas precisem ser trocadas. Não importa quanto tempo eu fique sentada no chuveiro, porém, sinto que nunca vou ficar limpa.

É Gracin quem me resgata quando eles consideram que meu banho durou tempo suficiente. Eu não luto com ele, embora seu toque faça minha pele arrepiar. Ele simplesmente aparece do outro lado do vidro e estende a mão para desligar a água. Então ele enfia o braço e me oferece uma toalha. Espero que ele espie enquanto eu me envolvo nela e saio, mas ele não o faz.

— Como você está se sentindo? — ele pergunta.

Eu odeio que sua voz não traz nenhuma emoção. O homem que eu conhecia que era calculista, desonesto e paquerador está longe de ser encontrado. Isso só reforça minha crença de que tudo realmente foi um ato.

E como a idiota que eu era, eu me apaixonei.

Acho que é uma coisa boa que eu não sou mais uma idiota.

Eu o nivelo com um olhar, ele diz — É justo. Existe alguma coisa que eu possa fazer para deixá-la mais confortável?

— Você pode me dizer quando eu posso sair daqui. — Não há nenhum ponto em dançar em torno dele. Não passei dois meses fugindo porque queria que ele me encontrasse. Depois do que ele fez, a única coisa que quero é ficar o mais longe possível dele. Talvez eles estejam aceitando novos voluntários na Estação Espacial Internacional. Sim, aquele ou outro planeta pode estar longe o suficiente.

Sua expressão não muda, mas por um momento, sua boca aperta. — Não é seguro para você sair agora. — diz ele.

Eu me abaixo na cama com cautela e então permito que ele me cubra com os cobertores. — O que isto quer dizer?

Ele desvia o olhar, eu tenho que engolir a vontade de forçá-lo a olhar para mim. — Isso significa que você vai ficar aqui até que seja seguro.

— E onde fica aqui?

— Minha casa.

Eu caio de volta contra os travesseiros, mais do que um pouco atordoada. Gracin tem uma casa? Penso no banheiro que deve ter custado uma pequena fortuna. Não vale para o homem que conheci em Blackthorne.

As perguntas me dão uma puta dor de cabeça, o que provavelmente aparece no meu rosto, já que ele fecha as persianas e escurece as luzes sem que eu peça.

— Descanse um pouco. Podemos conversar mais tarde.



— Eu não quero ir jantar. — eu grito para a mulher que veio me

convidar para descer. — Eu quero sair. Agora!

Meu tom imperioso faz pouco para intimidá-la, embora ela não tenha um metro e meio de altura se tiver uma polegada. Se alguma coisa, ela absorve minha grosseria, sua carranca feroz se intensifica.

— Mestre Kingsley gostaria que você se juntasse a ele para jantar. Seis horas em ponto.

A implicação de que o atraso é um pecado mortal está implícita. Ela sai, me joga de volta na cama, murmurando obscenidades que não tenho coragem de dizer na cara do tirano.

Três semanas se passaram, eu não saí do quarto nenhuma vez. No começo, eu estava muito apático, emocional e fisicamente esgotada demais para fazer mais do que o mínimo: dormir, comer, tomar banho, e repetir. Uma vez que o bom médico me deu um atestado de saúde uma semana depois de chegar, pensei que seria hora da conversa que Gracin e eu deveríamos ter ou hora de eu sair, se eu quisesse.

Rapaz, eu estava errada.

Assim que o médico saiu, tomei banho, vesti as roupas que me foram providenciadas e fui embora. Mas a porta estava trancada. Ficou assim até a mulher, que eu conhecia apenas como Marie, entregar minhas refeições. Ela não respondeu a nenhuma das minhas perguntas e só fala em ordens.

Tenho a sensação de que Gracin sabe como estou, mas ele não voltou para me visitar, não que eu realmente queira que ele volte. Ele poderia ir para o inferno primeiro. Ele teria que morrer de fome antes de me encontrar voluntariamente me juntando a ele para o jantar.

Quatro horas vem e vai, depois cinco. Então seis. Minha apreensão cresce a cada tique-taque do ponteiro dos segundos. A televisão que ele deve ter instalado enquanto eu dormia só me entretém por algum tempo, então volto a olhar o relógio. Dez minutos depois, depois vinte.

O relógio bate seis e meia e a fechadura da minha porta clica. Espero ver Marie: Eu recebo Gracin.

Ele se encosta-se à porta. — Agora, a única razão pela qual eu acho

que você recusaria o jantar é que você ainda está muito dolorida para descer as escadas. Eu gostaria que você tivesse dito alguma coisa. Eu teria vindo mais cedo, ratinha.

A lembrança da prisão, do que aconteceu entre nós, é quase demais. Eu me lanço aos meus pés. — Não me chame assim. Estou bem. O médico disse que as queimaduras cicatrizaram bem. Você não precisa mais me manter trancada aqui.

Ele me estuda como se não me entendesse, mas está desesperado para me entender. Eu não gosto disso. Na verdade, eu quero que ele pare.

— Se eu for jantar, você me deixa sair?

— Se você vier jantar, eu vou considerar isso. — diz ele.

Nós dois sabemos que ele negocia acordos apenas para renegar depois de conseguir o que quer, mas não tenho outra escolha. Olho ao redor do comodo, odiando essas quatro paredes e sabendo que sua consideração é tudo o que vou conseguir. Além disso, pelo menos desta vez, estou indo nos meus termos, não nos dele.

Gracin acena com o braço, me convidando para o corredor. Parte de mim tem medo do que vou encontrar. Eu dou passos hesitantes passando por ele, meu queixo quase cai. Existem corredores elaborados em ambas as direções com dezenas de portas de cada lado. Isto não é uma casa, é uma maldita mansão.

O que diabos um homem que podia pagar uma casa como esta estava fazendo na prisão?

Estremeço ao lembrar-me de Sal e decido que talvez eu não queira saber. Talvez eu só queira sair daqui e o mais longe possível.

Quando ele coloca a mão no meu braço, eu recuo. Tocar não tem sido fácil para mim desde a noite com Danny e companhia. Gracin deve perceber isso, porque ele não tenta novamente. Ele apenas diz. — Por aqui. — quando temos que virar uma esquina ou passar por uma porta.

Esfrego o ponto em meu braço onde ele entrou em contato com a mão dele e tento não lembrar onde mais suas mãos me tocaram. Ele me

leva a uma sala de jantar íntima com vista para os jardins, que estão repletos de cores. Está muito longe dos cinzas frios de Michigan. É engraçado como você não sabe que sente falta de alguma coisa até achar que nunca mais a verá, não que eu tenha pensado que sentiria falta da neve. Mas neste momento, eu faço.

Silenciosamente, ele me oferece um lugar à mesa, Marie traz as travessas de comida com um sorriso presunçoso em minha direção. — Mais alguma coisa, Mestre Kingsley? — ela pergunta a Gracin.

— Obrigado, isso é tudo. Cuide para que não sejamos perturbados.

Eu me sirvo do bife e da salada enquanto ele observa. Depois de semanas de comida sem graça de hospital, minha boca saliva com a mera visão. Eu mantenho minha boca cheia para não ter que falar com ele, mas isso não o incomoda nem um pouco. Ele não come, apenas observa, ainda com a expressão curiosa no rosto.

— Por que você não disse nada a eles? — ele pergunta quando eu finalmente limpei meu prato.

Enquanto penso por segundos, considero o homem à minha frente. Os termos podem ter mudado, mas o ar de brutalidade com certeza não mudou. Ele é a violência embrulhada em um lindo laço. Perigo feito para brilhar. Só que em vez do macacão da prisão, sua etiqueta de advertência é um terno Armani e um Rolex. Dinheiro é poder, mas nele também é letal.

— Eles só teriam me matado mais rápido. — digo a ele enquanto dou uma mordida.

— Algumas pessoas prefeririam uma morte mais rápida. — diz ele.

— Algumas pessoas também são covardes.

Ele ri, me surpreendendo. — Acho que nós dois sabemos que você está longe de ser uma covarde.

— Você vai me dizer quem eles são? Acho que você me deve pelo menos isso.

Ele se recosta na cadeira, as pernas abertas e as mãos apoiadas nas coxas. Colocado dessa forma, ele é dono de cada sílaba de seu apelido.

— Dizer a você mais do que você já sabe só vai colocá-la em mais perigo.

A corda. O sangue. Meu filho assassinado diria o contrário. — Prefiro saber no que estou envolvida a ficar no escuro. Além disso, é hora de você tentar a honestidade para variar.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

— Sal. — começa Gracin — O homem que contratou Terelli e os outros?

Eu cuidadosamente coloco o garfo no meu prato – comida esquecida – e gesticulo para ele continuar. Eu mantenho minhas mãos no meu colo para que ele não possa vê-las tremerem. Até mesmo ouvir o nome do homem causa um tumulto de emoções no meu peito.

— Você conheceu o filho dele. — Seus dedos apertam suas coxas, o primeiro sinal de emoção que vejo dele desde que acordei em sua casa.

— Eu fiz?

Ele balança a cabeça e toma um gole de seu copo de uísque. — Sal— Salvatore, de Blackthorne.

Não posso dizer que estou chocada com essa conexão.

Gracin continua, ignorando meu silêncio. — Eu acho que você poderia dizer que ele não aceitou muito bem. Ele nunca gostou de seu filho, mas o desrespeito à sua família... seu nome, não é algo que um homem como Sal esquece.

Ele se levanta e vai até a janela, deixando sua comida intocada. — Eu disse a você que não era um bom homem, Tessa e eu quis dizer isso.

— Você me disse isso. — Pego o copo de água e bebo vários goles enquanto ele continua.

— Os homens que me contrataram para matar o filho de Sal me plantaram em Blackthorne. Fiz o trabalho para o qual fui contratado e planejei sair assim que a oportunidade se apresentasse.

— Você foge da prisão com frequência? — Meu tom é sarcástico, mas estou genuinamente curiosa. Eu sei como foi difícil tirá-lo de lá. Não consigo imaginar alguém que seria preso de bom grado com a chance de escapar.

— Não prisão, mas eu tive que sair de situações complicadas antes. Se você não me ajudasse, eu teria descoberto outra maneira. Os paramédicos

que me levaram embora? Eles eram meus.

Eu nem quero saber como ele orquestrou isso, então eu sigo em frente. — Por que Sal simplesmente não mandou matarem você?

Ele sorri então, a curva de seus lábios é tão dolorosamente familiar que me causa dor física. — Eles tentaram, lembra? Eu sou muito difícil de matar. Além disso, eles não conseguiram me encontrar.

Eu não tenho uma resposta. Quero dizer, o que você diz para algo assim? Então, eu rapidamente me sirvo um pouco do pão de ló que Marie colocou na mesa. Gracin continua olhando pela janela.

— Como eles sabiam que eu estava em Los Angeles?

Com isso, ele se vira e enfia as mãos nos bolsos. — Se eu tivesse que adivinhar? — ele pergunta, olhando para mim. Quando aceno com a cabeça, ele diz. — Porque fui visto lá. O fato de você ainda estar viva disse a eles que você significava algo para mim. Eles são bons no que fazem, quase tão bons quanto eu, então eles sabiam que se encontrassem você, eu estaria logo atrás. Você não foi difícil de encontrar.

Eu estremeço, o pão de ló virando pó na minha língua. As notícias não foram gentis nas semanas que se seguiram à fuga de Gracin e à morte de Vic. Eles contaram a história de um romance vertiginoso que me levou a libertar Gracin da prisão e matar meu marido para que pudéssemos fugir juntos. Não teria sido difícil para Sal tirar conclusões a partir daí, por mais equivocadas que sejam.

— Mas como você me rastreou até a Califórnia? Não é realmente perto de Michigan.

Ele se vira, as mãos enfiadas casualmente nos bolsos. — Se você pensou que poderia se esconder de mim, você estava muito enganada. Sou muito, muito bom no que faço, Tessa.

— O que exatamente você faz? — Eu estava com medo de saber, mas cansei de me esconder dos meus medos.

— Eu mato pessoas por dinheiro, Tessa. Muito dinheiro.

— Então, Salvatore. Ele era o quê? Um trabalho?

— Sim.

Eu empurro isso para outro momento enquanto meu cérebro começa a girar. — Mas como você me encontrou?

Com um suspiro, ele gesticula com uma mão. — Eu sabia que quando voltei para casa você tinha ido embora. Há apenas poucos pontos de saída de Michigan, eu assumi que você iria ficar em uma cidade conhecida em que você pensou que poderia se perder.

Eu engulo em seco, esperando.

Ele olha para a minha mão onde meu anel de casamento deveria estar. — Eu sabia que você precisaria de dinheiro, então eu verifiquei todas as casas de penhores ao redor de sua casa primeiro. Quando isso não funcionou, comecei em Detroit. Demorou alguns dias, mas acabei descobrindo onde você descarregou seus anéis. A propósito, você facilitou esse acordo.

Filho da puta. — E eles apenas lhe deram minhas informações? Bem desse jeito?

Ele levanta uma sobrancelha. — Qualquer um pode ser comprado. Você só precisa encontrar o preço certo. De lá, verifiquei o transporte mais próximo, que obviamente eram ônibus. Das cerca de cem opções possíveis, apenas três se encaixam — Nova York, Dallas e Los Angeles. Achei que você teria ido tão longe quanto pudesse. Eu tinha razão.

— A polícia? Por que eles não estão procurando por você? Nós? Você também os comprou? — Neste ponto, eu não ficaria surpresa.

— Eu trabalho e faço negócios com um nome falso. Gracin Kingsley é meu nome verdadeiro, um com uma história verificável para quem pensou em verificar, mas esse nome não levará nenhuma das autoridades a este lugar. Eu o possuo e vários outros sob o nome que uso para fazer negócios.

Minha cabeça gira. — E quanto a mim? Por que você fez isso comigo?

Ele faz uma pausa, a primeira durante meu pequeno interrogatório, e depois diz. — Precisava de ajuda para sair.

— Eu fui apenas um dano colateral, é o que você está dizendo. —

Concordo com a cabeça, furiosa comigo mesma que uma confirmação do que eu já sabia me faz querer chorar novamente. — Acho que já sabia disso.

Ele não pede desculpas. Talvez ele já saiba que seria inútil.

— Você pode ficar aqui até eu neutralizar a situação com Sal. Tudo o que você precisa será fornecido para você. O que você quiser. — diz ele.

— Eu quero sair.

Ele suspira. — Essa é a única coisa que eu não posso deixar você fazer. Eles ainda estão procurando por mim, deixar você ir agora só colocaria você de volta em perigo. Você é livre para explorar a propriedade, no entanto.

— O que importa se eu estiver em perigo? — Ele apenas olha para mim. Seus olhos verdes elétricos aqueceram com as palavras que ele está se recusando a me dar. Quando tenho certeza de que ele não vai responder, digo. — Então acho que terminamos aqui, não é?

Ele começa a se afastar, eu chamo suas costas. — Você não é melhor do que Vic, me mantendo presa, pensando que sabe o que é melhor para mim, me empurrando, me manipulando. Você me disse que eu merecia coisa melhor. Acho que o que você realmente quis dizer é que eu deveria trocar uma prisão por outra.

Ele sai da sala de jantar em vez de responder.

Marie aparece para me levar de volta ao meu quarto.



As portas são mantidas trancadas o tempo todo. Você pensaria que com uma casa desse tamanho alguém se esqueceria de fechar uma delas... ou pelo menos deixar uma janela rachada ou algo assim, mas não. Gracin deve tê-los treinado bem porque na próxima semana, eu testo todas elas para pontos de fraqueza sem sucesso.

Se me deixam sair para apanhar sol ou ar fresco, é apenas para ir aos jardins dos fundos, que são murados e o único portão está trancado com

cadeado. Escalá-los é uma impossibilidade, a menos que eu queira correr o risco de ser cortada e rasgada por arame farpado. Isso me lembra um pouco Blackthorne.

Até o final da semana, acho que vasculhei todos os terrenos e procurei em todos os quartos que não estão trancados. Se há um rastro de quem Gracin é por trás de todas as máscaras que ele usa, não encontro. Encontro as bibliotecas, como em mais de uma, um jardim de inverno envidraçado e uma piscina coberta. Quase pareceria férias se eu não estivesse sendo seguida por um dos homens de Gracin noite e dia. Nas poucas ocasiões em que não estou sendo observada por uma pessoa, sei que há uma câmera gravando todos os meus movimentos. Às vezes eu os ignoro apenas sabendo que ele está assistindo.

Cada dia começa com um café da manhã no jardim de inverno sul. A tarifa varia, mas é sempre servida às sete. Café fumegante, frutas frescas e salsichas picantes ou bacon crocante com ovos. Depois de comer, vou para o meu quarto e coloco um maiô que acabou de aparecer um dia depois de encontrar a piscina, nado até meus membros ficarem dormentes e meu cérebro ficar confortavelmente confuso. Se eu não estivesse tão incrivelmente acelerada o tempo todo, eu teria gostado de explorar a biblioteca, mas não consigo mais ficar parada, então, se estiver com vontade, faço algumas rodadas na academia ou percorro a mansão para frente e para trás até a hora do jantar.

Às vezes Gracin se junta a mim, mas às vezes não. Nossas conversas nunca variam além do que eu tenho feito até aquele dia, elas nunca duram muito porque eu dou respostas curtas para todas as suas perguntas. Ele tem sorte que eu não peguei os talheres e o esfaqueei no pescoço. Talvez seja por isso que ele coma na ponta mais distante da mesa à minha frente.

Eu não quero questioná-lo sobre por que ele me salvou naquele dia. Receio que, se o fizer, posso matá-lo em vez de apenas imaginar.

Não sei o que significará se eu matar alguém a sangue frio. Isso é uma mentira. Isso significa que não sou melhor do que ele.

Estou explorando os quartos do terceiro andar no fim de semana seguinte quando me deparo com outra porta trancada. Olho em volta,

surpresa ao descobrir que minha sombra se foi e nem uma única câmera apontada em minha direção. Eu me viro para a porta, curiosa. Esta é diferente das outras. Eu não posso dizer por quê. Talvez seja a falta de vigilância, como se Gracin não quisesse nenhum registro de quem entra e sai desta sala ou talvez seja um instinto. Ainda assim, eu sei que este lugar é especial. Sei que pertence a ele com tanta certeza quanto sei que vou abri-lo, independentemente das consequências. É por pura sorte que consigo abri-lo usando grampos do meu cabelo e um forte empurrão com todo o meu peso.

Seu cheiro me assalta primeiro, eu quase cambaleio para trás. É a única coisa que não posso lutar quando estou perto dele, isso só me faz odiá-lo mais. O fato de que ele ainda, depois de tudo, pode me fazer querê-lo sem fazer nada é irritante.

O quarto dele é enorme, talvez o dobro do que me foi dado. A cama está situada na minha frente, tem uma mesa de cabeceira elegante de cada lado, em cima de cada mesa de cabeceira há uma lâmpada de estilo contemporâneo. Uma longa cômoda fica à minha esquerda com um espelho alto no topo. No lado oposto, há uma tela plana montada na parede.

Começo pelas gavetas, pois é o lugar mais óbvio para ele guardar todos os seus segredos, é provavelmente por isso que só estão cheias de coisas inúteis – pedaços de papel, trocos, cartões de visita para paisagismo e coisas do gênero. Fechando-as com desgosto, vou até a cômoda e vasculho cada gaveta, até mesmo parando uma vez para levar uma camiseta branca até o nariz. Furiosa comigo mesma, eu a jogo de volta na gaveta e a fecho com força.

Minha próxima área de ataque é o armário dele, mas tenho que parar de admirar quando vejo as prateleiras alinhadas com roupas meticulosamente organizadas. Minhas lembranças dele estão tão enraizadas em nosso tempo juntos em Blackthorne que a imagem de sofisticação é chocante como realidade. As gavetas e prateleiras do armário não dão mais do que cintos, abotoaduras e sapatos. Enquanto investigo o banheiro dele, começo a pensar que não vou encontrar nada, afinal. Eu puxo gaveta após gaveta até que uma coisa me chama a atenção. Ao pegá-la, espanto, quase não consigo acreditar no que estou vendo.

É a minha identificação de segurança de Blackthorne. A que ele leu no primeiro dia em que nos conhecemos. Provavelmente guardou como um troféu quando ele conseguiu sua grande fuga, o bastardo doente. Deixo a identidade onde a encontro. A lembrança do que eu fiz pode tirá-lo, mas faz a bile subir no fundo da minha garganta. Eu era uma garota tão estúpida.

Eu coloco tudo de volta em seu lugar e verifico novamente para ter certeza de que está tudo exatamente como eu encontrei. Normalmente, eu me sentiria culpada por invadir a privacidade de outra pessoa, mas no que me diz respeito, se Gracin não queria que eu bisbilhotasse suas coisas, ele não deveria ter me trancado em sua casa.

— Encontrou o que você estava procurando? — Gracin diz da porta de seu quarto. Ele não parece chateado, mas com base na quantidade significativa de controle que ele demonstrou nas últimas semanas, eu não poderia dizer se ele estava. Não que eu dê à mínima.

— Eu não estava procurando por nada específico. — eu digo.

— Você não estava? — ele volta.

Revirando os olhos, eu vou para passar por ele, mas ele bloqueia a porta. Meu coração bate em alta velocidade. — O que você está fazendo?

— Só quero conversar. — diz.

— Eu não. Acho que conversamos o suficiente no outro dia. Você se fez perfeitamente claro.

Ele me encurrala, um braço envolvendo meu estômago para manobrar na minha frente. — Eu não acho que eu fiz. — diz ele e me empurra para trás para que ele possa fechar a porta atrás dele.

O som da fechadura ecoa em meus ouvidos. — Deixe-me sair.

— Não.

É isso? Apenas não?

— Gracin. — eu começo, ele para. Lembro-me do que aconteceu da última vez que disse o nome dele. O que ele fez comigo porque gostou muito. Mas isso não vai acontecer novamente. — Você não pode me manter

aqui para sempre.

— Eu posso — diz ele. — E eu vou.

— Por quê? — Eu pergunto, jogando minhas mãos para cima. — Você conseguiu o que queria. Você está fora da prisão. Você cuidará de Salvatore, não precisa da minha ajuda para isso. Você não ganha nada me mantendo aqui.

O braço em volta da minha cintura aperta, a próxima coisa que eu sei, ele está sobre mim na cama, seu corpo me prendendo. Eu congelo, dominada por um tumulto de emoções e lembranças, nenhuma das quais é bem-vinda.

— Se você não quer um joelho em suas bolas, você precisa me deixar levantar agora. — eu digo com calma forçada.

Seus braços apoiados em ambos os lados da minha cabeça, sua boca mergulhando na minha garganta, eu posso sentir seu batimento cardíaco contra o meu e a suave respiração áspera contra minha garganta. Enquanto ele se move contra mim, ficando confortável, percebo que este é o primeiro contato humano que tive desde... tudo. E mesmo que eu o odeie, mesmo que ele seja a causa de tudo, eu murcho, minhas mãos vão ao redor dele.

E eu me odeio por isso.

Talvez até mais do que eu o odeio.

O que está quebrado dentro de mim que procuro amor nos piores lugares? Foi programado dentro de mim desde o nascimento ou é um produto da negligência dos meus pais? Estou tão fodida que vou levar carinho onde quer que eu consiga, mesmo que seja da pior fonte possível?

Ele cai para o lado dele, seus braços me envolvem me pedindo para rolar com ele até que eu esteja colada ao seu lado.

— Isso não significa que eu não quero te matar. — eu digo contra sua garganta.

— Eu sei. — diz ele solenemente. — Eu vou deixar você me matar mais tarde, apenas deixe-me te abraçar.

Eu me irrita com suas palavras, mas minha raiva não tem mordida. Meu corpo precisa do conforto mais do que eu pensava. Meu coração cru levanta enquanto ele acaricia meu cabelo e desce pelas minhas costas, sua mão descansando contra meu quadril. Lágrimas ameaçam, mas eu as ignoro e pressiono mais perto do santuário de seu corpo.

— Faça-me esquecer. — eu sussurro, minha língua sacudindo para provar o sabor familiar da pele em sua garganta. — Se você vai me manter aqui e quer me segurar, então você pode ajudar a apagar todo o resto.

Ele não fala, mas faz o que peço, sua boca encontra a minha enquanto sua mão abre minhas pernas e encontra meu clitóris com precisão infalível. Eu arqueio para encontrar seu toque, em poucos minutos, estou agarrada a seus braços enquanto luto contra minha resposta feroz.

— Não lute contra isso. — diz ele contra meus lábios. — Deixe-me dar a você.

Eu agarro seu antebraço para empurrá-lo para longe, incapaz de aguentar o prazer/dor por mais tempo, mas ele simplesmente pega meus pulsos, os segura contra a cama e desliza a mão por baixo da minha cintura para me tocar pele contra pele. A proximidade é o que eu desejo, um golpe depois, eu gozo sem aviso, todos os meus músculos se contraindo em conjunto.

Seus músculos tremem com a contenção quando ele me puxa para perto. — É isso, querida. — diz ele contra o meu cabelo.

Enquanto deito em seus braços um pouco depois, me permito pensar na vida que perdi. Como poderia ter sido a vida se Gracin fosse normal e eu não fosse tão fraca. Nós dois com um menino ou menina. Sexo fantástico e jantares com conversas que não giram em torno de assassinato ou vingança.

— O que você pensa tanto? — ele pergunta, parecendo sonolento.

— Por que coisas boas acontecem com algumas pessoas e não com outras.

Sinto seus lábios na minha bochecha e suspiro. Este momento com ele é apenas um alívio. Amanhã, as coisas voltarão ao normal e poderei desprezá-lo novamente.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Acordo de volta no meu quarto e não sei como me sentir sobre isso. Então, ignoro completamente. Eu tenho que sair daqui antes que a Síndrome de Gracin Estocolmo aconteça ou algo assim. Sob o disfarce da minha rotina diária, eu me esforcei mais para descobrir como escapar.

Não causar sérios danos físicos a Gracin quando eu estava tão perto dele foi à gota d'água. Ele é magnético, se eu não quero ser sugada de volta para seu vórtice, tenho que fazer tudo que posso para correr na direção oposta.

Eu visto uma roupa simples de ioga do meu armário e escovo os dentes conforme planejo. Minha melhor aposta vai ser uma das alas menos patrulhadas, que elimina a cozinha e as garagens, que ficam no lado sul. Posso quebrar uma janela ou arrombar uma porta e depois encontrar uma maneira de contornar a parede.

Marie me recebe na sala de jantar com uma bandeja de café da manhã, felizmente, sem falar.

Para voar sob o radar, sigo minha rotina. Café da manhã, nadar, depois vou para a biblioteca. Quando acabo com tudo, já é uma da tarde. As bibliotecas são os únicos lugares da casa que não explorei tão completamente quanto gostaria, porque muito tempo de silêncio só me deixa desanimada.

Escolho o maior das três, se eu fosse qualquer outra pessoa, em qualquer outra situação, teria declarado o lugar lindo. As prateleiras da esquerda e da direita estão cheias de livros de todas as formas e tamanhos. No meio, um grande tapete, poltronas e um sofá profundo convidam os hóspedes a sentar e relaxar com uma boa leitura. Ao longo da parede dos fundos há janelas do chão ao teto que dão para o lado do jardim.

Ignoro os livros e vou direto para as janelas. Elas são mais velhas do que o resto da casa. Talvez elas ainda não tenham sido atualizadas com um sistema de segurança, embora a possibilidade seja improvável. Eu estudo as dobradiças e noto que algumas delas estão enferrujadas. Talvez eu consiga

forçar uma a abrir.

— Tentando sair tão rápido?

Eu me viro e encontro Gracin atrás de mim. — O que diabos você está fazendo aqui? — eu gaguejo.

Ele levanta uma sobrancelha. — Eu moro aqui.

— Achei que você não voltaria até o jantar.

— Tive a sensação de que depois de ontem você ia tentar ir embora.

Eu levanto meu queixo, meus olhos brilhando. — Deveria poder ir quando quisesse.

— Não quando Sal ainda está procurando por você. Procurando por mim.

— Ele não sabe onde você mora? O que o impede de entrar agora e estripar nós dois como peixes?

— Ninguém conhece esse lugar.

— Ninguém?

— Minha casa não é algo que eu anuncio, Tessa.

Sentindo-me vulnerável e sensível depois de deixá-lo chegar tão perto de mim, tanto emocional quanto fisicamente, digo. — Por que você me trouxe aqui? Por que não deixá-lo acabar com isso e me matar? Teria sido menos incômodo para você e teria poupado a ele o problema.

Ele me estuda antes de dizer. — O que faz você pensar que eu quero você morta?

Minha risada é sem alegria, vazia. — Ah, eu não sei. Talvez porque eu vi você matar um homem, você me obrigou a ajudá-lo a escapar da prisão, depois fez sexo comigo enquanto o corpo morto do meu marido estava no outro quarto. Não só isso — eu continuo, trabalhando em uma raiva fina — Mas agora estou trancada em sua casa e você não me deixa ir.

Faço uma pausa, o peito arfando e me pergunto se devo continuar, mas as palavras simplesmente não param. Elas saem de mim, inevitáveis e

pesadas. — Quando descobri que estava grávida, pensei que era a melhor coisa que me acontecera. Achei que era o lado bom da tempestade de merda que é a minha vida. Eu não me importava que fosse seu, que eu seria uma mãe solteira criando um filho em fuga. Pela primeira vez, eu tinha algo perfeito e puro, então foi tirado de mim! E eu culpo você. Eu gostaria que você me deixasse morrer. Não sei se posso perdoá-lo por tudo o que aconteceu.

Ele dá de ombros e desvia o olhar. — Eu não espero que você faça isso.

— O que você quer de mim?

— Quero ter certeza de que Sal está morto e não haverá nenhuma reação contra você. Assim que eu tiver certeza de que você estará segura, eu vou deixar você ir.

O pensamento deveria ter me enchido de uma alegria indescritível, mas em vez disso, estou mais conflitante do que nunca.

— É isso que você está fazendo todos os dias? Procurando por ele.

Ele vai até a janela e encosta um antebraço nela. — Sim, estou procurando por ele. Ele foi para o solo porque sabe que estou procurando por ele, provavelmente planejando seu próximo passo.

Ele fica em silêncio depois disso, isso me dá a chance de apenas olhar para ele enquanto considero suas palavras. Ele está vestindo jeans hoje com uma camisa branca de botão que está enrolada o suficiente para revelar as sombras de tinta se desenrolando em seu antebraço direito.

Eu sigo o padrão escuro sob o material quase transparente de sua camisa, minha boca fica seca quando uma onda de desejo intenso me percorre quando vejo os contornos de anéis de metal gêmeos em seus mamilos. Quando ele teve tempo para fazer isso?

Viro-me, não querendo que ele veja o quanto eu quero ordenar que ele tire a camisa para que eu possa vê-los. Meu corpo ainda o reconhece em um nível primitivo, apesar do que passou. É primordial, instintivo, não posso resistir ao quanto eu o quero mais do que posso resistir a respirar. Quando ele se tornou tão essencial para mim quanto à própria vida? Conciliando a

necessidade de precisar dele com o que ele fez... Não sei se é possível.

Seus pés aparecem, eu olho para cima para encontrá-lo parado na minha frente. — Venha comigo. — diz ele, eu franzo a testa quando ele sai da sala. Corro para acompanhá-lo, não querendo ficar para trás.

— Onde estamos indo?

— Vou explicar quando chegarmos lá. — ele me diz enquanto me leva para uma porta que estava trancada toda vez que eu balancei a maçaneta. Ele a segura aberta para mim, percebo por que não ousei abri-la antes. Filas de monitores alinham ambas as paredes com amplas bancadas na frente delas. Dois de seus homens estão sentados em cadeiras dobráveis e olham para cima quando entramos.

— Você quer sair daqui? Então é melhor você prestar atenção. — diz ele. — Preste muita atenção. Você quer algo de mim? Eu quero algo de você.

— O que diabos você quer de mim? — Eu assobio. — Você me trancou aqui como um bichinho de estimação. O que mais você quer?

— Beije-me, Tessa. — ele diz. — Um beijo, você pode ir comigo para rastrear aqueles homens que te machucaram.

— Você é ridículo! Eu não quero essa porra. Você já não conseguiu o suficiente?

Ele acena para alguém atrás de mim, os guarda-costas que eu tinha esquecido que estavam lá vieram atrás de mim. Um dos bastardos grandes e musculosos me agarra pelos braços, eu sei que não vou a lugar nenhum. Eu quero gritar de frustração.

— Muito bem! Muito bem! Um. Estou falando sério, Gracin. Um beijo e nada mais ou eu juro por Deus que vou te matar e eles nunca vão encontrar o corpo.

— Não me provoque. — ele diz enquanto aponta o queixo para os guarda-costas, que vão embora. Ele atravessa a sala enquanto eles fecham a porta atrás deles, deixando-nos sozinhos no pequeno espaço.

— Bem, vamos acabar com isso. — eu digo.

— Tão ansiosa.

— Menos conversa, mais foco.

Ele ri e enfia as mãos sob a queda do meu cabelo. Seus polegares cutucam meu queixo, eu levanto, olhando para ele enquanto ele se aproxima.

— É realmente tão ruim?

A verdade é que não. Não é. E é isso que me deixa com tanta raiva. Eu não tenho a chance de responder por que seus lábios cobrem os meus e espalham todos os pensamentos racionais como penugem de dente-de-leão em um tornado.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Meus dedos agarram a bancada atrás de mim porque se eles não estivessem ocupados, eles já estariam procurando uma parte dele para tocar. Eles estariam deslizando ao longo de seus ombros e penteando seu cabelo. Ele, no entanto, não tem escrúpulos em me tocar. Suas mãos caem para os meus ombros antes de dançar sobre o decote da minha camisa e depois pelos meus braços, deslizando até que arrepios surgem em seu rastro. No movimento para cima, suas mãos voltam para o meu estômago, onde eles traçam ao longo das minhas costelas e deslizam para logo abaixo do meu sutiã.

Enquanto suas mãos estão mapeando meu corpo, sua boca destrói as paredes que eu construí cuidadosamente desde que me afastei dele e do meu marido morto. Quando eu não aguento mais, eu solto meu aperto no balcão e o empurro para longe.

— Ok. — eu digo, um pouco mais sem fôlego do que eu gostaria. — É isso. Eu segurei minha parte do acordo. Agora você segura a sua.

Ele dá um passo para trás, seus lábios rosados e brilhantes, eu tenho que desviar o olhar para não puxá-los de volta para os meus.

— Então você tem. — diz ele um pouco atordoado antes de pegar um chaveiro de uma linha de ganchos pendurados em uma porta. — Deste jeito.

— Para onde exatamente estamos indo?

— De acordo com informações que reuni, Danny e seus amigos gostam de se encontrar em um bar algumas cidades adiante. Se tivermos sorte, eles estarão lá e podemos segui-los até a casa de Sal.

— Eu posso...

— Não.

— Você nem me deixou terminar minha frase.

— Isso é porque o caos segue você como uma sombra. Você vai ficar quieta, ficar atrás de mim e fazer exatamente o que eu digo, lembra?

Eu resmungo, mas não discuto. A possibilidade de encontrar Danny me cala.

— Sabe, se eu não soubesse melhor, eu pensaria que você estava quase animada. — diz ele.

Ignoro o tom de provocação em sua voz e digo. — Presumi que você os matou. Quero dizer, antes de sairmos.

— Infelizmente não. — Ele me dá um breve olhar. — Eu estava mais preocupado em te tirar de lá.

Sinto-me chocada. Gracin acabou de admitir estar preocupado comigo. Eu guardo esse conhecimento e ando ao lado dele em silêncio. O corredor curto da sala de segurança para o lado de fora desemboca em uma garagem para seis carros, que não é a mesma garagem que encontrei na semana passada. Eu estaria mentindo se dissesse que não estava de cair o queixo de surpresa. Embora eu esteja morando em sua casa com seus empregados, cozinheiros, assistentes e guarda-costas, a lembrança de sua riqueza é impressionante. Cada um dos compartimentos de garagem tem um veículo estacionado nele. O primeiro tem uma caminhonete, preta, utilitária e com aparência muito capaz. Ao lado dela está um SUV de algum tipo, da mesma cor e muito elegante – quase como se fosse um tipo de assunto do governo que eu imagino que o Serviço Secreto usa. Não me atrevo a perguntar a ele como ele conseguiu isso. Os próximos três lugares são carros esportivos de alta qualidade em cores e marcas variadas.

— Jesus. — eu sussurro baixinho.

As chaves tilintam atrás de mim, me viro para encontrar Gracin me observando. Ele indica o SUV. — Nós estamos levando neste.

Eu tenho que engolir para molhar minha garganta seca. — Ok.

Ele ri. — Acho que nunca te vi tão sem palavras. O gato comeu sua língua?

Forçando minhas pernas a se moverem, eu subo no banco do passageiro enquanto Gracin balança ao meu lado.

— Eu não estou sem palavras... Eu só estou curiosa. Como é que você

pode pagar tudo isso? Ou esse é um tópico fora dos limites?

O carro ganha vida, ele o manobra para fora da garagem. Eu espero enquanto ele dá ré, em seguida, muda o SUV na direção. — Não há muito que esteja fora dos limites para você, Tessa. Você apenas tem que perguntar.

— Então me diga, como é que você tem uma mansão e uma tonelada de carros? Você trabalhou para... alguém para matar Salvatore, mas em que capacidade? Por quê? — Eu tenho me perguntado sobre ele desde que o conheci, agora que ele está de bom humor e temos tempo, quero saber mais.

Enquanto ele reúne seus pensamentos, eu aprecio a vista e abro minha janela para levantar meu rosto para a brisa fresca da tarde. Eu tinha permissão para ir aos jardins, mas há algo em estar enjaulado que tira sua beleza.

— Eu aceito contratos para várias organizações fantasmas. — diz ele, eu puxo minha atenção de volta para ele, engolindo em seco.

— Contratos? — A palavra é apenas um sussurro.

Ele acena com a cabeça, um movimento rápido de sua cabeça. Ele colocou óculos escuros para que eu não pudesse ler sua expressão por trás das lentes coloridas. — Sim, Tessa, como eu disse antes.

Sua admissão rouba minha respiração direta dos meus pulmões, mas eu gesticulo para ele continuar, não querendo fazê-lo se calar.

Ele entra em uma estrada, percebo que nem sei mais em que estado estamos. Eu estava tão fora de mim depois do armazém que não pensei em perguntar. O terreno me lembra do deserto da Califórnia, mas estamos no meio do nada. Poderíamos estar em Nevada ou Arizona, pelo que sei.

— Envolvi-me com uma multidão de pessoas más quando era mais jovem e ganhei certa reputação de ser um solucionador de problemas.

— Você deveria estar me contando isso?

— Eu posso te dizer o que diabos eu quiser. As pessoas para quem trabalho me pagam porque sou o melhor no que faço.

Eu lambo meus lábios antes de responder. — Isso não soa bem.

Ele dá de ombros enquanto entra na pista esquerda do tráfego. — Não é tão ruim. Eu tinha uma vida doméstica de merda e nada melhor para fazer. Eu tinha as habilidades que eles precisavam e eles me treinaram por um longo tempo para tornar essas habilidades ainda mais mortais.

Eu tento imaginar Gracin como uma máquina de matar afiada e fico pasma quando a imagem não é tão grande quanto eu penso. Afinal, ele conseguiu se encaixar na prisão como um bandido de forma tão convincente que enganou todos. Eu não tinha ideia de que este homem estava à espreita logo abaixo da superfície. Claro, eu tinha uma ideia de que ele estava escondendo alguma coisa, mas nunca em um milhão de anos eu teria adivinhado isso.

— Muito? — ele pergunta quando ele nota minha expressão.

Eu limpo minha garganta. — Não, não é nada disso. É só que estou percebendo que não conheço você tão bem quanto pensei que conhecia.

Ele levanta meu queixo com um dedo. — Você me conhece melhor do que qualquer um, ratinha.

Essa declaração diz muito mais do que ele provavelmente pretendia, odeio sentir pena dele. Eu mal o conheço, se o conheço melhor do que ninguém, significa que ele não tem quase ninguém em sua vida. Ele não precisa, quer ou merece minha pena, então eu apenas digo. — Eu não sabia de nada disso.

Ele dá de ombros. — É só história.

— Sim, mas eu sinto que você sabe tudo sobre mim.

Ele me lança um sorriso, que eu não retribuo. — Muito bem. Mas só se você responder uma das minhas em troca. Lembra?

Eu faço uma carranca, o que o faz rir. — Muito bem. O que você quer saber? Posso prometer que não será tão emocionante quanto um passado secreto.

Ele me nivela com um olhar. — Tudo em você me interessa, Tessa, mas vamos começar com algo fácil. Por que você decidiu ser enfermeira?

Eu solto uma respiração profunda e sorrio um pequeno sorriso. — Acho que não queria ser como meus pais. Ambos eram aproveitadores do salário mínimo sem opções. A enfermagem sempre pareceu um emprego estável e com uma boa renda. Algo respeitável.

— Por que a prisão?

Eu ri. — Bem, não há muitas oportunidades de emprego naquela parte de Michigan ou você não percebeu? No começo, era apenas para ser temporário até que eu pudesse pagar dinheiro suficiente para me mudar para a cidade ou para algum lugar mais quente. Então eu conheci Vic e bem, você sabe o resto.

— Como eram seus pais?

Com um gemido, eu digo. — É isso que você quer saber? Não é o que você chamaria de uma história feliz.

— As verdadeiras quase nunca são. Sim, é o que eu quero saber.

— Tudo bem, mas primeiro você tem que responder a uma das minhas perguntas. — Ele acena com a cabeça, eu digo. — Você mencionou que se meteu em muitos problemas quando era mais jovem. Por quê?

— Você já sabe por quê. Meu pai era um filho da puta bêbado e abusivo, minha mãe estava mais interessada em seu próximo resultado do que em criar um filho.

Minha mão se estende para tocá-lo por vontade própria, precisando tocá-lo, para acalmá-lo. Tendo crescido em uma casa assim mesmo, não preciso imaginar como era, eu já sei.

Posso não ter certeza sobre o que diabos estamos fazendo ou por que não posso ficar longe, mas ele não estava mentindo quando me contou sobre seus pais. Se eu duvidava então, não duvido agora. — Eu sinto muito.

Ele dá de ombros. — É o que é.

— Acho que mereço outra pergunta por que você escorregou em várias.

— É justo.

— O que aconteceu com seus pais? Eles ainda estão vivos? — Quase prendo a respiração. Fazer Gracin falar, se abrir assim, parece uma oportunidade frágil e não quero arruiná-la.

— Não, eles não estão.

Eu não deveria, mas eu pergunto de qualquer maneira. — O que aconteceu?

Ele olha para mim, tira os óculos e passa a mão no rosto. — Tem certeza que quer saber essas coisas?

Há uma pausa enquanto considero, mas é curta. — Sim. Depois do que aconteceu em Michigan, eu honestamente não poderia pensar pior de você, então não é como se você fosse estragar sua primeira impressão.

A princípio, acho que posso tê-lo insultado, mas depois ele sorri. — Acho que você está certa, mas lembre-se, você perguntou.

Sua mão esquerda está no topo do volante e ele descansa o cotovelo direito no console central entre nós. Enquanto ele fala, olho para seus braços, para suas tatuagens, agarro minhas próprias mãos entre as pernas para não tocá-lo ou puxá-lo para perto de mim.

— Meu pai gostava de ficar bêbado, como eu disse, ele gostava de cartas. Ele ficava bêbado e jogava fora qualquer dinheiro que tivesse com ele, às vezes mais. Quando ele ganhava, ele ganhava muito e as coisas eram ótimas por um tempo. Se ele não gastasse seus ganhos em mais bebida e apostas ruins, minha mãe roubava para financiar seu vício em metanfetamina. Quando ambos estavam secos, ela vendia seu corpo para conseguir o dinheiro para sua próxima dose.

Não percebo que estou prendendo a respiração até que manchas brancas dançam na frente dos meus olhos. Lentamente, para que Gracin não perceba, solto o ar e inspiro ar fresco.

— Quando fiz dez anos, meu pai quase a espancou até a morte, mas ela estava bem o suficiente para sair e ter uma overdose.

Essa admissão me choca em um silêncio atordoado quando me lembro do jeito que ele olhou para mim quando viu pela primeira vez os hematomas

em meus braços. Ele tinha visto sua mãe em mim? É por isso que ele me escolheu entre todos para ajudá-lo a escapar?

Eu limpo minha garganta. — E seu pai?

— Ele foi embora por um tempo e eu fui morar com minha avó, que não era muito melhor que os dois. — Ele olha para mim, seus olhos brilhantes e cheios de malícia agora. — Sua vez. Diga-me algo que ninguém sabe.

Este eu tenho que pensar, quando eu faço, eu começo a falar antes que eu possa pensar melhor sobre isso. — Vic me engravidou no ano passado. Ele não sabia por que eu estava com medo de contar a ele sobre isso. Ele não queria filhos ou pelo menos essa foi a impressão que tive, então estava esperando o momento certo para contar a ele. — Uma lágrima escorre pelo meu rosto e eu a enxugo. — Não tive oportunidade. Eu fiz alguma coisa... Não me lembro o que era, mas o irritou o suficiente para me bater. Eu não estava tão adiantada, mas o bebê não sobreviveu. Eu escondi isso dele porque ele não merecia saber. No que me dizia respeito, ele não merecia ser o pai daquela criança.

Quando olho para cima, descubro que o SUV não está mais se movendo, Gracin o puxou até o acostamento. Nós balançamos até parar.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto enquanto ele desafivela o cinto e joga o console central para cima.

Ele solta meu cinto de segurança e me puxa pelo console, então estou em seu colo.

— O que eu deveria ter feito há muito tempo. — diz ele e me envolve em seus braços. — Não foi sua culpa. Era minha e prometo que farei tudo o que puder para compensar você.

Ele me segura por um longo tempo. Até as lágrimas secarem e minhas emoções se estabilizarem.

— A única maneira de me compensar é garantir que eles paguem pelo que fizeram.

Seu olhar procura o meu, ele balança a cabeça. — Eles vão.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

O bar que paramos uma hora depois é como mil outros. Parece mais um barraco do que um verdadeiro local de trabalho, mas a dúzia de carros estacionados no estacionamento e a música tocando nas janelas abertas dizem que não vai fechar tão cedo. O álcool é uma daquelas coisas que nunca vão sair de moda. Sempre haverá alguém mergulhado na miséria e precisando de algo para afogar suas mágoas.

Antes de abrir a porta da caminhonete, Gracin coloca a mão no meu braço e diz. — Espere um segundo, devemos conversar antes de entrar.

Lanço-lhe um sorriso vacilante. — Acho que já conversamos o suficiente por enquanto.

Ele balança a cabeça. — Quero dizer sobre o que fazemos quando chegamos lá.

Oh. Isso faz sentido, então eu aceno e espero Gracin me informar sobre o plano.

— Se tivermos sorte, nenhum dos amigos de Danny nos reconhecerá.

— E se não estivermos?

Eu deveria estar aterrorizada com a perspectiva, mas não posso negar o zumbido de antecipação logo abaixo da minha pele. Não sei se estou animada com a ideia de vingança, emocionada por estar lá fora e fazendo algo sobre o que aconteceu comigo ou se estou apenas no alto da intensidade que está rolando de Gracin em ondas. Não importa. Estou louca para entrar lá.

Ele não responde minha pergunta, mas não precisa, a arma que ele enfia em um coldre embaixo da camisa diz o suficiente. Ele me entrega outra, eu escondo no meu cós.

— Apenas ouça o que eu digo para você fazer, nós ficaremos bem. — Eu aceno novamente, ele continua. — Eles não vão saber quem eu sou aqui, então eu vou entrar no jogo de cartas, você vai se sentar onde eu disser e

ficar quieta até eu falar com você, ok?

Eu faço um movimento de zíper sobre meus lábios. — Qualquer coisa que você diga.

Ele me considera por um segundo. — Por que você não pode ser assim o tempo todo?

— Que divertido seria isso? — Eu digo, em seguida, abro minha porta e pulo para fora.

— Estou começando a pensar que isso foi uma má ideia. — diz ele enquanto caminhamos para a porta da frente.

A placa sobre a varanda diz simplesmente, Ray e o interior é tão despretensioso quanto o exterior. Como a única luz no local vem da parede atrás do balcão e algumas luminárias de aparência antiga acima, que devem estar com um regulador de intensidade, o interior é tão escuro quanto o interior de uma caverna. O cheiro não é muito melhor. Sujeira, poeira, homem e suor assaltam meu nariz, fazendo-me ter que trabalhar duro para não enrugar em repulsa. Cascas de amendoim trituram sob os pés enquanto atravessamos a sala até o bar, onde dois homens solitários estão sentados tomando suas respectivas bebidas. A música toca baixa em uma jukebox antiquada escondida no canto.

Uma mulher em uma regata pequena com pele precisando desesperadamente de hidratante se aproxima de nós e joga um pano. — O que eu posso pegar? — ela pergunta em torno do cigarro preso entre os lábios.

— Cerveja, o que você tiver na torneira, para mim. — responde Gracin.

— O mesmo para mim. — eu digo, satisfeita por descobrir que minha voz está firme, apesar dos meus nervos.

Gracin desliza algumas notas de dólar amassadas pelo balcão enquanto ela bate dois copos gelados na nossa frente. Tomo um gole para manter minhas mãos ocupadas e me viro na cadeira giratória para estudar o resto do bar. Gracin fica de costas para um canto enquanto faz o mesmo.

Não há muitos clientes a esta hora do dia, aqueles que estão aqui

parecem estar apenas focados em beber o máximo de álcool possível. Não vejo ninguém que pareça estar envolvido com Danny, mas o que eu sei?

Gracin se inclina para frente e agarra minha cadeira. Ela range contra o piso de ladrilhos desgastado quando ele a puxa para si, tão perto que posso sentir o calor vindo dele.

Eu levanto minha sobrelanceira em questão, ele se inclina e diz. — Jogue junto. — no meu ouvido, fazendo-me estremecer, em seguida, seus lábios roçam contra a minha pele.

Seu braço vai para as costas da minha cadeira, ele apoia um pé no degrau embaixo. Tomo alguns goles profundos da minha cerveja antes de me inclinar contra ele e olhar para cima. Estou tão perto dele que posso ver que seus olhos têm manchas de ouro neles. Seus olhos encontram os meus, antes que eu possa reagir, ele se inclina para me beijar.

Desta vez, eu não luto com ele. Não sei se é a cerveja, mas só tomei alguns goles, a conversa ou a proximidade dele. A única coisa que sei é que não é um jogo. Cada toque e gosto são cem por cento reais.

Sua mão vem para o meu cabelo enquanto ele aprofunda o beijo e inclina minha cabeça para pegar tudo o que ele tem para me dar. Minhas mãos sobem para agarrar sua camisa, eu gemo contra sua boca.

— Eles acabaram de entrar. — diz ele contra meus lábios. — Não olhe e ria quando eu mandar.

Ele não me dá a chance de responder por que seus dedos apertam meu cabelo da mesma forma que fizeram naquela noite no meu corredor. Estou tão perdida na luxúria da memória que quase sinto falta dele até sussurrar. — Agora. — antes que ele se afaste.

Sentindo-me um pouco drogada, eu rio por cima da borda da minha cerveja e abaixo o rosto para esfriar o calor subindo dentro de mim. Aceno para o barman e aproveito a oportunidade para olhar ao redor.

Seria difícil não identificá-los imediatamente tão alto quanto eles estão sendo. Há três deles que passeiam pelo bar até as mesas de sinuca. Eles estão vestidos muito bem para serem clientes regulares, mas a forma como os olhos dos outros deslizam sobre eles como se eles nem estivessem

lá me faz pensar que eles já estiveram aqui antes e são um problema.

Gracin brinca com meu cabelo preguiçosamente enquanto observa secretamente os três arrumarem as bolas e arrumarem uma mesa. Se eu não estivesse tão sintonizada com ele como estou, nunca suspeitaria que ele não estivesse focado em mim. Lembro-me de ter recebido a mesma impressão hiperfocada dele quando percebi que ele não estava atrás de mim apenas para conseguir alguma bunda. É como se as engrenagens em seu cérebro estivessem girando em velocidade tripla.

Tomo outro gole de cerveja porque ele pode estar focado nos homens do outro lado do bar, mas eu não estou. Desde que eu tive outro gosto dele, meu corpo está clamando por mais, tudo que eu posso pensar é em conseguir outro. Ele nos colocou de modo que minha cadeira esteja posicionada no V de suas pernas. Uma de suas mãos repousa casualmente no bar, a outra está nas costas da minha cadeira, torcendo as pontas do meu cabelo.

— Eu amo isso. — diz ele enquanto passa os dedos por todo o comprimento.

— Você? — Eu pergunto secamente. — Eu não tinha notado.

— Hum. A primeira vez que te vi com ele amarrado eu queria tirá-lo e ver tudo ao seu redor. Eu não conseguia parar de pensar nisso.

— Por quê? — Minha voz soa rouca aos meus ouvidos.

Ele faz um barulho no fundo da garganta. — Não tenho certeza. Talvez porque você parecia tão tensa. Eu queria te soltar um pouco.

— Você tem um jeito engraçado de fazer isso.

— Funcionou, não é?

Eu considero meu estado atual de coisas. Meus membros estão soltos devido à minha segunda caneca de cerveja, meu cabelo está espalhado sobre meus ombros. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, estou fora de Michigan e livre, por assim dizer, do relacionamento que estava me matando lentamente.

— Eu não queria matá-lo. — digo e percebo que é verdade.

— Eu não acho que o mundo está pior depois de perdê-lo. — diz Gracin, sua mão pousando no meu pescoço debaixo do meu cabelo.

— É por isso que você diz que não sente muito pelo que aconteceu?

— Parcialmente — ele responde. Eu gostaria que ele olhasse para mim. — Mas principalmente porque eu não posso lamentar que você esteja viva. Eu nunca planejei ser pai. Eu não tenho certeza se seria um bom. — ele diz com tristeza. — Mas eu sei que não sei o que aconteceria comigo se você não tivesse feito isso naquele dia.

Minha garganta fecha, tomo outro gole de cerveja para limpar a emoção que pesa ali. Talvez os bêbados no balcão estejam em alguma coisa. Sinto-me melhor do que há muito, muito tempo. Ou talvez seja a sensação reconfortante das mãos de Gracin agora sussurrando nas minhas costas.

— Está na hora. — diz ele e fica de pé. Ele estende a mão para mim, eu a pego sem hesitar.

Os três homens estão terminando seu jogo de sinuca quando Gracin para ao lado deles. Eu não tenho que agir bêbada porque depois de duas cervejas com o estômago quase vazio e tendo uma baixa tolerância ao álcool, eu estou tonta.

— E aí? — um dos homens diz. Suas sobrancelhas estão franzidas e cautelosas enquanto ele cruza os braços sobre o peito, seu desconforto com a aparência dominante de Gracin aparente.

Gracin sacode o queixo. — Qual é o cacife para o jogo de hoje à noite? — Ele começa a cavar em seus bolsos.

Aquele que deve ser o pequeno líder diz. — Jogo privado, desculpe.

Os olhos do primeiro saltam da cabeça quando Gracin extrai um maço bastante grande de dinheiro de seu bolso.

— Você tem certeza? — ele pergunta com um sorriso atrevido para mim. — Minha senhora e eu queremos nos divertir esta noite. Ela nunca esteve em um jogo de pôquer antes.

Os dois caras olham para seu líder, que parece Danny o suficiente na cor de sua pele e estrutura óssea que me faz pensar que eles são parentes

distantes. Este tem cerca de trinta quilos a mais que Danny e um rosto mais redondo, mas os olhos são os mesmos. Eu nunca esqueceria aqueles olhos.

Gracin envolve um braço em volta do meu ombro e pressiona os lábios no meu cabelo para sussurrar. — Fique calma, ratinha. Não se preocupe, eu cuido disso.

Eu poderia terminar aqui. Pegar a arma de Gracin e coloque balas nos três. Matar o parente de Danny enviaria uma mensagem infernal, gosto de pensar que estou ficando muito boa em ser tão implacável quanto o homem ao meu lado. Mas enviar uma mensagem como essa pode fazer com que Danny e Sal se afastem ainda mais, então relaxo e mando um sorriso radiante.

Afastando-me de seu aperto, apoio minhas mãos na mesa de sinuca para acentuar meu decote e pisquei os olhos para eles.

— Então, o que vai ser, pessoal? Vamos nos divertir hoje à noite ou o quê?

CAPÍTULO VINTE E SETE

A tensão na sala é palpável, os três caras, que eu descobri que se chamam Desmond, Cody e Jasper, estão suando tanto que sua pele reflete na luz amarela da luminária no teto.

Cerca de uma hora atrás, a barman, eu ainda não consegui o nome dela, levou a nós cinco de volta para uma sala escura com uma pequena mesa de cartado e algumas cadeiras. A mesa de feltro está desgastada até a madeira prensada embaixo e nenhuma das cadeiras está bem no chão, mas os três homens não parecem se importar. Depois que Gracin mostrou seu dinheiro, eles só tiveram olhos para o bolso onde ele o escondeu.

Nas duas primeiras mãos, Gracin recostou-se na cadeira e escutou em silêncio os três falarem merda. Ele os deixou bater nele até que se sentissem confortáveis. Então essa atenção ficou muito mais focada.

É a décima mão deles, Gracin não foi gentil com suas carteiras. Eu posso dizer que Desmond - aquele que se parece com Danny - quer chamá-lo de alguma coisa, mas ele sabiamente morde a língua. O que é surpreendente, considerando o quanto eles beberam. Enquanto eles estavam bebendo Jack Daniel's e Coca, Gracin bebeu sua cerveja quente e os estudou. Uma pantera esperando para atacar, todos os músculos lisos e olhos escuros.

— Ligue. — diz Gracin e faz sua aposta. — Então vocês são daqui cavalheiros?

Quase bufo na minha terceira cerveja, que tenho bebido muito mais devagar do que as duas primeiras, mas consigo contê-la. Ele os embalou em uma falsa sensação de segurança e forneceu informações tão sutilmente que eu não acreditaria se não tivesse visto com meus próprios olhos.

Até agora, aprendemos que eles visitam a Califórnia e o México com frequência e que todos têm família na região. Eu queria tanto me animar quando eles revelassem aquele pequeno pedaço de informação, mas forcei uma expressão entediada no meu rosto e fingi que preferia estar em qualquer outro lugar do mundo. Não foi difícil porque eu preferia estar com

Danny vendo a vida sumir de seus olhos.

— Sim, eles são da região. — Desmond diz com um olhar de soslaio para mim. Ele é o único do grupo que não ficou completamente encantado com minha falsa cabeça de vento ou cortejado pelas pilhas de dinheiro que Gracin mantinha empilhando os ganhos no centro da mesa.

— Por que você está tão interessado? — ele pergunta a Gracin.

— Apenas fazendo conversa.

Quando os outros não estão olhando, ele me envia um olhar sob seus cílios, eu fico tensa e meu corpo ganhando vida. O que quer que ele esteja planejando vai acontecer em breve.

Desmond não parece apaziguado. Se alguma coisa, sua suspeita cresce. — Então eu sugiro que você se concentre mais em suas cartas e menos em bate-papo.

Ele coloca suas cartas viradas para cima na mesa. Os outros fazem o mesmo com Gracin no final. Os ases de Desmond vencem os reis de Gracin, que suspira.

— Desculpe, baby. — ele diz para mim. — Eu não queria estragar a nossa noite.

Desmond envia a seus amigos uma ordem sem palavras, eles surgem da mesa, suas mãos deslizando facas de onde estavam guardadas nos bolsos.

— Você acha que não sabíamos quem você era no segundo em que colocamos os olhos em você? — diz Desmond. — Você deve ser mais burro do que parece.

— Isso é uma possibilidade. — diz Gracin calmamente sem se preocupar em se levantar. Ele toma um gole de sua cerveja e casualmente coloca o copo de volta para baixo. — O que você acha que vai fazer com esses matadores de porcos⁷ ?

— Você vem conosco. — Desmond diz. — Tio Sal está procurando por você.

— Acho que não posso acompanhá-lo. — diz Gracin e começa a guardar suas coisas de volta nos bolsos. — Você pode dar a ele uma mensagem para mim, no entanto.

Desmond zomba. — Eu não estou dando merda a ele. Mantenha suas mãos onde eu possa vê-las. Sua senhora também. — Ele aponta o queixo para mim, os dois homens circulam a mesa e me prendem de cada lado.

— Você vai querer deixá-la em paz. — diz Gracin com calma forçada. — Coloque a mão nela e eu vou ter que colocar minhas mãos em você, só que não serei tão legal. Tudo o que eu queria eram algumas respostas.

— Eu tenho uma — Desmond diz — Foda-se.

Gracin suspira como se estivesse lidando com uma sala cheia de crianças em vez de dois homens adultos armados com facas. Ele tira a arma do coldre e aponta para o homem à minha direita, que empalidece consideravelmente.

— Afaste-se dela. — ele rosna.

— Não se atreva, porra. — Desmond rosna enquanto pega um telefone. — Atire em um de nós, mas você não será capaz de pegar todos nós, no segundo que você tentar qualquer coisa, um desses garotos vai ter uma faca na sua garota. Não me empurre.

— Você acha? — Gracin pergunta, eu não deveria estar surpresa por ele estar tão calmo.

— Você está muito certo que eu faço. — diz Desmond.

Eu puxo a arma que Gracin me deu e aponto para o homem à minha direita e então a faca que eu tinha no bolso vai para a garganta do homem à minha esquerda.

— Você realmente acha isso? — Eu digo e sorrio.

Enquanto Desmond está olhando para mim estupefato, Gracin avança com sua graça felina característica e bate a arma contra a cabeça de Desmond. Os dois de cada lado de mim estão muito atordoados para se mover por um segundo, então Gracin avança sobre Jasper, desta vez acertando o homem com o punho. Gracin obtém o mesmo resultado, o

homem cai no chão ao lado de seu amigo. O terceiro se move mais rápido do que Gracin espera e me tem em seus braços, sua faca corta minha camisa e a carne do meu braço.

Eu grito, Gracin grita, atordoando o terceiro cara o suficiente para que eu possa cair no chão e sair de seu alcance sem me machucar. No momento em que me afasto e volto a ficar de pé, Gracin já o segura em um estrangulamento. O homem resiste, tentando se libertar, mas é quase risível. Um momento depois, ele se junta a seus amigos na lalaland⁸.

— Foda-se. — diz Gracin enquanto ele pega o corte raso no meu braço. Começo a protestar quando ele tira a camisa para pressioná-la contra minha ferida, mas sou interrompida. — Porra, baby, me desculpe.

— Está bem. Estou bem.

— Eu não deveria ter deixado você vir. — diz ele.

— Gracin! — Eu digo bruscamente. Quando ele olha para mim, eu suavizo. — Estou bem. Vamos terminar o que viemos fazer aqui, ok?

— Mantenha pressão sobre a ferida, eu cuidarei desses caras e trarei o carro de volta. Não se mova para qualquer lugar. — Ele se vira e dá dois passos antes de pensar melhor e voltar para o meu lado. — Eu estou falando sério. Não saia deste lugar ou eu juro por Deus...

Assim que ele sai, eu caio contra a cadeira atrás de mim, sentindo-me tonta e bêbada. Os homens aos meus pés se contorcem, mas não despertam. Eu mantenho a arma na minha mão por precaução, mas ninguém acorda.

Gracin entra pela porta dos fundos e me ajuda a descer o pequeno corredor até a saída antes de me colocar no banco da frente de seu SUV e desaparecer de volta para dentro. Sim, posso andar perfeitamente bem sozinha, mas, novamente, mantenho minha boca fechada. Eu não tenho certeza do que ele faz com dois dos caras, mas quando ele volta, ele está arrastando Desmond atrás dele.

Uma vez que o sócio de Danny está amarrado e colocado na parte de trás do SUV, Gracin sai do estacionamento, eu seguro a maçaneta para não

cair em seu colo.

— Estamos bem. — eu digo. — Conseguimos o que queríamos.

Ele não está me ouvindo, é claro. Em vez disso, ele está com o celular pressionado contra o ouvido. — Chame o doutor Haversham. Eu não me importo se ele está de plantão para o maldito Papa, eu o quero em casa em uma hora ou ele vai ter notícias minhas pessoalmente. — Ele bate o telefone no porta-copos, eu tento não sorrir.

— Você percebe que eu sou uma enfermeira. — eu digo a ele. — Eu provavelmente posso cuidar disso sozinha. Realmente não é tão profundo assim. Apenas alguns pontos.

— Nós vamos ter o médico olhando para isso, fim da discussão. — diz ele, seu tom implacável.

— Tudo bem, mas eu quero saber sempre que você conseguir alguma informação do garoto da fraternidade aqui. — Eu empurro meu dedo sobre meu ombro para Desmond, que ainda está desmaiado.

Gracin grunhiu.

— Sério, Gracin. Estou bem.

— Vou acreditar nisso quando Haversham lhe der a permissão.

Suas duas mãos estão segurando o volante como para salvar sua vida, simpatia corta minha frustração por sua insistência em que eu consulte um médico. Eu pressiono a mão em seu braço como eu queria fazer quando estávamos dirigindo mais cedo.

— Gracin. — eu digo timidamente.

— Não... apenas não.

Suspiro e me sento no banco. Vai ser uma longa viagem de volta.

Assim que paramos em sua garagem, dois homens caminham para o SUV para lidar com Desmond e Gracin me empurra para o meu quarto onde Haversham já está esperando.

— Eu disse a ele que não era grande coisa. — digo ao doutor

Haversham.

O médico olha de Gracin para mim, eu sei que ele não estará do meu lado no assunto. — Vamos te limpar. Não deve ser mais do que alguns pontos.

Lanço um olhar para Gracin que diz: Eu avisei, ele faz uma careta.

O médico limpa o corte no meu bíceps, que tem apenas alguns centímetros de comprimento e não é muito profundo. Ele o entorpece com um anestésico local e começa a costurar com movimentos eficientes. Anseio por perguntar a Gracin o que ele fez com Desmond, mas presumo que o que tenho a dizer é melhor deixar até que o médico vá embora.

Quinze minutos depois, Gracin aperta a mão do médico. — Muito obrigado por vir em tão pouco tempo.

Dr. Haversham dá a Gracin um pequeno sorriso. — A qualquer hora, Sr. Kingsley. Espero não ver você por um tempo, no entanto. — Com isso, o médico fecha a porta atrás de si, deixando-me sozinha com Gracin.

— Você deveria descansar.

— Descanso? — Estou desapontada por ele não querer ficar. — E quanto a Desmond?

A expressão suave em seu rosto endurece. — Eu vou lidar com ele.

— E o que devo fazer agora?

— Descanse. — ele repete e me guia de volta para a cama. — Eu vou te buscar se eu conseguir alguma coisa com Desmond.

Faço o que ele diz só porque o ferimento em meu braço está latejando tanto que fica difícil me concentrar em outra coisa que não seja ficar imóvel.

Na manhã seguinte, quando acordo, é ao som da voz de Vic.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Imediatamente, eu me encolho nos travesseiros, sem perceber onde estou ou o que está acontecendo. Tudo o que sei é que o homem que abusou de mim está perto, tenho que fazer tudo o que posso para fugir. Eu tropeço para fora da cama e caio agachada, sem me importar com a dor no meu braço. Eu só tenho foco suficiente para o medo correndo através de mim.

Um suor frio pontilha minha testa, leva segundos agonizantes para eu perceber que Vic não está na sala comigo. Passo a mão no rosto e me esforço para ouvir o som novamente.

A sala e o corredor além da porta aberta estão escuros, exceto pelo brilho mais tênue da luz vindo do outro lado. Eu escuto o som novamente, e meu coração para de bater bem ali no meu peito.

— Sra. Victor Emerson! Que tal isso, senhoras e senhores? Ela não é linda? Diga-me que ela não é a mulher mais bonita do mundo. Eu sou um homem de sorte, eu lhe digo. — O fundo está distorcido, mas eu reconheceria a voz em qualquer lugar.

Confusa, ainda vibrando de pânico e desorientada pelo sono, tropeço no corredor e sigo o som da voz do meu marido morto. Eu me pergunto se talvez eu esteja tendo algum tipo de sonho induzido pela adrenalina de antes porque não consigo sentir nada, o mundo ao meu redor oscila.

A luz está vindo de debaixo da porta do outro lado do corredor da sala de monitores. A porta se abre facilmente, revelando um conjunto de escadas que descem para o que só posso supor que seja o porão. Desço por eles o mais silenciosamente que posso e congelo no fundo quando a voz volta.

— Venha aqui, querida. Vamos te mostrar!

Estou respirando rápido demais e o suor escorre pelo meu rosto. Sangue escorre da ferida no meu braço, mas eu não me importo. Viro a esquina e cambaleio até parar. O porão é essencialmente vazio, exceto por

uma pequena mesa com uma caixa colocada em cima. A caixa zumbi e estala, em seguida, a luz dispara e se derrama sobre uma figura amarrada a uma cadeira. Mas não é o homem amarrado de costas para a parede que chama minha atenção. É o vídeo projetado na parede de alvenaria branca atrás dele.

Vic, que está vestido com um elegante smoking, levanta a mão, a multidão ao redor dele aplaude. Atordoado, meus olhos viajam para a pessoa ao lado dele. Eu. Este é o vídeo de casamento meu e do Vic. Não consigo desviar os olhos da réplica de seu rosto. Enquanto nos observo nos movermos no meio da multidão na pequena recepção, me vejo tremendo, meus dentes batendo.

Eu tinha sido tão diferente então. Você pode ver isso no meu sorriso despreocupado e meus olhares de adoração para Vic enquanto ele me desfila pelo restaurante. Eu não sei quanto tempo eu assisto, em transe e incapaz de me afastar. Assisto até o vídeo terminar e a tela ficar preta, o que me tira do estupor.

Quando o projetor inicia o vídeo desde o início, balanço a cabeça para limpá-lo. A voz de Vic enche meus ouvidos novamente, tento bloqueá-la, concentrando-me em meus arredores. Dou alguns passos hesitantes em direção à figura sombreada. Ele está amarrado a uma cadeira na frente do projetor e tem um capuz de seda preta preso na cabeça. Quando estou perto o suficiente para alcançá-lo, estendo a mão e pego o material com as pontas dos dedos, parcialmente temendo encontrar o rosto de Vic por baixo. Eu não posso deixar de sentir que isso é algum tipo de presente fodido quando eu o tiro para revelar o homem por baixo.

Quando seu rosto aparece, o capuz preto cai no chão, dou vários passos rápidos para trás, minha boca aberta de horror. Não é Vic por baixo, mas é outro homem que protagoniza meus pesadelos frequentes. Andrew, o braço direito de Danny no armazém. Só que ele não se parece em nada com o homem da minha memória. Se ele tivesse enfiado o rosto no liquidificador, seria uma melhoria. A pele de uma metade pende em fitas ensanguentadas e emaranhadas e a outra metade está tão inchada que seus lábios racharam com o esforço. Se eu não tivesse passado as últimas semanas repetindo o que ele fez comigo no armazém, eu não o teria

reconhecido.

Eu recuo para chegar o mais longe que posso, bato em uma parede dura atrás de mim. Eu me viro, com as mãos para cima e pronta para me defender enquanto eu vomito. Quando vejo que é Gracin atrás de mim e não uma parede de verdade, apesar do que passamos juntos, o medo pelo quanto estou sofrendo desde que acordei com a voz de Vic se dissolve e eu relaxo.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto a ele, mas ele não responde. Ele apenas levanta o copo de uísque que está segurando e toma um gole. — Como ele chegou aqui?

— Gracin? — Eu luto contra os tremores que tentam me consumir. Mais uma vez, o copo sobe aos lábios, mas desta vez, ele o esvai e então se move para se servir mais. Eu escovo o cabelo do meu rosto e tento entender o que está acontecendo. Aparentemente, Desmond falou. Não quero pensar em como Gracin conseguiu que ele revelasse a localização de Andrew, mas ele deve ter prendido Andrew e o trazido aqui enquanto eu dormia.

— Que porra é essa? — Andrew diz, eu giro a tempo de vê-lo abrir os olhos. Ele aperta os olhos contra as luzes brilhantes, então seu rosto ilumina com clareza. — Merda — ele sussurra antes de lutar contra suas restrições. Sua voz está gorjeada por causa da batida severa e seus lábios inchados dificultam a fala. — Me deixar ir.

Eu me viro, esperando que Gracin responda, mas ele apenas mantém os olhos em mim, toma um longo gole do copo de uísque e se mexe apenas o suficiente para revelar a mesa ao lado dele. O homem na cadeira também deve notar porque começa a se debater com mais violência.

Estou de volta ao armazém. Meus braços queimam com dor fantasma e picadas de agulha cruéis inflamam em meu braço. Minhas pernas queimam e meu estômago dói.

Há facas, um maçarico como o que usaram em mim, marretas de borracha, chicotes, um taco de beisebol e até uma arma. Está tudo organizado em uma linha ordenada, esperando que alguém pegue seu veneno.

— O que é tudo isso? — Eu pergunto a Gracin, tentando manter minha pergunta calma.

Novamente, com o silêncio enquanto ele se senta na cadeira no canto da sala. Eu pego a faca, com a intenção de libertar o cara, apenas para que ele cale a boca até que eu possa descobrir que diabos é o jogo de Gracin.

— Por favor, deixe-me ir, por favor. Nós nunca tivemos a intenção de machucá-la. Devíamos apenas te incomodar um pouco até você falar. Apenas me solte e não direi nada ao Sal, prometo. Nem uma porra de palavra. Apenas me deixe ir.

Eu começo na direção de Andrew, então o vídeo do casamento para e reinicia novamente, o rosto de Vic pisca por cima da parede. Duvido que seja uma coincidência que a imagem de Vic se alinhe exatamente com o homem que me bateu até sangrar. A faca cai no chão e meu corpo fica frio. Memórias da noite em que eles me espancaram e fantasmas da minha vida com Vic inundam meus pensamentos com tanta violência que eu tenho que fechar os olhos para não chorar de choque pelo turbilhão de emoções.

— Merda, senhora. Você está louca? Por favor, me solte. Apenas chute a faca aqui antes que ele faça algo louco. Por favor.

Acima dos gritos de Andrew, ouço Vic dentro da minha cabeça.

— Eu não quero que você se associe com aquele preso novamente, você está me ouvindo? McNair e Summers não conseguiam parar de sorrir para mim quando me encontraram. Você me humilhou.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, coloco as mãos nos ouvidos para me proteger do barulho, mas isso não abafa o sussurro da voz de Vic dentro da minha cabeça. Se alguma coisa, isso faz com que seja alto o suficiente para eu querer arranhar meus ouvidos.

Eu dou um pensamento passageiro para Gracin, mas não duvido que ele tenha feito isso por um motivo, por mais fodido que esse motivo possa ser. Eu parei de tentar entendê-lo. Tudo que preciso fazer é tirar o cara da cadeira daqui, então eu posso ir embora. Afinal, não foi isso que Gracin prometeu? Assim que tudo terminar, posso ir embora.

Com isso em mente, eu pego a faca e me endireito, bloqueando o som

de Vic do projetor o melhor que posso. Uma rápida olhada mostra Gracin ainda descansando em sua espreguiçadeira, observando, esperando. Para que diabos? Eu nem sei, mas eu o ignoro também. Faca na mão, vou até o homem na cadeira e me ajoelho para soltar seus pés.

Estou indo bem, desfaço os dois pés, então dou uma olhada mais de perto no rosto dele. É quando tudo vai para o inferno. Eu congelo bem ao lado dele com a faca na minha mão. Lembro-me de seu rosto olhando para mim enquanto ele, Danny e os outros me brutalizavam.

Devo demorar muito para lidar com a onda de ódio e fúria, porque um segundo depois, ele grita. — Me desamarre, sua puta ou eu vou bater em você pra caralho, vou ter que lavar o que sobrou no ralo como eu fiz com a porra do seu bebê!

Eu perco a porra da minha mente.

Com um grito desumano, empurro a cadeira de madeira simples, ela cai. O cara emite um grito de cavalo e se choca contra o concreto enquanto tenta se endireitar antes que eu o alcance. Volto para a mesa, coloco a faca no chão, fora do alcance de Andrew, pego o taco de beisebol. Ele solta um ruído de asfixia que corta no meio quando eu uso o taco como um taco de golfe e o acerto o mais forte que posso no estômago. Eu me agacho enquanto ele bufa para recuperar o fôlego.

— Como você gosta disso, sua puta de merda? É bom? Talvez eu devesse mantê-lo aqui por alguns dias. Fazer você se mijar para ver como é, hmm? Talvez eu deixe você inconsciente e veja o que resta de você ir pelo ralo para variar.

Sem mente, a cabeça cheia de gritos de horror, sangue e morte, deixo cair o taco no chão ao lado da faca e me levanto. Meus olhos caem no martelo de borracha. Quando volto para o lado do homem, balanço minha mão para trás e começo a esmurrar sua parte superior do corpo, completamente inconsciente de seus gritos e súplicas. Vou para o lugar na minha cabeça onde eles me espancaram, onde essas memórias estão trancadas desde o dia em que Gracin me resgatou. Vou ao lugar onde Vic me brutalizou repetidamente até não conseguir diferenciar um do outro.

— Por que você me machucou assim, Vic? — Eu grito. — Por que você tirou nosso bebê de mim?

Quando ele não está mais gritando e estou sem fôlego, o martelo cai para o lado e eu caio de joelhos. Fico ali sentado por alguns segundos, entorpecida e emocionalmente destruída, minha cabeça baixa enquanto tento arrastar minha alma dispersa de volta à beira. Respiro fundo, com a intenção de me levantar, ir até Gracin e deixar o bastardo sem nome com o destino que merece. O homem ao meu lado dá um chute rápido ao meu lado, me derrubando. Minha cabeça bate no chão de concreto, enquanto estou desorientada, ele consegue pegar a faca e se libertar das amarras restantes.

Eu me esquivo quando ele a desliza pelo ar e perco sua borda sibilante por meros centímetros. Há um movimento de uma cadeira quando ouço Gracin se levantar, mas não tenho tempo para me preocupar com o que ele está fazendo. Meus dedos roçam o martelo, eu o pego, balançando-o na frente do meu rosto sem pensar em seu destino. Ele atinge carne e osso com um barulho ecoante, o homem cai no chão, silencioso e imóvel, desabo no chão em um monte de desolação.

Eu quero chorar, mas minhas entranhas estão vazias. Quero gritar, mas não tenho mais voz. Eu quero me enfurecer e me enfurecer contra o homem que orquestrou minha morte, mas não há raiva em seu nome. Há apenas uma sensação de paz. Um exorcismo de demônios. O projetor desliga, me deixando na escuridão, então os braços de Gracin estão ao meu redor, macios e duros, quentes e frios ao mesmo tempo. De alguma forma, ele é tudo que eu preciso, mesmo que seja contraditório.

— Você quer isto? — ele pergunta. Quando ele disse que lidaria com Desmond, eu nunca pensei que ele quis dizer que o usaria para começar a rastrear os homens que me machucaram. Pelo menos, não com isso em mente.

Um soluço explode dos meus lábios. — O quê? — Por que em nome de Deus eu iria querer isso?

— Diga-me. Você quer isto? — Ele afasta o cabelo do meu rosto e o coloca atrás das minhas orelhas. — É assim que minha vida é, Tessa. É

brutal. É sangrenta. Apenas como eu. Sou um monstro disfarçado, ratinha. É isso que você quer?

— Gracin, por favor, eu não posso.

Seus lábios tomam os meus em um beijo violento, eu me inclino para ele, precisando de sua firmeza para aliviar as partes quebradas de mim. Minhas mãos vão para seus ombros, gemo contra o impulso brutal de sua língua.

— Você pode. Agora me diga.

— Sim. — eu grito. — Sim, eu quero você. Eu te odeio, mas eu te amo. Não parei de pensar em você desde o dia em que nos conhecemos. Você está nos meus sonhos. Eu vejo você em todos os lugares quando você não está por perto. Apesar de tudo que você fez comigo, eu quero você, caramba. Isso faz você feliz? Por que você me fez fazer isso? Por que você o trouxe aqui? Você sabia que eu o machucaria?

— Eu trouxe você aqui porque você não pode estar com um homem como eu e esperar viver feliz para sempre. Não há uma parte da minha vida que não seja tão sombria e brutal quanto o que aconteceu nesta sala. Mas a verdade é que eu não obriguei você a fazer nada. A verdade é que você e eu não somos tão diferentes quanto você pensa. — Eu começo a protestar, mas ele me beija me calando. — Isso não é uma coisa ruim, não importa o que você pense. Aquele homem? Ele era um pedaço de merda. Mais baixo do que o pior homem que você já conheceu. Menor que Vic. Ele mereceu tudo o que teve.

— Eu só quero esquecer tudo isso. Quero terminar tudo com Sal e começar de novo, fingir que nada disso aconteceu. — Envolver meus braços com tanta força em torno de Gracin que meu bíceps grita de dor, mas não me importo. — Mas primeiro, acho que preciso dormir. Não estou fazendo julgamentos sobre nada, mas estou exausta. Podemos ir para a cama? — Faço uma pausa por um segundo. — Juntos? Só não quero dormir sozinha. Não essa noite.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Depois de uma breve conversa com um de seus guarda-costas instruindo-os a se livrar do corpo, Gracin me leva de volta ao meu quarto. Diz muito que cadáveres não me incomodam mais. Ele me leva direto para o chuveiro. Nenhum de nós fala. Não tenho certeza se consigo encontrar as palavras para articular o que aconteceu, então não tento.

Eu me inclino contra o balcão enquanto Gracin liga o chuveiro e se despe na minha frente. Ele se vira e me ajuda a tirar minhas roupas, mas não parece sexual. Parece que ele quase se importa comigo, em seu jeito distorcido. Não tento analisá-lo porque não adianta tentar entendê-lo.

Ele me ajuda a tomar banho e me puxa contra seu peito. Eu não luto contra isso. Não posso. Não tenho certeza se seria capaz, mesmo que tivesse presença de espírito ou energia. Enquanto eu relaxo contra seu peito, ele cuidadosamente lava meu cabelo e ensaboa meu corpo antes de cair de joelhos para inspecionar as cicatrizes nas minhas pernas. A carne enrugada não tem muita sensação, mas eu tremo de qualquer maneira quando ele pressiona seus lábios em cada uma.

— Ninguém nunca vai te machucar assim de novo. — Ele olha para cima de sua posição agachada com um sorriso diabólico. — Exceto talvez eu.

Eu tremo apesar do jato quente. — Você não vai me machucar. — eu digo.

— Não? — ele pergunta enquanto se levanta para lavar meu cabelo.

— Não.

— O que te faz dizer isso?

— Você poderia ter me machucado quando me encontrou em LA. — Eu bocejo e me aconchego mais perto dele enquanto suas mãos esfregam para cima e para baixo nas minhas costas. — Eu me perguntei por que você não veio atrás de mim quando me encontrou.

— Eu tinha coisas para cuidar antes de vir para você. Eu precisava de

uma casa e me estabelecer com meus patrões. Eu não pensei que eles iriam te encontrar tão rápido ou eu teria vindo e te pegado mais cedo.

— E o vídeo? — Eu pergunto sonolento. — Como você conseguiu isso?

Uma vez que estou limpa, ele desliga a água e me guia para uma toalha. Ele segue de perto e me envolve em uma para me secar. Enquanto me ajuda a me vestir, ele diz. — Quando voltei para sua casa e você não estava lá, peguei para ter algo seu. Algo que me lembrasse de você. Não havia muito, então eu tive que me contentar com isso. Eu não tinha certeza se viria atrás de você, mas também não podia deixar que fosse a última vez que a visse.

— E A-Andrew?

— Desmond e eu tivemos uma conversa. Ele me informou onde eu poderia encontrar Sal e Danny, assim como Andrew. — Ele levanta meu rosto para um beijo. — De jeito nenhum eu deixaria um homem fazer o que eles fizeram com você e deixá-los se safar.

— Mas por que o vídeo? Por que eu fiz isso?

— Agora você sabe que é capaz de revidar. — diz ele.

— Eu acho que você provou isso. — eu digo secamente.

Ele me beija de novo, então caímos na cama sem dizer mais nada e dormimos até pouco antes do amanhecer. Quando acordo, encontro-o já vestido, afastando o cabelo do meu rosto. Eu sei sem dizer uma palavra que tê-lo é inevitável. Com um pedido de desculpas murmurado, eu deslizo debaixo das cobertas e faço um trabalho rápido no banheiro e escovo os dentes. Volto para encontrá-lo de pé rondando o quarto.

Ele não voltou aqui desde que cheguei, ele olha para ele agora, examinando as coisas que acumulei com curiosidade descarada. Os livros que tirei da biblioteca, mas nunca li, flores do jardim e um conjunto de pesos que tirei da academia.

— Eu sempre me perguntei o que você estava fazendo aqui quando eu não estava em casa.

Eu o estudo enquanto ele pega uma flor seca e a gira pelo caule. —

Por quê?

Ele olha de volta para mim. — Você me fascina. Desde aquele primeiro dia, você esteve sob minha pele, eu não consigo me livrar de você.

— Você quer se livrar? — Eu pergunto.

— Não. — diz ele sem hesitação, movendo-se para ficar bem na minha frente, seus olhos verdes tempestuosos como uma manhã de verão de tão vibrantes.

— Tessa. — ele diz suavemente e então geme antes de pegar minha cabeça em suas mãos para dar um beijo selvagem em meus lábios.

Ele praticamente vibra ao meu redor enquanto meus dedos envolvem seus pulsos. Ele mal está contido enquanto sua boca trabalha a minha. Não há nada sedutor ou doce no momento. É uma tomada excessiva, um cerco, eu me rendo, permitindo que ele me deite na cama com um suspiro.

Não me importa que seja errado ou que ele seja um homem mau ou que ele seja todas as coisas das quais eu sei que deveria fugir. Tudo o que me importa é que ele me faz sentir mais viva do que já me senti em minha vida. Com ele, sinto que realmente vivo, que posso respirar.

Não sei quando o perdoei pelo que aconteceu comigo, pelo que ele me obrigou a fazer, mas eu perdoei. E agora a fome de tê-lo, de tomá-lo, voltou com uma maldade que me consome.

— Você confia em mim? — ele pergunta.

Eu aceno abaixo dele, silenciosa e expectante, ansiando por seu toque. Na minha resposta, seus olhos se fecharam. Cuidando do meu braço, ele me ajuda a tirar a camisa, seus olhos se deleitam na minha carne nua. Ele encontra meu olhar enquanto cai para apimentar minha pele com beijos suaves e lentos. Eu agarro seu cabelo com uma das minhas mãos e arqueio em seu toque.

— Você quer que eu pare? — ele diz contra a minha garganta. — Você quer partir?

Abro a boca, ele a enche com sua língua em vez de me permitir responder. Eu esqueço o que eu ia dizer e a chupo mais fundo.

Suas mãos encontram minhas calças, ele desata o botão e puxa o zíper para baixo. Dedos mergulham sob minha cintura e me provocam, puxando um grito de meus lábios e minha cabeça de volta para os travesseiros.

Privado da minha boca, ele vai ao meu ouvido e suga o ponto sensível ali. Não posso evitar minha resposta a ele mais do que posso impedir que o sol nascesse. Meu suspiro de prazer enche o comodo enquanto minha boceta pulsa com calor e meus seios ficam pesados e meus mamilos se apertam em pontos duros. Gracin rosna sua aprovação enquanto eu fico molhada entre minhas coxas. Ele permanece lá, seus dedos enlouquecedores e eficientes enquanto brincam em círculos ao redor do meu clitóris. Eu dou um pequeno gemido enquanto ele flerta ao redor da parte de mim que mais deseja ser preenchida.

— Não pare. — eu digo quando lembro como falar. — Por favor, Gracin. Por favor, fique.

Ao ouvir seu nome, ele retira a mão, eu grito em protesto e pulo em uma posição sentada. Quando percebo que ele está apenas se levantando para se despir, eu me acalmo e deito para ver o show.

Deus, ele tem um corpo incrível. É irreal. E por enquanto, é tudo meu. Enquanto ele desabotoa a camisa, eu bebo o suficiente, meus olhos se banquetando em cada centímetro de pele nua até que haja uma lacuna no centro do material. Ele para então para desamarrar as botas e chutá-las. Elas pousam em algum lugar debaixo da cama com baques fortes.

Recusando-me a ser uma observadora casual por mais tempo, eu fico de joelhos e corro em direção a ele, levantando minhas mãos e descansando-as em seus ombros. Ele para sob meu toque, como um leão permitindo que um humano o acaricie. Meus olhos grudados na ação, eu deslizo a camisa de seus ombros e desnudo seu peito para a minha visão.

— Eu não posso acreditar que você tem piercings. — eu digo incrédula. Incapaz de manter minhas mãos longe dele, eu as levanto para tocar os dois aros de metal, em seguida, repenso, abrindo-as em seu abdômen. — Eles ainda estão doendo?

— Eu os tinha antes. — ele responde bruscamente. — Eu os coloquei

de volta depois de Blackthorne e sim, eles ainda machucam. Levará mais alguns meses antes que eles se curem completamente.

— Oh. — eu digo, minha resposta ofegante.

— Se isso a intimida, você terá uma verdadeira surpresa em alguns minutos.

Eu não entendo o significado disso, já que ele não é perfurado em nenhum outro lugar...

Engulo em seco, minha imaginação correndo solta enquanto meus olhos caem para sua ereção crescente.

— Oh. — eu repito e sufoco minha antecipação e excitação.

Ele puxa minhas mãos para sua calça, que ele desabotoou em algum momento. Minha boca enche de água enquanto me movo até que minhas pernas estão penduradas para fora da cama e arrasto sua calça jeans sobre seus quadris e para baixo de suas coxas. Ele me ajuda a tirá-la do resto do caminho, então eu me concentro no comprimento grosso de seu pau sob a cueca boxer preta. Há uma mancha perto da ponta que é mais escura do que o resto, levo minha boca até ela, precisando prová-lo, mesmo que seja através de uma barreira de algodão. Enquanto traço a linha de seu pau, olho para cima para encontrar aqueles olhos famintos queimando com intensidade.

Ele não estava mentindo sobre a surpresa. Mesmo com uma camada de algodão nos separando, posso sentir o nó duro no topo de seu pau que deve ser outro piercing. Com o cheiro dele, quente e almiscarado, enchendo meu nariz, eu levanto minhas mãos para seus quadris e arrasto sua cueca para baixo, expondo-o aos meus olhos pela primeira vez.

A visão faz minha boca salivar, eu o pego com as duas mãos para explorar. Eu nunca vi um pau mais bonito em toda a minha vida. E não há outra maneira de descrevê-lo. Ele é perfeito, grosso e comprido, corado. A cabeça brilha com uma gota de pré-sêmen, logo atrás está o piercing. Está situado verticalmente e ligeiramente inclinado para frente. Há duas contas, uma maior na parte superior e outra ligeiramente menor na parte inferior. Eu imagino isso dentro de mim, eu tenho que apertar minhas coxas juntas

enquanto eu o trago aos meus lábios para provar.

Não esperando por isso, suas mãos voam para o meu cabelo. — Jesus Cristo. — é tudo que ele consegue dizer antes que minha língua lamba sua excitação.

Eu o tomo em minha boca e gemo quando seu sabor banha minha língua. Precisando de mais, querendo deixá-lo tão irracional quanto ele me levou todas essas semanas, eu o tomo o mais fundo que posso. A barra leva algum tempo para se acostumar, mas logo eu pego meu ritmo e me concentro mais em como ele reage a tudo do que na sensação da barra contra o céu da minha boca.

Suas mãos no meu cabelo me guiam até que se fecham e me forçam a parar. Eu o libero, ele me arrasta para ficar de pé para tomar minha boca com a dele. Seu pau imprensado entre nós, eu arqueio o mais alto que posso, mas ele é muito alto para mim. Estou ofegante no momento em que ele abre mão da minha boca.

— Deite-se. — diz ele, enviando arrepios por mim.

Eu faço o que ele diz, ele me ajuda a tirar meu jeans e calcinha enquanto eu abro meu sutiã e o jogo no chão. Seu olhar vagueia sobre mim, seus dentes correm sobre o lábio inferior até que ele diz. — Abra suas pernas. — em uma voz tão dominante, eu não posso deixar de obedecer.

Eu os prendo na beirada da cama, ele coloca as mãos nos meus joelhos enquanto ele fica na minha frente. Quando sinto sua respiração contra minhas dobras, jogo minha cabeça para trás em abandono. Suas mãos enormes agarram meus quadris e ele me puxa para mais perto da borda antes de me inclinar para encontrar sua boca.

Se eu achava que ele era bom em beijar, ele é infinitamente mais talentoso em lambar bocetas. Acho que chamo, acho que gemo, nem sei por que experimento tudo através de uma névoa branca de sensação.

Oh meu Deus.

Não sei se sou uma má pessoa por gostar disso. Eu certamente não posso ser uma boa pessoa. A moralidade, o certo e o errado parecem muito menos importantes quando ele me atormenta com longos golpes de sua

língua.

O quarto se enche com os sons molhados e desleixados da foda completa da língua que ele me dá, eu só quero mais, anseio mais, preciso de mais. Sua boca volta ao meu clitóris, balanço meus quadris contra cada movimento de sua língua. Estou sem vergonha, sem pudor e sem restrições. Eu não percebi o quanto eu precisava disso até o orgasmo pairar logo abaixo da superfície. Enquanto gritos lamentosos escapam da minha garganta, ele aumenta a intensidade até que eu tenha certeza de que vou desmaiar de sua potência ou sucumbir a ela.

Chego a um pico de febre e então ele desliza dois dedos dentro da fonte da minha umidade, isso redefine completamente o que significa sentir prazer. Ele envolve uma mão em volta da minha coxa para alcançar o fundo da minha boceta. Sem parar, ele a separa e aperta os lábios sobre meu clitóris enquanto empurra os dedos para dentro e para fora. A combinação de sua boca e seu toque, e a promessa de seu pau provam ser demais, eu o agarro com um grito silencioso.

Seu ataque suaviza quando ele me permite descer dos tremores secundários. Você pensaria que um orgasmo violento permitiria uma pausa, mas isso só aguça meu apetite, quando ele fica de pé, eu me agacho na cama enquanto ele se agacha sobre mim de quatro.

— Você não sabe há quanto tempo eu queria fazer isso. — diz ele. Sua boca pega a minha com força, eu gosto de mim em seus lábios, o que faz girar a memória da primeira vez que estivemos juntos.

— Dentro de mim. — eu digo quando posso recuperar o fôlego. — Eu preciso de você dentro de mim.

— Isso não foi suficiente para você? — ele pergunta.

— De jeito nenhum. — eu digo.

— Ambiciosa. — Ele inclina seu peso para trás em seus joelhos entre as minhas pernas e olha para mim. — Deixe-me olhar para você. — diz ele. — Não quero me apressar desta vez.

Minha cabeça bate contra o travesseiro. — Mais tarde. — eu digo, mas ele balança a cabeça.

— Não se preocupe, eu lhe darei o que você precisa.

Eu sinto o metal ligeiramente mais frio da barra primeiro e depois o peso longo e pesado de seu pau enquanto ele o empurra ao longo da minha boceta molhada. Meus olhos reviram na parte de trás da minha cabeça, desisto de tentar implorar a ele. Ele quer me torturar. Não tenho força de vontade dentro de mim para resistir. Ele me pune com prazer, que é semelhante a dor.

Tudo o que posso focar é o frio deslizar da ponta enquanto ela junta a umidade do meu centro e desliza sobre o botão ultrassensível do meu clitóris. Meus quadris estremecem cada vez que atinge o ápice de sua jornada, minhas mãos torcem os lençóis em tiras. Ele agarra minhas coxas sob meus joelhos e as espalha, levantando meus quadris para atingir o ângulo certo para me atormentar. Seu pau continua a deslizar contra mim, provocando nós dois quando ele pressiona contra a minha abertura por alguns segundos.

Estou frenética por ele. Meu cérebro é incapaz de pensamento racional. Eu sou impotente para mudar o ângulo, para inclinar meus quadris para levá-lo para dentro de mim porque seu aperto é resoluto. Isso, como a maioria das coisas é nos termos dele, no ritmo dele, mas é tão bom que não posso reclamar além de implorar por mais, mais, mais.

Então ele solta minhas pernas e me cobre. Ambos os nossos olhares se concentram no que está acontecendo entre nós enquanto seu pau se arrasta sobre mim uma última vez. A cabeça dele pressiona contra a minha entrada, ele geme quando eu me contraio ao redor da ponta imponente. A ponta da barra pega, ele cai sobre seus antebraços, seu corpo tremendo de tensão.

— O que é isso? — Eu pergunto sem fôlego.

— Preservativo. — diz ele com os dentes cerrados. — Mas não sei se posso me mover agora.

Ele acentua sua declaração com uma flexão de seus quadris enquanto ele puxa um pouco para trás antes de empurrar para frente até que meu corpo o aceite logo após o ponto de seu piercing. Eu desnudo minha

garganta para ele em um gemido silencioso. Posso sentir o metal dentro de mim, anseio que ele se mova tanto que roube as palavras diretamente de mim.

Passou um longo tempo antes que eu pudesse recuperar o fôlego o suficiente para dizer. — Estou tomando pílula. Doutor me deu depois que eu... depois de tudo.

— Graças a Deus. — diz ele e deixa cair a cabeça no meu ombro. — Estou limpo. Como você sabe. — acrescenta ele com uma risada.

— Bom, porque eu não acho que poderia deixar você ir agora.

Ele volta a ficar de joelhos e traz minhas pernas até seus ombros. Abro a boca para pedir-lhe que volte para baixo, em seguida, ele flexiona os quadris e a ponta de seu piercing arrasta ao longo de um ponto dentro de mim que me faz ver estrelas. Agarro suas mãos nas minhas pernas, procurando algo para me segurar, porque tenho medo de cair em queda livre quando cair no precipício. Ele aperta minhas mãos com as dele onde ele segura minhas pernas e então tudo que eu posso fazer é segurar minha preciosa vida.

Seus golpes começam lentos e medidos, a julgar pelo olhar em seu rosto, se ele se movesse mais rápido, isso não duraria muito para nenhum de nós. Eu honestamente não dou a mínima de qualquer maneira, porque cada um me ilumina e me faz cair em um mini orgasmo tão intenso que eu não sei onde um termina e o outro começa. Quando ele se inclina para me beijar, eu agarro seus ombros, deixando todas as emoções que estive segurando por meses rolares através de mim. Elas são perseguidas por uma explosão de prazer que me aperta como um vício em torno de seu pau, em torno de seu corpo.

Eu acordo de um estupor quando ele me vira como uma boneca de pano e me posiciona, de bunda na frente dele. Eu só tenho tempo para agarrar os lençóis antes que ele bata em mim, me fazendo voltar a outro orgasmo... e depois outro antes que ele finalmente exploda dentro de mim.

Ele me desperta várias vezes durante a noite com uma palavra, “Novamente” abro meus braços, minhas pernas e meu coração para ele

porque o que temos é perigoso e volátil, mas também é inevitável.

CAPÍTULO TRINTA

A cama está vazia. Há apenas um bilhete na mesa de cabeceira que diz. “Volto mais tarde. – G”. Então um rabisco adicionado às pressas, como se ele soubesse o que eu estaria pensando e quisesse me impedir. “Não venha atrás de mim”.

Eu vi o que ele pode fazer, mas isso não significa que ele pode cuidar de tudo sozinho. Especialmente não depois do que aconteceu ontem à noite. O filho da puta deveria saber melhor.

Parte do sangue a ser derramado é meu pelo que eles roubaram de mim, então me enfurece que ele vá embora sem mim, sabendo como me sinto sobre todo o assunto. Não que ele dê à mínima.

Eu tiro os lençóis e me visto rápida e silenciosamente. A arma que Gracin me deu para nosso passeio no bar ainda está na gaveta do criado-mudo onde a deixei. Eu a pego e a coloco no cós do meu jeans. Os resquícios da noite que passamos juntos doem, mas eu os ignoro enquanto espio pela porta do quarto. Agora que sei o caminho para a sala de controle, pretendo passar por ela e pegar um dos molhos de chaves que vi pendurados na parede. Não há nenhuma maneira no inferno que ele vai fazer isso sem mim. Se eu tiver que amarrar todo mundo nesta casa, vou encontrá-lo.

Por sorte, Marie aparece antes que eu possa descer as escadas.

— Onde você pensa que está indo? — ela pergunta.

Penso em mentir para ela, mas juro que a mulher pode ler mentes. — Eu vou encontrar Gracin. — eu digo com naturalidade. — Eu não me importo se você tem noventa anos, se você tentar me parar, eu vou bater em sua bunda.

Ela gagueja e cruza os braços sobre o peito. — É o seu funeral. — diz ela.

Quando estou razoavelmente certa de que ela não me seguirá, aumento minha velocidade enquanto tento refazer meus passos até a sala de controle que Gracin me mostrou. Se eu conseguir chegar a um dos

veículos e fugir da casa dele, descobrirei uma maneira de rastreá-lo. Deve haver algum tipo de GPS, se não estiver ligado ao celular, certamente no próprio carro. Não que eu tenha alguma ideia terrena de como fazer algo assim, mas não estou desamparada. Eu posso descobrir.

Quando chego à sala de segurança, os mesmos dois guarda-costas que estavam lá no dia anterior olham para mim simultaneamente.

— Onde ele está mantendo Desmond? — Eu pergunto sem preâmbulos. — E não brinque comigo agora.

Eles compartilham um olhar. — Sr. Kingsley nos informou...

— Eu não dou a mínima para o que o Sr. Kingsley disse. Ou você me diz para onde ele foi ou eu vou encontrar uma maneira de chegar até ele. — Eu puxo a arma da minha cintura e a aponto para o cara da esquerda. — Agora, qualquer um de vocês começa a falar ou eu começo a atirar nas coisas.

Dez minutos depois, puxo a caminhonete para fora da vaga. Deveria haver algum remorso por ameaçá-los, mas não há. Eu digito o endereço que os guardas forneceram e considero as palavras de Gracin da noite anterior. Eu não sou impotente. Posso cuidar de mim mesma. Matei um homem, feri outros e fugi da polícia. Tenho certeza que, de acordo com o governo dos Estados Unidos, sou uma criminosa e uma fugitiva. Não melhor do que eu considerava Gracin quando nos conhecemos. Então isso me faz pensar se eu já fui a pessoa boa nessa história. Talvez eu não seja. Talvez eu seja a maldita vilã.

Sal, ao que parece, não está longe. Ele mantém uma casa na fronteira Califórnia-México para quando lida com seus contatos mexicanos e o cartel de remessas de drogas. De acordo com Gracin, eles não tinham negócios há muito tempo, então é por isso que ele levou muito tempo para localizá-lo. Eu não me importo, desde que eu o faça pagar pelo que ele tirou de mim.

A casa, que leva apenas cerca de quarenta e cinco minutos para chegar, é uma monstruosidade contemporânea. O tipo de lugar que grita riqueza e privilégio. Bem, seria, se o gramado da frente não parecesse um massacre de gangues. Há cadáveres por toda parte. A guarita que bloqueia a

entrada está soltando fumaça e o portão da frente foi derrubado.

Pode me chamar de louca, mas a visão faz meu coração disparar, minhas partes femininas se iluminam como o 4 de julho. Ser a pessoa do outro lado da raiva homicida de Gracin pode ser assustador, mas ser a razão pela qual ele está buscando vingança faz com que minhas entranhas derretam um pouco. Eu paro na entrada, tomando cuidado para não atropelar nenhum dos corpos antes de parar ao lado do SUV de Gracin.

Com minha arma segura entre minhas mãos, eu me agacho e inspeciono a frente da casa em busca de movimento. Não encontrando nenhum, me esgueiro pelos carros em direção à porta da frente. Não ouço nada lá dentro, por um momento, acho que cheguei tarde demais, mas então começa a gritaria.

Ouçó a voz de Gracin e uma que soa como a de Sal. A fúria queima em minha barriga e cancela qualquer medo que eu possa ter tido. A porta da frente está aberta, eu espio, permitindo que meus olhos se ajustem ao interior escuro.

Uma arma na minha têmpora me impede de dar um único passo para dentro.

— Que porra você está fazendo aqui? — Gracin diz enquanto seu corpo vem atrás de mim.

— Que diabos você acha? — Eu assobio de volta, completamente ciente da arma que ele está pressionando no meu rim. — Você pode largar a arma, você sabe.

— Eu não disse para você ficar na casa?

— Desde quando eu te escuto? — Eu retorno calorosamente. — Você sabia que eu não queria ficar para trás de novo!

A arma cai, ele me força a virar uma esquina em uma alcova no corredor principal. — Achei que depois de ontem à noite você entenderia por que não posso tê-la aqui.

— Eu não dou a mínima para o que você quer, Gracin. — eu digo. — Você realmente achou que o sexo mudaria isso?

Há um som de briga no corredor, nós dois nos viramos ao mesmo tempo.

— Falaremos sobre isso mais tarde. — diz ele contra o meu cabelo. — Você está com sua arma? — Eu a seguro e dou um olhar mordaz, o que o faz rir. Acho que eu não tinha escondido, afinal. — Boa menina.

Apesar da minha irritação, eu sorrio de volta para ele.

— Fique atrás de mim. — ele diz — E pelo amor de Deus, não faça nada estúpido. Eu não trabalhei esse tempo todo para mantê-la segura apenas para você se matar.

Estamos contornando a esquina e voltando para o corredor vazio quando a voz de Sal chama. — Pode muito bem acabar com isso agora, King. Não é como arrastá-lo para fora.

Gracin para na minha frente antes de retomar nossa caminhada pelo corredor. Quando ele não responde, Sal continua. — Tudo bem, faça do seu jeito. Eu ia negociar com você, mas se você não for razoável, teremos que resolver as coisas de outra maneira.

Duvido muito que o que Sal tem em mente para nós tenha alguma coisa a ver com negociações. Se ele tivesse a coragem de torturar uma mulher só para chegar a Gracin para que pudesse retaliar por seu filho, não haveria nada que o impedisse de nos matar no momento em que colocasse os olhos em nós. Nossa única chance é pegá-lo primeiro. Então ninguém estará atrás de Gracin, eu posso finalmente seguir em frente com tudo. De Vic, do que fizeram comigo. Eu não sei se isso significa seguir em frente com Gracin ou sem ele, mas acho que é algo que nós dois teremos que descobrir quando nossas vidas também não estiverem em jogo.

Viramos uma esquina que leva a uma área de estar aberta. Sal espera lá com dois outros homens — os mesmos dois sem nome que estavam lá naquela noite com Danny. O próprio diabo também está lá, com base na expressão viciosa em seu rosto, estou surpresa que ele não rosna no momento em que coloca os olhos em nós.

Meu dedo se contorce na lateral do gatilho, mas me forço a manter a calma quando encontro o olhar assassino de Danny.

— Sal. — diz Gracin enquanto desce. Seu passo casual e relaxado desmente a concentração que ele concentra em Sal.

— King. Lamento que tenhamos que nos encontrar novamente em tais circunstâncias.

— Não, você não sente. — diz Gracin.

Sal dá de ombros e sorri debochadamente então volta sua atenção para mim. — E esta senhora adorável. Encontramo-nos novamente. Eu tenho que te dizer, King. Essa é especial. Não é todo dia que alguém sobrevive a Danny e vive para contar sobre isso.

— O que você quer, Sal? — Gracin pergunta, seu tom deixa evidente que ele não tem paciência para as prevaricações de Sal.

— Eu quero você morto. — diz ele sem rodeios. Ele se vira e encontra meus olhos. — E estou disposto a oferecer a sua linda namorada a liberdade de recomeçar se ela fizer a coisa por mim.

Eu não deixo minha expressão trair nada. — Essa é uma boa oferta. — eu começo — Mas não cobre o que eu quero de você.

Sal levanta uma sobrancelha e seus lábios se contraem. — O que exatamente é isso?

Danny congela, eu me viro para ele com um sorriso malicioso no rosto. — Ele. — eu digo com um aceno de cabeça em sua direção. — Morto.

Sal pensa por um momento e Danny, que não perde a pausa, ganha vida com um rugido. Gracin pula na minha frente, a próxima coisa que eu sei, o som de um tiro enche a sala.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Observo Gracin se sacudir com a força da bala e depois cair no chão, sem vida.

Tudo para.

Minha respiração.

Meu batimento cardíaco.

Meu mundo...

Tudo.

Por favor, não esteja morto. Por favor, não esteja morto. Apenas espere por mais alguns minutos.

— Seu filho da puta. — eu resmungo com os dentes cerrados enquanto minha arma aponta para Danny. A única célula cerebral entre suas orelhas deve lhe dizer para ficar com medo porque seu rosto fica sem cor.

— Você é uma mal-humorada, não é, *cara mia*? — Sal cantarola.

Não posso dizer do meu ponto de vista se o sangue que sai do corpo de Gracin é de um tiro fatal ou apenas um ferimento superficial, mas não ousa tirar os olhos de Danny por medo de ser o próximo.

— O que você quer?

Sal atravessa a sala enquanto Danny e seus amigos mantêm suas armas apontadas para mim. — O que eu quero? — ele diz enquanto pega uma garrafa de uísque e se serve de uma dose saudável. — Eu tenho o que eu quero. O King está morto ou estará em breve. Ele morreu sabendo que sua mulher estava em minhas mãos, seu destino a ser determinado por mim. Ele morreu sabendo como me senti quando assassinou meu filho. As crianças são tudo para mim, para a minha família. Os empregadores de King sabiam disso. Ele deveria estar fora dos limites. — Cospe merda de sua boca. — King deveria saber melhor.

— Se ele não sabia então, ele sabe agora, seu idiota. — eu grito.

— Poupe-me da teatralidade. — diz Sal com um aceno de mão.

Danny dá um passo mais perto. — Eu vou cuidar dela para você, chefe.

— Não se atreva, porra. — eu digo a ele, cuspe voando. A expressão agitada de Danny é muito animada. Muito nervoso logo abaixo da superfície. — Espere. Você não contou a ele, não é?

Sal toma outra bebida e coloca o copo no bar. — Dizer-me o quê?

— Ela é louca, chefe. — Danny interrompe. — Delirante. Ela teria que ser uma prostituta para King. Quem pode dormir com um psicopata assim sem medicação?

Sal o interrompe com a mão levantada. Para mim, ele diz. — Dizer-me o quê?

Eu levanto meu queixo. — Eu estava grávida de oito semanas do bebê de King quando seus caras me pegaram. — Olho para Danny com toda a aversão e ódio que posso reunir. — Eu não estava mais grávida quando eles terminaram comigo.

Minhas palavras caem como pedras no fundo de um lago, as ondas mudando e afetando tudo em seu rastro. A cabeça de Danny cai, ele se vira para Sal com as mãos erguidas em defesa.

— Eu não sabia. — diz ele miseravelmente.

A raiva de Sal se espalha em seu rosto, tornando-o vermelho. — Seu idiota do caralho. — diz ele. — Se você não fosse da família, eu mesmo colocaria uma bala na sua cabeça. Nós não matamos crianças.

— Deixe-me poupar-lhe o trabalho. — Gracin rosna do chão, fazendo todos os olhos na sala virarem para ele assim que um segundo tiro troveja pelo ar ao nosso redor.

Um círculo vermelho floresce bem sobre o olho esquerdo de Danny, suas pernas dobram sob seu peso morto e ele cai no chão, aterrissando com um *baque*. Os próximos dois tiros derrubam os bandidos de cada lado de Danny antes mesmo de eu processar o primeiro.

Sal grita de fúria e como eu fiz todos aqueles meses atrás, reajo

instintivamente para proteger o único homem sem o qual não consigo viver. A arma dispara com a menor pressão no gatilho, Sal voa para trás e cai com um estrondo no sofá.

Depois de alguns segundos de silêncio atordoado enquanto nós dois processamos o que diabos acabou de acontecer, Gracin olha para mim. — Me machuquei de novo.

Surpreendo nós dois voo para ele socando-o na mandíbula. — Que porra você estava pensando, seu idiota psicótico e suicida? Você achou que estava sendo heroico pulando na frente de uma bala? Você achou que eu ficaria grata vendo você morrer bem na frente dos meus olhos?

Ele cai de volta no chão e cobre o rosto com o braço ileso. — Se você vai gritar, você pode fazer isso um pouco mais silenciosamente? Minha cabeça está latejando como um filho da puta. Acho que mergulhei de nariz no azulejo.

— É melhor você estar feliz por estar ferido. Se não fosse, eu arrancaria suas bolas com minhas próprias mãos.

— Acho que tenho sido uma má influência para você. — diz ele, sorrindo, embora esteja quase branco como um fantasma sob o bronzeado. — Você é muito mais violenta agora do que quando nos conhecemos.

— Eu quero saber por quê?

Antes de fazermos qualquer outra coisa, inspeciono a ferida em seu ombro. Agradecida por não ser uma ameaça à vida, eu rasgo uma tira da minha camisa e a enrolo em torno de seu braço, tendo prazer em seus grunhidos de dor enquanto eu faço.

— Você não deveria ter feito isso. — eu digo quando termino e a explosão de medo e raiva passa. — Achei que você ia morrer.

— Houve um tempo em que você ficaria feliz com isso.

Deixo o comentário passar porque a dormência da adrenalina que estive me empurrando o dia todo se transforma em choque. Cheguei muito, muito perto de perdê-lo.

Ele levanta meu queixo. — Ei. Você não fez. Estou aqui. Eu não estou

indo a lugar nenhum.

Ignorando os corpos no chão ao nosso redor, eu me agacho para ajudar a levantá-lo para uma posição sentada. Quando ele é capaz, eu levanto seu peso e o ajudo até a porta.

Em vez de entrar naquela toca de coelho de uma conversa, mudo de assunto. — O que vamos fazer com essa bagunça? — Haverá mais chefes da máfia e capangas atrás de nós pela manhã?

Gracin solta um suspiro enquanto mancamos de volta para os veículos. Eu não preciso segurá-lo. Ele machucou o braço, não as pernas, mas não consigo me obrigar a soltá-lo. Eu preciso segurá-lo para me impedir de tremer.

— Eles provavelmente nunca vão parar. Eu não faço exatamente amigos na minha linha de trabalho.

— Bom saber. Vamos pegar meu carro ou o seu? — Eu pergunto quando os alcançamos.

Ele olha para mim com uma expressão que é uma mistura de exasperação e confusão. — Isso é tudo que você tem a dizer sobre isso?

— Nós vamos lidar com isso amanhã. — eu digo simplesmente. — Agora, qual carro?

Ele balança a cabeça. — Eu não me importo. Vou pedir para alguns dos meus caras pegarem o outro quando voltarem para a limpeza.

— Você tem caras que fazem, não importa. — eu digo, acenando com os braços. — Eu não quero saber.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

A casa parece diferente quando paramos. Não que eu esteja surpresa. Eu nunca dirigi até a casa de Gracin de bom grado, quando ele me trouxe aqui, era no meio da noite, eu estava inconsciente.

Eu me ofereci para dirigir porque ele está ferido, mas ele não estava ouvindo nada. O sangue ainda escorre das bandagens, suspiro quando ele sai do carro com um grunhido.

Ele não se opõe quando eu o conduzo ao banheiro no primeiro andar, que é onde eu comecei a ter suprimentos médicos estocados exatamente por esse motivo.

— Sente-se. — digo a ele, que se acomoda na tampa fechada do vaso sanitário.

— Acostumando-se a um hábito. — diz ele e olha para mim, seus olhos parcialmente fechados com dor e um toque de humor. Ele disse algo parecido quando eu tive que fazer curativos em seus ferimentos enquanto ele estava em Blackthorne.

A ternura floresce dentro de mim como uma flor solitária criando raízes na superfície rachada do concreto negligenciado. Para cobri-la, abaixo meu rosto para ajudá-lo a tirar a camisa, tomando o cuidado de manobrá-la ao redor de seu ombro. A ferida não parece ruim. Ele deveria se considerar sortudo por não ter causado mais danos.

Depois de reunir meus suprimentos, passo minhas mãos pelo cabelo dele só porque preciso tocá-lo para minha própria segurança e ele se inclina na palma da minha mão.

— Alguém tem que cuidar de você. — eu digo finalmente.

— Você está se oferecendo? — ele pergunta.

Não respondo por que não sei. Fico quieta enquanto termino de aplicar o novo curativo, o silêncio fica tão avassalador que tenho medo de quebrá-lo.

Ele deve ver isso no meu rosto porque abre a boca para falar e depois fecha quando decide melhor. Sua mandíbula aperta com indecisão e ele se sacode.

— Venha até mim quando você descobrir. — diz ele, em seguida, faz uma pausa para beijar minha testa, o gesto mais carinhoso que ele já expressou e isso quase me parte em duas.

Suponho que seja um progresso para que ele não me tranque dentro do meu quarto, então quase rio. Por um momento, eu tenho que lutar contra um sorriso. Como é que uma gaiola com Gracin é atraente? Talvez porque dentro dessas paredes, eu encontrei a liberdade, mesmo que nas mãos do meu captor.

Eu limpo a bagunça e guardo os suprimentos enquanto minha mente trabalha com minhas opções.

Gracin não é um bom homem. Ele seria o primeiro a me dizer. Ele é implacável, sanguinário e sem lei. Ele não vive pelas regras de ninguém além das suas próprias, não se desculpa por isso.

Posso imaginar minha vida sem ele. É linda. Eu conseguiria uma nova identidade, uma que não tivesse um mandado de prisão, eventualmente me estabeleceria com um homem, conseguiria uma casa, um cachorro e teria alguns filhos. Era a vida que eu queria quando conheci Vic. A vida que eu pensei que teríamos juntos.

Agora... Agora não consigo imaginar uma vida sem Gracin. Os baixos são baixos, mas os altos, a adrenalina que ele me dá cada vez que o vejo? Não há comparação.

Eu giro para encontrá-lo e quase corro direto para ele. — Eu pensei que você estava me dando espaço. — eu digo, atordoada.

Suas mãos estão em punhos ao lado do corpo, seu peito está manchado de sangue e seu rosto já está escurecendo com hematomas. — Mudei de ideia. — diz.

Meus dentes mordem a carne macia da minha bochecha. — Você fez?

Ele dá um passo medido à frente. — Sim.

— E o que você decidiu?

Gracin se aproxima o suficiente para levantar meu queixo com um dedo. Sua expressão é séria, embora mal consiga abrir um olho, seu olhar é solene. — Eu decidi que estava certo quando tranquei você aqui para que você não pudesse fugir e se meter em problemas. — Eu me eriço um pouco, mas ele coloca um dedo sobre meus lábios. — Eu queria você aqui para que eu pudesse ter certeza de que você estava segura. Vendo você no armazém assim... não é algo que eu nunca vou esquecer. Percebi quando você entrou correndo na sala e Danny virou a arma para você que eu não queria passar outro dia sem você nele. Deixar você sair seria exatamente isso, então vou acorrentar sua bunda na cama se for preciso para mantê-la em minha vida.

— E se eu dissesse que ainda queria ir embora, você não me deixaria ir?

— Não. — diz ele com uma certeza viciosa. — Não, eu não faria.

Ele faz uma pausa para tomar meus lábios. Eu saboreio a explosão metálica de sangue de seu lábio partido, mas por baixo... por baixo há o sabor inebriante dele e eu suspiro, dando um passo à frente para pressionar contra ele mais completamente.

— Eu não deixaria você ir. — diz ele contra meus lábios — Mas eu passaria todos os dias convencendo você a ficar.

— Como você acha que conseguiria isso? — Estou respirando com mais força agora e meu coração, que ainda está pulsando com a adrenalina da nossa fuga, bate em dobro.

— Que tal eu te mostrar? — ele diz.

Eu tremo contra ele enquanto ele me puxa pelo corredor. Ele dá beijos no meu queixo e orelha, em seguida, xinga baixinho e me cola contra a parede na escada. Minhas mãos vão para sua cintura para puxar as presilhas de seu cinto e puxá-lo contra mim.

— Você está tentando me distrair? — ele pergunta enquanto lambe minha garganta.

— Pode ser. Está funcionando?

Ele cutuca sua ereção contra mim, eu respiro. — Você me diz. — diz ele.

Eu gemo e o puxo pelo corredor. — Acho que preciso de um pouco mais de convencimento — digo com um sorriso travesso. — Isso é se você não estiver muito ferido.

Chegamos à sua porta, ele pressiona em mim por trás, a dureza de seu pau cutucando contra a minha bunda. — Nunca. Eu estaria morrendo e ainda seria difícil para você.

Ele abre a porta, nós caímos dentro o suficiente para fechá-la. Eu me esforço para me virar, mas ele mantém minhas costas pressionadas em sua frente e arruma minhas mãos acima da minha cabeça.

— Mantenha-os lá. — ele rosna, estou tão tensa que não tenho força de vontade para discutir.

Atrás de mim, ouço o som dele tirando as roupas, o tilintar da fivela do cinto se abrindo, o bater dele no chão, o clique do zíper, o sussurro das calças batendo no chão. No momento em que sinto seu calor nas minhas costas novamente, estou tremendo.

Começo a abaixar as mãos, o que me dá um beliscão no ombro em retaliação. — Eu pensei que eu disse para mantê-las lá.

— Por favor. — eu sussurro. — Eu quero te tocar.

— Você irá. Paciência, ratinha. — Ele beija o local que mordeu e o acalma com a língua.

Faço o que ele pede, mas apenas porque ele continua me tocando sem interrupção. Minha cabeça cai para trás, eu gemo para o teto enquanto suas mãos espalmam meus seios, amassando o tecido fino da minha camisa.

— Tire isso. — eu imploro, ele faz, deslizando a camisa sobre a minha cabeça e jogando-a fora. — Tudo isso.

Desta vez, ele brinca em vez de ouvir, isso me faz passar de um pé para o outro e jogar meu cabelo para trás. Suas palmas seguram meus seios sobre meu sutiã e então ele está desenhando círculos ao longo do algodão. Há estofamento suficiente para que eu não possa senti-lo, mas sei que seu

toque está a apenas uma camada de distância e isso me deixa louca.

Quando estou me contorcendo sem pensar contra ele, ele puxa as xícaras para baixo para me expor ao seu toque. Dedos habilidosos prestam homenagem aos meus mamilos, puxando gemidos mais profundos de mim. Ele os aperta, apenas o suficiente para me causar dor e prazer, e então ele solta o fecho e suas mãos viajam até o cócs do meu jeans.

Minha respiração para no meu peito enquanto seus dedos dançam ao longo da borda.

— Por favor. — eu sussurro e desta vez ele me dá o que eu quero desabotoando minhas calças e mergulhando por baixo.

Ele usa uma mão para virar minha cabeça para que possa encontrar meus lábios e a outra para encontrar a umidade com o menor roçar de seus dedos.

— Tão pronta. — diz ele. — Eu acho que você gosta da ideia de ficar aqui comigo. Minha ratinha se transformou em uma gata?

Murmuro palavras ininteligíveis contra seus lábios e o sinto sorrir. Meu coração dá um salto no peito e sei que não haverá como sobreviver a ele. Não há recuperação para o que ele faz comigo. Sem ir embora. Mesmo que fosse uma opção, acho que não conseguiria.

Sua língua invade, saqueia, conquista, eu o encontro golpe por golpe, provocando um gemido do fundo de sua garganta. A mão na minha garganta aperta, me lembrando infalivelmente da primeira vez que ele me colocou contra uma parede. A memória vem à vida e me faz mover contra ele, quadris procurando por um alívio do furacão chicoteando dentro de mim.

Ele apenas se aproxima, então estou presa entre seu corpo e a porta. Eu tremo com a necessidade de liberação, a dor de tocá-lo e expressar todas as coisas que não posso com palavras.

— Shh, eu tenho você. — diz ele enquanto seus dedos começam a se mover contra mim.

Tudo o que posso fazer é levá-lo. Ele continua a doce tortura até a porta vibrar com o resultado da tensão crescendo dentro de mim. Apenas

quando eu acho que ele vai me empurrar sobre a borda, ele se afasta e permite que meus braços caiam para os lados.

Eu me viro, ele me pega em seus braços e me guia para a cama. Avidamente, eu o pego em meus braços e aceito seu peso em cima de mim. Minhas pernas envolvem sua cintura e o puxam para perto.

— Espere. — diz ele, um sorriso em sua voz. — Não tão rápido, pequena pagã.

— Mal posso esperar. — digo a ele e ondulo contra ele. — Agora.

Ele puxa meu jeans para baixo com o pouco espaço que eu permito que ele tenha e então ele está de volta contra mim. — Vou tomar meu tempo. — diz ele.

E ele faz.

Parece uma espécie de penitência por tudo que ele já fez de errado comigo. As manipulações quando ele estava na prisão, me trancando, sendo responsável pela minha dor. Ele me adora com os toques mais suaves, as carícias mais enlouquecedoras até que estou perto das lágrimas com o poder da minha necessidade. Ele nunca pediu desculpas pelo que fez, percebo que ele não precisa mais do que eu tenho que agradecê-lo por me salvar.

Lágrimas escorrem dos cantos dos meus olhos e ele as lambe assim que empurra dentro de mim. Minha respiração fica presa na minha garganta quando seu piercing atinge todos os pontos sensíveis dentro de mim e os acaricia para a vida.

Suas estocadas são lentas, medidas, quando eu abro meus olhos, eu o encontro me observando.

— Fique comigo. — diz ele logo antes de sua boca encontrar a minha em um beijo suave. — Diga-me que você vai ficar comigo. Eu não posso te perder.

Eu levanto minhas mãos para seu cabelo e olho em seus olhos. — Você não poderia se livrar de mim se tentasse.

Minhas palavras fazem algo com ele e suas estocadas aceleram. Seu

aperto convulsiona em torno de mim e eu percebo que talvez ele precise de mim para acalmar as partes quebradas dele tanto quanto eu preciso dele para me mostrar que há alguém que precisa de mim em troca.

Quando eu chego ao redor dele, cercada por seus braços e ancorada por seu peso, eu sei que não há uma chance no inferno de eu desistir de mais um minuto sem ele ao meu lado. Se ele é um vício, congratulo-me com a pressa. Dê-me outro golpe, outro e outro, até que me mate ou me dê um gostinho do céu.

Eu me perco em seu beijo, seu toque, seu amor tóxico.

EPÍLOGO

— A promotoria chama Tessa Emerson para depor.

Em outra vida, enquanto eu caminhava para a arquibancada, o medo teria me mantido em suas garras, assim como meu ex-marido fez na época em que nos casamos. Eu não sou estranha ao seu abraço escuro, mas agora eu enfrento meus medos em vez de correr.

O oficial de justiça me leva até a arquibancada, eu me sento de frente para uma sala cheia de pessoas que já assistiram a horas de depoimentos de testemunhas. Houve alguns guardas que testemunharam que Vic era um homem e marido honesto, mas esses testemunhos foram cancelados assim que Annie prestou depoimento. Aparentemente, eu não tinha escondido nada dela, ela contou cada hematoma e costela quebrada que eu tinha aparecido para trabalhar. Isso não era tudo. Ela produziu fotos e mais fotos minhas na minha mesa, eu debruçada sobre os pacientes e eu abraçando minhas costelas... em cada um delas, o júri pôde ver as flores roxas e azuis sobre minha pele em vários pontos.

— Você jura solenemente que vai dizer a verdade, toda a verdade e nada além da verdade, então Deus te ajude? — O oficial de justiça diz com uma voz entediada.

— Eu faço. — eu digo.

Gracin não está na sala, é claro, pois é procurado pelo assassinato de Tino Salvatore e por sua fuga, mas está por perto, observando. Esperando. Eu tiro forças desse conhecimento enquanto a promotoria me interroga sobre meu casamento com Vic. Eu respondo as perguntas deles da forma mais honesta que posso. Quando atirei nele, agi em legítima defesa, eles não têm provas para dizer o contrário.

— Você quer dizer que ficou em um relacionamento abusivo por anos? Você já tentou sair?

— Sim, em várias ocasiões.

— E o que aconteceu?

— Ele me bateu.

O advogado sorri, o público sussurra. — Você não pensou em ir à polícia e denunciar o comportamento dele?

— Eu fiz, uma vez.

— Uma vez? E o que aconteceu?

Volto minha atenção para o Honorável Juiz Edward Milton, que se mexe na cadeira, levanto as sobrancelhas, silenciosamente perguntando se ele realmente quer que eu responda a essa pergunta em um tribunal aberto. Ele chama um recesso, mas isso não importa. Uma vez que Gracin e eu decidimos que seria do meu interesse limpar meu nome, eu sabia que era apenas uma questão de tempo antes de ficar cara a cara com o homem que me disse que as mulheres deveriam obedecer a seus maridos. A palidez cinzenta em seu queixo triplo me diz que ele também não se esqueceu de mim.

À medida que a sala do tribunal se esvazia, o oficial de justiça me dá permissão para descer do banco. O promotor zomba de mim, eu lhe dou uma piscadela em troca. Não é culpa dele que ele tenha um emprego ingrato, além disso, tenho coisas maiores com que me preocupar.

Espero no corredor até que esvazie completamente. Quase todos os funcionários aproveitaram a calmaria para sair para almoçar, então ninguém percebe quando eu manobrei cuidadosamente a corda de veludo que delineia os setores público e privado do tribunal. Ninguém me para no caminho de volta para as salas privadas do juiz. É uma cidade pequena e embora todo mundo conheça todo mundo, eles também são muito educados para me dizer que eu não deveria estar lá.

Chego à porta do juiz Milton e entro sem bater. Ele não parece muito surpreso em me ver, considerando que ele está mais focado na arma que Gracin tem contra sua têmpera. Fecho a porta atrás de mim e me sento em uma cadeira de couro confortavelmente gasta, situada na frente de sua mesa.

O juiz Milton abre a boca para falar, mas ela se fecha quando Gracin o cutuca com a arma. — Esta não é a vez de falar. Esta é a vez de ouvir.

— Eu vejo que você se lembra de mim. — eu digo. — Bom, então você deve saber por que estou aqui. Eu vou manter isso rápido porque você não vale a pena desperdiçar meu tempo. Eu serei inocentada de todas as suspeitas na morte do meu marido, você se certificará de que isso aconteça. Bem, eu não acho que precisamos ser grosseiros. Você entende?

Uma gota de suor escorre por sua testa e cai sobre sua mesa impecável. Quando ele não responde, eu me inclino para frente. — Esta é a parte de falar.

Algumas horas depois, saio do tribunal e entro no SUV comum esperando no meio-fio. Gracin me puxa pelo pescoço e me beija longa e duramente, alheio à fila de carros atrás de nós esperando que nos movamos.

— Você é uma mulher livre agora. — ele diz quando termina. — O que você vai fazer com o resto de sua vida?

— Essa é uma boa pergunta. Tem alguma ideia?

Ele me envia um olhar que faz meu estômago apertar em antecipação. — Ah, eu tenho algumas.

— Tenho certeza que sim, mas temos que fazer uma coisa primeiro.

Ele pega minha mão e a pressiona em seus lábios enquanto navega pelo trânsito. — Sim? O que é isso?

— Por que eu não te mostro? — Eu digo quando chegamos a um semáforo.

Gracin olha, eu tiro uma foto da minha bolsa e entrego a ele. — O que temos aqui? — ele pergunta.

— Uma surpresa. — eu digo. — Você pode querer encostar, para não bloquear o tráfego.

— Eu gosto de surpresas. — Ele faz o que eu instruo e sai da estrada e entra em um estacionamento vazio.

Se há memórias que me mantêm acordada à noite e me fazem questionar por que fui colocada nesta Terra para suportar as coisas que

tenho, também há memórias que me lembram de por que continuo, continuo lutando. Muitas delas apresentam Gracin de uma forma ou de outra. Mas nenhuma delas nunca vai superar esta.

— Tessa, o que é isso? — ele pergunta, embora nós dois saibamos a resposta.

— Gracin, eu não sei o que o futuro reserva para nós, eu não me importo. Tudo o que sei é que não consigo imaginar um sem você nele. Eu te amo tanto. Achei que nunca teríamos essa chance novamente, mas agora que temos, estou tão feliz que seja com você.

Ele ergue os olhos da foto do ultrassom e diz — Você está grávida?

Antes que eu possa responder, ele me pega em seus braços e me esmaga em seu peito.

— Não há palavras para descrever o que sinto por você. — diz ele. — Mas se houvesse, elas ainda nunca seriam suficientes.

— Então, você está feliz? — Eu pergunto enquanto lágrimas de felicidade enchem meus olhos.

— Estou em êxtase, querida. — Ele me beija de novo e depois diz. — Vamos para casa.

FIM.

Notas

[←1]

2,5 crianças, uma característica estereotipada da vida familiar normal americana, frequentemente usado ironicamente como deboche a média familiar de crianças nas famílias americanas.

[←2]

Fonte termal que lança no ar jatos de água ou vapor em intervalos regulares, junto a qual é comum o depósito de geiserita (uma variedade de opala, de textura porosa).

[←3]

Lixo branco é um insulto racial, relacionado à classe social, utilizado no inglês americano para se referir a pessoas brancas pobres, especialmente de zona rural do Sul dos Estados Unidos. Referindo-se a uma classe social dentro da população branca com padrão de vida degradado.

[←4]

Península Superior ou Michigan Superior, é uma das duas grandes penínsulas do Estado do Michigan, nos Estados Unidos.

[←5]

Série de TV americana, que se passa em torno de uma casa assombrada.

[←6]

São filmes que mostram mortes ou assassinatos reais de uma ou mais pessoas, sem efeitos especiais, para supostamente chocar o espectador ou como contam as lendas, satisfazer um público mais sádico.

[←7]

Apelido para faca ou espada.

[←8]

Lalaland significa estar fora da realidade, apagado.